

Índice

[Prefácio](#Top_of_part0003_xhtml)

[Prefácio](#Top_of_part0004_xhtml)

[Introdução](#Top_of_part0005_xhtml)

[Capítulo 1](#Top_of_part0006_xhtml)

[Capítulo 2](#Top_of_part0007_xhtml)

[Capítulo 3](#Top_of_part0008_xhtml)

[Capítulo 4](#Top_of_part0009_xhtml)

[Capítulo 5](#Top_of_part0010_xhtml)

[Capítulo 6](#Top_of_part0011_xhtml)

[Capítulo 7](#Top_of_part0012_xhtml)

[Capítulo 8](#Top_of_part0013_xhtml)

[Capítulo 9](#Top_of_part0014_xhtml)

[Capítulo 10](#Top_of_part0015_xhtml)

[Capítulo 11](#Top_of_part0016_xhtml)

[Epílogo](#Top_of_part0017_xhtml)

Bebendo nas Fontes

Um apelo ao Judeu e ao Cristão

para que notem seus princípios comuns

Jacques B. Doukhan

Prefácio

O leitor não terá dificuldade em sentir a profundidade e a complexidade do drama que Jacques Doukhan analisa neste volume. Ele pensa em seu esforço como um grito angustiado nascido do desespero - uma busca apaixonada pela saída de um dilema. Mas em que plano ele opera? É de teologia ou psicologia? Ou ambos?

O cisma entre Israel e a Igreja está enraizado nas realidades mais profundas da história; não pode ser entendido a menos que se tenha constantemente em mente as perspectivas históricas desse cisma. A pior tentação que pode acontecer a alguém - aqui, como em outros lugares - é projetar no passado, as condições como elas existem no presente; isto é, proceder como se na época de Jesus o Cristianismo e o Judaísmo existissem como fazem hoje ou como fizeram após a conversão de Constantino no quarto século.

Outro erro, tão palpável e consequente, é considerar o julgamento de Jesus separado do contexto e, assim, torná-lo um debate acadêmico apenas entre especialistas. Mas Fílon havia declarado antes que os quatro Evangelhos fossem escritos que o sumo sacerdote do templo de Jerusalém era o Filho de Deus e da Sabedoria. Ele foi crucificado por isso?

Quando Jesus disse que Ele era o Messias, sua alegação não teria consequências em uma terra ocupada por legiões romanas desde 66 aC? Em uma terra onde líderes de movimentos de resistência tinham sido proclamados regularmente rei e messias de Israel por suas tropas? Infelizmente, as aventuras messiânicas não eram incomuns naqueles tempos! Muitos deles terminaram em massacres atrozes - desde Judas, o Galileu, que pregou a revolta contra Roma quando Jesus era criança, até Bar-Kokhba.

Como Israel vivia constantemente sob a ameaça de extermínio por pagãos, bárbaros e Roma imperial, não eram os homens responsáveis por seu bem-estar e destino estarem extremamente preocupados com a crescente onda de outro movimento messiânico? E especialmente desde que esta última manifestação foi liderada por um Cristo auto-proclamado com uma personalidade avassaladora? A palavra de Caifás de que era vantajoso que um homem morresse para salvar a nação deveria ser entendida à luz da dura realidade da repressão romana, que, segundo Tácito, era responsável por 600.000 vítimas crucificadas.

Além disso, é absurdo colocar o cristianismo contra o judaísmo antes do segundo século. Como Israel vivia constantemente sob a ameaça de extermínio por pagãos, bárbaros e Roma imperial, não eram os homens responsáveis por seu bem-estar e destino estarem extremamente preocupados com a crescente onda de outro movimento messiânico?Israel, na época de Cristo, foi dividido em uma multidão de escolas e seitas, que se opunham umas às outras em amargas lutas. A ferocidade da disputa foi alimentada pelo desejo de cada campo de ser o líder espiritual do povo judeu.

Apenas duas seitas sobreviveram aos massacres romanos de 70 d.C. e 134 d.C. os fariseus e os cristãos. A primeira foi levar os sobreviventes da guerra judaico-romana a salvar os vestígios do passado enquanto aguardavam a salvação de Israel. O segundo foi expulso das sinagogas pelos fariseus, que acabaram assumindo o controle monolítico do judaísmo.

O cisma entre esses dois grupos sofreu uma mudança de caráter após a destruição do templo de Jerusalém em 70 d.C. As relações entre o judaísmo farisaico e os cristãos pioraram significativamente em 134 d.C após a tentativa de genocídio perpetrada por Adriano. Mas o cisma se ampliou para dimensões graves após a conversão de Constantino no século IV, quando o cristianismo tornou-se a religião oficial de um império que o judaísmo odiava não apenas porque (1) era pagão, mas ainda mais porque (2) o Império Romano pôs fim ao reino da Judéia - a última esperança terrestre de Israel antes da esperada hora de sua "ressurreição".

Roma devastou Atenas, destruiu as fontes da cultura gaulesa e quase conseguiu sua tentativa de genocídio contra os judeus antes de se tornar oficialmente cristã e a sede da autoridade papal. Depois do quarto século, o conflito judaico-cristão assumiu as características denunciadas por Jacques Doukhan. Mas mesmo assim as controvérsias teológicas mascararam as verdadeiras razões do cisma, que só pode ser encontrado nas situações e aspirações históricas da Igreja e de Israel:

A Igreja partiu para conquistar o mundo greco-latino para o Cristo Rei. Israel, para todos os propósitos práticos, se fecha a partir daquele mundo em um esforço para preservar a língua e a cultura da tradição hebraica, conforme estabelecido nas Escrituras Hebraicas. As esperanças de Israel se inclinaram para a hora de sua redenção como povo e um lugar centralizado em Jerusalém.

Este livro que Jacques Doukhan oferece para nossa meditação produz um sentimento estranho. Eu terminei de ler aqui em Jerusalém, a capital do estado de Israel e de uma cultura hebraica ressuscitada.

O antissemitismo que causa o sofrimento cruel de Jacques Doukhan (e que resultou em tantas vítimas) não existe aqui. Nossas crianças judias hoje acham difícil entender o que essa doença significava para seus antepassados. Em Israel, os cristãos e os muçulmanos constituem as minorias. Sofrem, às vezes, não apenas por causa do fenômeno da minoria (que opera aqui como em outros lugares), mas também por causa do estado de guerra e de suas terríveis conseqüências que continuam a assolar o Oriente Próximo.

Por outro lado, a frase que Jacques Doukhan cita Albert Memmi, que lhe causa óbvia mágoa - “O convertido é um destruidor e um traidor que merece toda e qualquer punição” - não faz muito sentido aqui. Extremistas judeus empenhados na defesa da ortodoxia da diáspora podem parecer tomar tais declarações pelo seu valor nominal. Mas, aos olhos da maioria dos cidadãos de Israel, a realidade é bem diferente: a liberdade religiosa existe aqui. Os judeus convertidos ao cristianismo ainda podem manter a cidadania total no estado de Israel. Ninguém pensaria em infligir-lhes “toda e qualquer punição”. Pelo contrário, a alguns deles são confiadas funções úteis no país, notadamente em uma mediação essencial e contínua entre Israel e o Cristianismo.

Essa mudança de atitude torna-se ainda mais significativa à medida que os fariseus continuam a perder o monopólio que detiveram durante 2000 anos sobre a vida espiritual de um povo que conseguiram manter juntos durante os corrosivos séculos no exílio. Israel, ressuscitada em sua própria terra, encontrou novamente um pluralismo que rejeita o dogmatismo e a inflexibilidade doutrinal que eram necessários durante a diáspora - uma época em que os perigos internos e externos ameaçavam a própria existência do povo judeu. No plano político, Israel abriga possivelmente mais partidos, opiniões e pontos de vista do que qualquer outra nação. Na área da religião, na ausência de um magistério supremo, todo judeu cria sua própria religião pessoal dentro das ricas tradições dos seus pais.

Portanto, uma parte substancial da análise de Jacques Doukhan se aplica às condições da diáspora. Isso é muito evidente em relação aos judeus, mas também é verdade para os cristãos. Já indiquei que os cristãos são uma minoria em Israel. Mas essa minoria não é monolítica. Em Jerusalém, trinta e três confissões cristãs coexistem sem muito em comum, a menos o fato de se chamarem cristãs. Seus dogmas, suas teologias, seus ritos religiosos, suas culturas, sua história e até seus calendários variam. Para passar de uma igreja cristã para outra, o observador deve dar um salto muito mais considerável do que, por exemplo, passar de uma igreja católica ou protestante para uma sinagoga em Paris ou Nova York. De muitas maneiras, um bispo copta e um pastor norte-americano, um ortodoxo russo e um católico romano sul-americano, são considerados menos parecidos do que se tivessem vindo de mundos religiosos distintos. Por causa dessa situação moderna, as perspectivas históricas lançadas nos moldes dos tempos do exílio (pré-1948) são trazidas de volta para nos assombrar.

Jacques Doukhan está certo quando, no final de sua apresentação, ele de repente parece estar envolvido por uma dúvida. É quando ele lida com um aspecto dos problemas que ele coloca diante de nós, problemas, além disso, que são mais profundos e mais impressionantes do que ele diz. Esses problemas realmente condicionam o futuro total da humanidade, não apenas o nosso futuro religioso ou espiritual.

Em vez de perseverar nos caminhos antiquados da apologética clássica, as religiões atuais, como enfatiza o Dr. Doukhan, deveriam aplicar-se para medir a extensão das falhas do passado. Nenhum grupo religioso entregou de forma convincente o que prometeu ao mundo: justiça, paz, salvação, amor.

O cristianismo, como o judaísmo, não é mais praticado, exceto por uma minoria dos fiéis; e o número desses fiéis está em constante declínio. As sociedades judaico-cristãs continuam a ser invadidas por um neopaganismo, cujos ídolos são mais mortais do que os profanados pelos profetas nos tempos de outrora.

O mundo judaico-cristão constitui uma minoria em uma comunidade mundial que parece satisfeita em se dirigir à indescritível possibilidade de aniquilação atômica. Tanto judeus como cristãos fingem ser os eleitos de Deus, os representantes na terra do Mestre do universo. No entanto, eles não foram capazes de transmitir sua mensagem salvadora para a Ásia, para a África, não importando as massas cada vez mais paganizadas da Europa e da América. Na verdade, o cristianismo desde Constantino e Judaísmo desde a sua helenização não foram capazes de se libertar do gueto Greco-latino de religião Hebraica, onde os eventos essenciais de sua história teve lugar.

A aflição que Jacques Doukhan expressa em seu Epílogo é justificado, não apenas por causa do drama judaico-cristão (trágico mas cômico), mas também por causa do fracasso comum de Roma e Jerusalém, que aparecem atualmente em todos tribubais da história. A grande conquistadora é Babilônia, cujas legiões que lidam com a morte parecem mais fortes e mais terríveis hoje do que nunca na história. E os Moloques dos tempos modernos, a quem todos servimos com muita freqüência, não estão mais satisfeitos com a carne carbonizada de algumas crianças sacrificadas em seus altares elevados; eles exigem e se preparam para o sacrifício apocalíptico de milhões e milhões de pessoas que, na explosão titânica de ogivas nucleares, podem perecer em um cataclisma cuja escuridão já obscurece o planeta Terra.

Se ainda existe uma chance infinitesimal de sobrevivência para a humanidade, ela pode ser encontrada em uma reconciliação entre Roma e Jerusalém. Jacques Doukhan parece entender isso. Sua busca leva-o para além da mera teologia e mito para um futuro radiante de esperança e paz.

Andre Chouraqui

Prefácio

Eu fiquei muito surpreso no dia quando recebi o manuscrito de Bebendo nas Fontes; até porque eu não conhecia o autor. Minha emoção e interesse aumentaram a cada página, a ponto de não conseguir recusar o pedido de Jacques Doukhan para preparar um prefácio para o seu trabalho.

Eu me sentia incapaz de tal tarefa por duas razões: qualquer habilidade que eu possa ter não está na escrita do prefácio, nem acredito nelas. Com que finalidade elas podem servir? Elas devem incentivar a leitura do livro? Nesse sentido, um artigo em um jornal ou uma resenha certamente seria mais útil. Um prefácio deve aconselhar algum tipo de cautela sobre as teses estabelecidas no livro? Minhas habilidades não são suficiêntes para permitirem que eu faça isso; por minha total incompetência em relação a um aspecto importante de Beber nas Fontes: o Talmude para mim é um documento fechado. Portanto, apenas uma opção resta: agarrar a mão de quem oferece para me guiar e colocar total confiança nessa orientação.

A leitura daquela parte relacionada ao Talmud me causou sentimentos alternados de surpresa, espanto e inquietação. Por natureza, desconfio das melhores desculpas, pois podem ocultar um veneno secreto. Eu também sou naturalmente assustado com analogias de faz-de-conta. Estou menos desconfiado com relação às setenta semanas mencionadas no livro de Daniel, uma vez que a tradição cristã freqüentemente tem utilizado (para não dizer torturado) essas passagens em Daniel.

Estou um pouco, mas não totalmente abalado, já que li Jacques Doukhan com minha aversão normal à pesquisa que leva muito facilmente a construções racionalizadas ou conclusões . O que estou dizendo é que estou em profundo acordo com a conclusão decisiva de Jacques Doukhan na página 71: “Notavelmente, o registro do Evangelho não dá sequer um caso de 'conversão' baseado exclusivamente em uma demonstração racional.”

Que ninguém fique surpreso que eu deva demorar um pouco nessa palavra conversão. O trabalho do Dr. Doukhan deve levar a uma consideração do assunto. Nós cristãos temos maltratado, estragado e desfigurado a palavra conversão no mesmo grau em que temos caridade. E isso não foi feito por acaso, uma vez que o começo e o fim da conversão é o amor. Se a conversão leva a pessoa a uma "ruptura" em sua vida, é para o fim que ele pode amar mais. A conversão não separa uma das outras quando a conduz através do “porta estreita”; o convertido acima de tudo deixa para trás o que ele já foi. Quando a conversão se separa dos vizinhos e dos outros, a conversão escolheu o “caminho largo”, onde a dureza de coração e a amargura de opinião baniram o amor.

A conversão autêntica não transforma um indivíduo em um advogado de defesa ou de acusação, nem torna esse indivíduo um inimigo de ninguém. Ninguém pode ser verdadeiramente convertido contra qualquer doutrina ou comunidade humana. Se assim for, a “conversão” foi meramente uma mudança de ideologia, enquanto a pessoa permanece como antes, alimentada por rivalidade pecaminosa, competição, suspeita e acusação. Tais “conversões” deixam de reconhecer a revelação da paz fornecida à humanidade no seio das escrituras de Israel.

Um é convertido para Deus e não contra as pessoas. Ser para Deus significa estar em harmonia com Ele, que ensinaria a todos os caminhos do amor. A conversão não leva a pessoa a criticar os outros, mas a transformar o eu em pessoa que escolhe refletir seu Deus.

A conversão do coração traz consigo uma conversão dos pensamentos que Deus nos dá para servi-Lo. Essa conversão de pensamentos não deve ser confundida simplesmente com a tomada de posições contrárias àquelas que nos nutriram no passado e que nossos irmãos de ontem ainda professam. Tal "mudança" diminui uma fé viva e a transforma em uma mutação puramente intelectual.

A conversão do pensamento verdadeiro não é um raciocínio por antítese. Quem pode descrever o quanto as Escrituras Judaicas e o Novo Testamento foram distorcidos pelos promotores das antíteses? Quem poderia medir os efeitos nocivos causados pelos lógicos que reduzem tudo a dilemas e desprezam a graça de Deus!

O pensamento autêntico de conversão daqueles que amam a Deus procede de profundezas incontidas. É a obediência que cria raízes e não o desenraizar. Deve haver autênticas rupturas na conversão do pensamento entre o povo de Deus, isso não significa que devemos abandonar o campo que nos enriqueceu até agora, em favor de outro. Significa, sim, que agiremos como um bom profissional escavador. Ele não se contenta em julgar apenas a aparência exterior do solo; pelo contrário, ele cava fundo. Portanto, devemos descer além da crosta das tradições recentes. Devemos dominar as camadas mais profundas de nossa herança, onde veremos novamente a completa riqueza que Deus depositou nessas camadas para nós. Sobre essa profunda herança comum, tanto judeus como cristãos, por causa de nossas infidelidades, acumulamos nossos tipos particulares de desprezo.

Eu realmente toquei apenas de leve em uma área em que ainda temos muito a descobrir. Minhas observações foram inspiradas tanto pela história de - um espelho infalível das relações entre Judeus e Cristãos - quanto pelos estudos de Jacques Doukhan. Em tudo isto ouço um chamado para examinar cuidadosamente nossos corações e nossos pensamentos, cujo exame constituirá de nossa parte a mais humilde e verdadeira conversão ao Senhor.

F. Lovsky

Introdução

Um Grito

Estamos prestes a levantar algumas questões que nunca deixam de despertar as paixões dos homens. Isto é assim porque estas questões tocam em conceitos e sentimentos altamente explosivos que mantiveram duas comunidades influentes - Judeus e Cristãos - em suas mãos por dois milênios. Mesmo agora, enquanto escrevemos, essas comunidades estão enfrentando essas questões geralmente com julgamentos implacáveis, dogmas inflexíveis e preconceitos arraigados.

Confuso e aparentemente castigado com antecedência, tenta-se reunir novas palavras e idéias apenas com maior a dificuldade.

A tentação é gritar de angústia e frustração!

Na situação atual podemos notar a estranha e expressiva imagem do cão chamado Balaque, cuja história é contada por Agnon. Balaque era amigável e inofensivo, e regularmente ficava estendido nas ruas de Jerusalém. Um pintor passou um dia e, motivado pelo desemprego, pela crueldade sádica ou simplesmente por uma tolice, pintou nas costas do cachorro as palavras “Cachorro Louco”. Esse foi o começo de uma experiência assustadora para o pobre Balak. As palavras ficaram no cachorro e determinaram seu destino. Ele foi perseguido, apedrejado e banido da cidade.

Qual foi essa terrível verdade que todos sabiam sobre ele, mas que escapou do alcance da vista? O cão sem dúvida imaginou que as letras escritas em suas costas tinham algo a ver com a aflição. Incapaz de aguentar mais, ele queria entender. Então foi isso de novo e de novo ele virou a cabeça para tentar descobrir a verdade do mal. Ele virou-se e virou-se até ficar exausto, mas seu esgotamento foi em vão: Ele não sabia ler! Fadiga foi seguida por perplexidade. Todos sabiam sobre a verdade que ele carregava nas costas; mas ele, o dono dessa verdade, não sabia o que era. Ele soltou um longo uivo de pesar, como se perguntasse: 'Que verdade, o que é isso?' "2

O cão Balak estava dolorosamente consciente da escandalosa injustiça do seu destino. Balak não pôde ler o rótulo, então ele não estava vinculado a ele. Consequentemente ele foi colocado na melhor situação para encontrar a verdade. Balaque foi o único que conseguiu descobrir a verdade, porque ele morava só dentro do único realmente preocupado e seriamente afetado por isso.

Da mesma forma Judeus e Cristãos, um pelo outro, carregam o fardo de rótulos falsos. Nós testemunhamos a angústia e a injustiça disso e não podemos mais segurar o choro e o questionamento de nossa mente e coração. A questão colocada por Balaque nos atormenta. Nós ansiamos intensamente por uma resposta. A verdade que procuramos nos interessa pessoalmente.

Como judeus, certamente estamos envolvidos neste problema. Em um sentido muito especial, é nosso problema. Devido ao nosso status Judaico - tanto o autor quanto os leitores Judeus - Devemos ser considerados seguros em nossa busca de qualquer pensamento de antissemitismo consciente ou inconsciente. Somos, portanto, imunes àquele ódio que tantas vezes, consciente ou inconscientemente, deriva dele.

Como judeus e cristãos, acreditamos que podemos prosseguir com uma objetividade ainda mais rigorosa do que seria possível em nossa investigação sobre a origem e a natureza desse conflito, que é verdadeiramente como brasas ardentes em nosso peito. Mas a dor pode ser frutífera se colocarmos o problema de uma maneira que identifique claramente os fatores históricos, teológicos e humanos que levaram a Igreja e a Sinagoga à separação dos caminhos.

É muito importante que saibamos a verdade que foi confiada tanto ao judeu quanto ao cristão, a fim de medirmos a distância percorrida, possivelmente a deriva experimentada, e a gravidade do mal-entendido que os separa.

É muito importante para nós bebermos nas fontes, para que finalmente, libertados das intoxicações do erro, possamos, de alguma forma, pensar livremente, o que é pensar corretamente.

O Problema

Se a questão judaica ainda é colocada hoje com tanta nitidez, é certamente porque aparece contra um pano de fundo de paixão e agressividade. Conflito e oposição, na verdade uma ruptura em grande escala há muito tempo deu origem à situação atual. Os atores do drama são caracterizados, por um lado, como “rígidos” e, por outro, como “impostores”. Enquanto isso, os envolvidos “parecem trabalhar febrilmente e da melhor maneira possível para aprofundar o abismo que os separa. Desta forma, eles exibem uma negação igual dos mandamentos fundamentais do Deus sobre quem reivindicariam um monopólio. A história é muito triste e sem honra para a Igreja ou a Sinagoga. ”3 Se todas as pessoas fossem judeus ou cristãos, não haveria nenhuma questão judaica. A questão surgiu na esteira da separação amarga, quando ambos se afastaram em confronto total, lançando acusações e desprezo em nome de sua verdade.

Nossa primeira tarefa deve ser resgatar fatos históricos da ficção, na tentativa de descobrir o que de fato foi responsável pelo cisma. O assunto é atado com complexidade incomum, porque a separação não veio de repente nem foi clara. De primordial importância será a identificação, do ponto de vista de cada lado, dos fatores verdadeiramente decisivos e dos argumentos que ambos os lados usaram na construção de muros aparentemente intransponíveis. Então seremos mais capazes de definir claramente a origem e a natureza da separação e determinar, de boa fé, exatamente o que está envolvido nesse drama eterno.

Capítulo 1

O Argumento Teológico

"A mudança do sábado para o domingo como dia de adoração... fez uma escolha entre os dois imperativos. É compreensível, à luz da mudança, que a conversão ao cristianismo possa parecer aos judeus uma negação do judaísmo. Essa era uma questão de consciência cuja importância eu não minimizaria.” - Cardinal Danielou

O fator verdadeiramente decisivo que separa o judeu e o cristão de 2000 anos atrás foi antes de tudo teológico. E deixe-me dizer, sem demora, que esse fator de separação se deve à iniciativa de uma maioria crescente dentro da cristandade. Os primeiros cristãos sentiam que a emancipação do pano de fundo judaico era essencial, que deveria ficar claro que o cristianismo era uma “Nova Aliança” sem nenhum apego ao que foi chamado de “Antiga Aliança”. Separação da árvore original, até mesmo um desenraizamento, foi considerado de primeira importância. O cristianismo não deveria ser uma extensão de Israel.4

Essa necessidade teológica cresceu em importância com o passar do tempo. E deve-se admitir que a obra de evangelizar os pagãos romanos representou um grave obstáculo devido aos requisitos “judaicos” e à Lei das Escrituras judaicas, que ainda fazia parte da teologia cristã nos primeiros anos.

A separação veio no cristianismo quando um grande segmento reagiu contra o judaísmo ao rejeitar sua lei. Deve ficar claro aqui que, por lei, não estamos nos referindo às leis de culto tais como as estabelecidas em Levítico. Não muito tempo depois do início do cristianismo, o templo de Jerusalém havia desaparecido. A questão que permaneceu entre as duas religiões só poderia dizer respeito a um grupo particular de leis que permaneceu.

Entre esse grupo particular de leis, o sábado merece a maior atenção, porque se tornou o foco da controvérsia judaico-cristã. Foi realmente em relação ao sábado que as duas comunidades assumiram suas posições opostas, a ponto de, no cristianismo oficial, “guardar o sábado” ser equivalente a “judaizar. “5 Para marcar uma distinção completa do judaísmo, a maioria dos cristãos julgou necessário rejeitar o sábado.

Com certeza, o cristianismo primitivo não teve nenhum problema em observar o sábado. Mas o desejo cresceu em força para se distinguir dos judeus, e eles escolheram marcar a nova dispensação no calendário, substituindo o sábado pelo domingo como dia de adoração.

A mudança começou timidamente no final do primeiro século, como fica evidente nesta observação isolada de Inácio de Antioquia: “Aqueles que viveram de acordo com a velha ordem encontraram a nova esperança. Eles não mais observam o sábado, mas o Dia do Senhor - o dia em que nossa vida ressuscitou com Cristo e por Sua morte. ”6

No entanto, na época da heresia marcionita, no segundo século, a reação cristã à identificação com os costumes judaicos tornou-se importante. Assim, Marcião de Sinope ordenou o jejum no sábado, justificando assim: “Porque é o descanso do Deus dos judeus, que criou o mundo e descansou no sétimo dia”, escreveu ele, “nós jejuamos naquele dia. para não cumprir naquele dia o que foi ordenado pelo Deus dos judeus. ”7

A reação cristã se refletiu na atitude do bispo Victorinus de Pettau, no terceiro século, que não queria que parecesse que ele “observava o sábado dos judeus” .8

cOs conselhos imperiais do século IV foram decisivos, pela primeira vez oficialmente, devido à obsessão de não ser identificado como os judeus, a observância do domingo foi oficializada por decreto.9 Um exemplo, entre outros, foi o Concílio de Laodicéia (realizado entre 343-381 d.C. data exata desconhecida): “Os cristãos não devem judaizar descansando no sábado, mas devem trabalhar naquele dia, honrando, em vez disso, o dia do Senhor, descansando, se possível, como cristãos. Contudo, qualquer que for achado judaizante, seja anátema de Cristo. ”10

Parece claro, então, que por causa da determinação de se desassociar dos judeus, o cristianismo rejeitou a observância do sábado histórico. ”Nem foi por acaso que tudo isso veio à tona no século IV - o século de Constantino e o tempo em que a Igreja se tornou a religião oficial do estado.

Esses dois eventos estão intimamente relacionados historicamente. A Igreja tornou-se um poder no império por causa de sua maravilhosa capacidade de adaptação. Ao rejeitar a chamada Lei mosaica e adotar o domingo como dia de adoração (que também foi um dia sagrado para os romanos, que adoravam o sol) 12, o cristianismo facilitou muito sua tarefa. Praticamente falando, não seria melhor descartar o sábado para evangelizar mais livremente os pagãos? Aos olhos dos líderes da igreja, esta se tornaria muito mais forte.

Mas abrir uma porta era fechar outra. Por sua rejeição do sábado, a Igreja era de fato mais bem-sucedida entre os pagãos, que agora podiam ser incorporados em massa; mas eliminando o maior obstáculo no caminho dos gentios, a Igreja construiu um grande obstáculo para os judeus.

Com esta ruptura aberta sob Constantino, a Igreja selou seu destino. Daí em diante, nenhum diálogo real foi possível entre cristãos e judeus. O cristão assumiu sua posição com Cristo e reprovou o judeu por rejeitá-lo; o judeu tomou sua posição pela Lei, como um meio de justificar sua recusa.

Qualquer que fosse o valor intrínseco que a Verdade pudesse ter, o judeu não poderia aceitá-lo a menos que atendesse ao antigo critério: “À Lei e ao testemunho! Se eles não falarem desta maneira, jamais verão a alva.” Isaías 8:20. (Almeida Revista e Atualizada). Todos os dias o judeu descobria na lei uma definição de seu papel como judeu. Rejeitar essa lei era nada menos que auto-rejeição, o que era pura traição.

“Se Israel não aceitar a Torá, diz Deus aos seus anjos, você e eu não podemos mais subsistir.” 13

“O Santo, bendito seja Ele, cobriu os israelitas do Monte Sinai com uma cisterna e disse-lhes: 'Se aceitas a Lei, tudo está bem; se não, será o seu túmulo.' ”14

Essas citações do Talmud, que são ainda mais interessantes porque datam do período da separação, oferecem ao judeu sua autodefesa.15 “Nunca podemos abandonar a Lei”, foi a resposta judaica ao proselitismo cristão. “Você também pode nos pedir para negar nosso ser e nosso Deus.”

O historiador Jules Isaac concorda: “A rejeição judaica de Cristo foi desencadeada pela rejeição cristã da lei. A rejeição da Lei foi o suficiente: pedir ao povo judeu que eles aceitassem essa rejeição... era como pedir a eles que arrancassem seu coração. A história não registra nenhum exemplo desse suicídio coletivo.

Pode-se entender, por outro ângulo, como o judaísmo, emergindo da controvérsia com um cristianismo recém-nascido, poderia parecer ao historiador cristão como muito centrado na lei. A lei não se tornou o ponto de reunião? "Por que", perguntou Harnack, "o judaísmo endureceu sua posição dentro da lei? “17 "Porque,” respondeu Marcel Simon, “a Lei era o principal objeto dos ataques cristãos. “18 Isso é simplesmente reconhecer que a Lei era o lugar e a razão da recusa judaica, o que revela, é claro, um círculo vicioso. O judaísmo endureceu sua posição dentro dos limites da Lei porque a Lei era o principal objeto de ataque - "principal", porque esse era o ponto principal que separava os judeus dos cristãos. Por causa da Lei, e não por causa do Messias, os judeus não conseguiram reconhecer a reivindicação do cristianismo de uma verdade mais completa.

Ainda hoje, um dos porta-vozes mais respeitados do judaísmo, Andre Neher, afirma que os conceitos messiânicos do cristão, ao contrário do que se poderia esperar, não são o que separa o judeu do cristão. “Um messianismo judaico levado às últimas consequências é como o cristianismo aparece; e a teologia desse messianismo poderia ser motivo de alarme apenas para um judeu acostumado a considerações mais elevadas. Quantos judeus com almas aventureiras, quantos místicos entre os quais se pode nomear mais do que um sério doutor da Lei, tocaram as linhas das fronteiras entre o cristianismo e o judaísmo desaparecem em sua falta de clareza quanto à sua vontade de permanecer verdadeiras e fiéis? Nós diríamos antes, que eles permaneceram realmente verdadeiros e fiéis. ”19 Poderíamos, portanto, em harmonia com tais afirmações, reivindicar a concepção cristã do messianismo sem trair a essência do judaísmo.

Em vez disso, como Andre Neher esclarece o ponto: se “divergências irreconciliáveis” existem entre o cristianismo e o judaísmo, elas devem ser buscadas no nível da lei.20 A teologia contemporânea judaica continua a colocar aqui o ponto de separação. O judaísmo, de acordo com Andre Neher, é a “Comunidade da Lei”. É isso que o caracteriza em relação ao cristianismo.21 Historicamente, é nesse ponto que o cisma foi concebido.

Pode-se esperar encontrar vestígios desse fato na atual separação judaico-cristã. O conflito sobre a lei ainda é o principal elemento que divide as duas comunidades. Ao rejeitar a lei, a Igreja rejeitou Israel. A estreita dependência entre a lei e Israel tem sido notada por muitos historiadores do cristianismo. “A rejeição de Israel pela Igreja a partir do quarto século”, diz Marcel Simon, “é invariavelmente um corolário para acabar com a Lei.” 22 Assim, o cristianismo tornou virtualmente impossível aos judeus ouvir sua mensagem.

O registro histórico observa que o evangelismo cristão, que teve enorme sucesso até o quarto século entre as massas judaicas, parou de repente.23 Israel, nos termos da Lei, havia sido rejeitado pela Igreja; e suas portas se fecharam para os judeus.

Não se pode imaginar o que poderia ter acontecido se a Igreja tivesse resistido ao compromisso. A expansão do cristianismo teria continuado especialmente bem entre as pessoas de sua origem. O fiel judeu teria aceitado a fé cristã sem obrigação de se converter a uma nova religião. O judeu hoje não estaria em uma disputa com o cristão; para o cristão, por natureza e em Cristo, seria judeu. Em suma, a questão e o cisma judaicos não teriam existido.

Mas os acontecimentos mudaram de forma diferente; e agora a conversão, para o judeu, é equiparada à traição: primeiro, traição de seu Deus; então traição de seu povo. Essa traição é agravada pelo fato de que a ansiedade cristã primitiva de ser distinta de Israel gradualmente se tornou agressiva. Eventualmente, a antipatia obrigou os cristãos a perseguir “esses rebeldes contra Deus”. O antissemitismo nasceu. A questão não era mais de religião ou teologia. A separação judaico-cristã havia se tornado um problema humano completo.

Capítulo 2

O Argumento Humano

“É urgente que os cristãos deixem de uma vez por todas imaginar o judeu em estereótipos produzidos por séculos de antagonismo. Vamos eliminar para sempre e combater com coragem em todas as circunstâncias aquelas representações caricaturadas tão indignas de pessoas honestas e totalmente inadequadas para um cristão, tais como: O judeu é 'completamente diferente de qualquer outra pessoa' - com um pouco de desprezo, até mesmo desprezo - o judeu é ambicioso e conspirador e pratica usura; e ainda outro mais terrível em suas conseqüências faz o judeu culpado de deicídio. Tais estereótipos podem ser chamados de infames, embora ainda circulem abertamente ou por inferência. Denunciamos tais práticas de qualquer forma.“24

Em nossa consideração da Lei como ponto que a separação judaico-cristã começou, havia espaço para discussão e argumentação. Mas quando lidamos com as conseqüências humanas da separação, a discussão livre e o julgamento suspenso não fazem mais sentido. Nem é possível. Não estamos mais lidando com uma idéia - uma opinião teológica - mas com um estilo de vida. O antisemitismo é tão profundamente enraizado na humanidade, tem se apegado tanto ao subconsciente da humanidade, além de pensamentos e atos, que tragicamente fechou a maioria das portas humanas para os judeus. De uma maneira única, a vida para eles não é abre-te Sésamo.

Antissemitismo existe, inegavelmente. Infelizmente, poucas pessoas entendem a grave ameaça que esse monstro representa. Alguns até duvidam da existência do monstro. A própria experiência pessoal de um judeu ressalta um antissemitismo diário que surge com má vontade e entrelaçado com lendas e contos absurdos - até mesmo nas mentes cristãs. A situação parece incrível!

Não importa quão grande ignorância e indiferença pública possa ser, o antissemitismo é um fato da vida moderna. E a doença é grave. No entanto, antes que possamos realmente remover esse mal, devemos primeiro entender o que é e o que faz para nós - tanto judeus quanto cristãos. Como chegamos ao ponto em que agora parecemos estar? O antissemitismo tem origem e evolução. O demônio pode ser exorcizado? A obrigação é colocada sobre nós para responder a estas questões legítimas, porque, se não por outra razão, o antisemitismo continua a desempenhar um papel crucial na separação judaico-cristã.

Antissemitismo - Sua identidade

As raízes do antissemitismo, consciente ou inconscientemente, encontram-se profundamente no subsolo histórico do ódio, preconceito e erro. Ela se manifesta de duas maneiras: (1) um estereótipo rígido de um judeu baseado em juízos subjetivos; (2) uma construção teológica particular em relação à separação entre judeus e cristãos.

Antissemitismo psicológico. Aqui é a fonte daqueles sorrisinhos inteligentes que pretendem dizer mais do que eles fazem. Aqui também está a base para um lamentável vocabulário gerado por nossa atual civilização que, por édito inflexível, coloca o judeu em um atavismo concreto (manifestação de características primitivas de uma família ou raça) do qual ele nunca pode escapar e que ele nunca consiga entender porque não faz sentido. Desta fonte também vem “um retrato traçado por outros, no qual o judeu não se reconhece. “25

A imaginação se juntou à psicologia para equipar o judeu com um nariz comprido, um odor especial e uma gama completa de esquisitices biológicas.26 Incontáveis cristãos visitaram Israel e dificilmente conseguiram esconder seu espanto de que a realidade não correspondia à imagem, muito poucos judeus tinham nariz comprido, orelhas de abano, *etc.* De fato, diferenças biológicas existem entre os judeus, assim como elas existem entre os cristãos. Tal como acontece com os cristãos, muitos tipos diferentes de judeus existem: judeus chineses, judeus negros, judeus berberes, judeus hindus, grandes loiros de olhos azuis, pequenos marrons, *etc.* De fato, a antropologia moderna explodiu até mesmo a noção de uma raça judaica. 27

Assim, o invisível, o não verificável, torna-se o último recurso no esforço de criar fábulas sobre diferenças judaicas. Existe, diz-se, uma inteligência judaica - elogiada e admirada. Esta inteligência única é considerada estritamente judaica e não pode se tornar cristã! Jean-Paul Sartre deu um toque especial a essa alegação. "Antissemitismo", diz ele, “é uma tentativa de melhorar a mediocridade essencialmente, a fim de criar uma elite medíocre. Para o antissemita, a inteligência é judaica; ele, portanto, pode desprezá-lo junto com as outras virtudes que os judeus possuem.“28

No entanto, essa inteligência judaica, junto com as outras qualidades aparentes concedidas aos judeus, mais cedo ou mais tarde se voltará contra eles: “É dito que o judeu é inteligente? Você pode pensar que é uma qualidade. Mas não é nenhum pouco! O judeu é MUITO inteligente. Sua sagacidade é destrutiva, corrosiva, vexatória.“29

Também não podemos esquecer a imagem popular, muitas vezes criada para representar o judeu nos círculos cristãos. Esta imagem retrata a escravidão, a cupidez, a riqueza e o materialismo crasso como naturalmente judaicos. Embora a imagem seja lendária, ainda é falsa. Pode-se encontrar tantas pessoas pobres entre os judeus, se não mais, do que em outros lugares. É claro que alguns judeus são ricos, alguns são cobiçosos e alguns são enganosos, assim como alguns cristãos. Mas no caso do judeu, essas falhas não são fraquezas individuais - são características judaicas. A diferença está na comunidade à qual o indivíduo pertence.

Obras literárias geralmente apresentam o judeu como "enganoso e covarde", mas foi deixado para Albert Memmi revelar o segredo de tudo: "Ninguém me diga que você não pode encontrar cristãos enganadores e covardes. Tais são enganosos e covardes por um lado mas retos por outro, o mesmo que todas as outras pessoas. Seu engano e sua covardia não estão relacionados à sua participação em uma comunidade. Além disso, heróis positivos também são cristãos. O judeu pratica usura e é cruel porque é judeu. “30

Se alguém é vítima nas mãos de um empresário desonesto que é judeu, o comentário normal é o seguinte: "Ele é judeu - o que você pode esperar!"

O monstro antissemita deve ser perseguido nas profundezas de seu covil para que possamos denunciar até mesmo sua língua. Sim, até mesmo o idioma que as pessoas usam pode ser maculado. “O que um judeu! As pessoas costumam exclamar, embora a pessoa que eles têm em mente possa não ser judeu. Ele é chamado de judeu simplesmente porque demonstrou astúcia e avareza.

Narizes grandes, orelhas de abano, inteligência, cobiça - o retrato de judeus sendo diferente das outras pessoas faz uma história sem fim. A imagem é sempre imprecisa, fora de foco e varia de acordo com os indivíduos, grupos e países envolvidos. O tempo e o lugar também desempenham um papel.

No entanto, um ponto é constante: seja qual for a qualidade ou a falha do judeu, mesmo quando isso é encontrado de forma semelhante entre os não-judeus, o judeu possui suas falhas ou qualidades porque ele é judeu. No entanto, as diferenças entre judeus e gentios, nessas áreas, são baseadas em circunstâncias impalpáveis e não verificáveis.

Mesmo assim, como se desencorajassem antecipadamente e frustrassem qualquer tentativa de remover essas falsas diferenças, eles parecem terem sido abrigados sob a névoa espessa do pensamento irracional e absurdo, onde eles não podem ser identificados com sucesso ou descobertos. Sem dúvida Einstein estava certo quando concluiu com tristeza: "Não faz sentido tentar convencer os outros, por todos os tipos de deduções, de nossa paridade, porque suas opiniões não estão enraizadas no cérebro." 31

Essa determinação de estar separada parece ter sido implantada no subconsciente gentio. Uma marca terrível foi colocada na testa do judeu - a da culpa. A diferença, portanto, não está apenas no plano da psicologia. Antissemitismo, "o mistério de Israel", também usa a linguagem da teologia.

Antissemitismo Teológico. Ao falar de antissemitismo teológico, reconhecemos a existência do antissemitismo cristão. Quando este ponto esta claramente feito, uma reação cristã é esperada; pois o cristão dirá com total sinceridade que os cristãos não podem ser antissemitas. Outra conversa conduziria então à observação de que “se os judeus sofreram tanto com o antissemitismo, é porque -” Segue as explicações, justificativas teológicas e as “razões de consciência” que enviaram judeus para a estaca e o cadafalso. Homicídio e assassinato também são explicados como necessidades infelizes.

Em suma, o judeu em todos os tempos, e até mesmo hoje, é considerado responsável pela morte de Deus - isto simplesmente porque, há 2000 anos, alguns de seus prováveis antepassados poderiam ter condenado Jesus de Nazaré a ser crucificado.

Por um lado, acusações; por outro, amor fingido. Por um lado, antissemitismo, é condenado; por outro lado, o antissemitismo é alimentado generosamente pela crítica teológica.

No entanto, existe uma relação entre os dois pontos de vista. Isso era perfeitamente claro para Kierkegaard, que disse: “Conte (para a criança) as tribulações de Jesus durante Sua vida, a traição de um de Seus companheiros próximos, a negação por vários outros, os insultos e injúria de outros até o momento em que eles finalmente O pregaram na cruz, como você pode ver nas gravuras sagradas, pedindo que Seu sangue caia sobre eles e sobre seus filhos, enquanto Ele orou por eles e pediu que isto não fosse assim, e que o Pai celestial perdoe seus pecados... Conte como, ao mesmo tempo em que o Amor viveu, um infame ladrão condenado a morrer era o preferido das pessoas que cumprimentavam sua libertação com urras... enquanto gritavam: "Crucifica-O! Crucifique-o! 'Em face do amor... Que impressão você acha que a história fará sobre a criança?... Ele resolverá com firmeza, quando crescer, cortar em pedaços o ímpio que agiu assim com o Amor.“32

A observação de Kierkegaard foi confirmada em um programa de televisão austríaco durante uma recente temporada de Páscoa. Um ex-nazista, agora "arrependido", foi entrevistado. Ele explicou como essa acusação do judeu lhe havia sido ensinada repetidamente desde a sua juventude e contribuiu largamente para insitar nele o ódio, mesmo como ateu, que o qualificaria como um futuro membro da Juventude Hitlerista.

É claro que nem todos os cristãos alemães caíram nas armadilhas do nazismo; muitos deles, mesmo quando eram antissemitas, lutaram contra esse mal pondo em perigo a suas vidas. No entanto, esses mesmos cristãos que se opunham ao monstro nazista, possivelmente inconscientemente e sem entender as conseqüências de sua atitude, tentaram explicar, pelo menos parcialmente, a situação judaica.

Artigos e publicações destinados a demonstrar o cumprimento de certas profecias bíblicas usaram o “argumento judaico”. Foi assim: “A situação dos judeus é terrível, assustadora; mas isso não poderia ser uma confirmação notável da verdade bíblica? Afinal de contas, os judeus não crucificaram o Deus Encarnado? ”Às vezes, no decorrer de uma conferência pública, exibiam-se fotografias que mostravam, com um toque de zelo mórbido, campos de concentração como o de Treblinka. Corpos humanos, até mesmo crianças nuas e esqueléticas, foram retratados - tudo isso com a mensagem implícita de que, afinal de contas, aqui estava uma prova irrefutável de que a Bíblia é verdadeira e que Deus pode ser invocado! teólogos impenitentes ”, comentou Jules Isaac,“ não levam Deus a isso; perversidade humana é suficiente.“33

O pior é o truque que isso pode representar na consciência. A perseguição dos judeus torna-se realmente a vontade de Deus; assim, pode-se estar em paz tanto no ódio quanto na indiferença.

Além disso, a teoria do deicídio não apenas encoraja os cristãos em seu ódio e desprezo, mas também fornece uma explicação da recusa dos judeus em ouvir falar sobre Cristo. “Quanto mais os cristãos insistem nessa acusação, os judeus mais obstinados continuam em sua negação.“34

Como, realmente, poderia ser diferente? Cansado dessa acusação de que os judeus mataram Deus, o judeu finalmente começa a se perguntar se, afinal, a morte de Jesus não era justificada; talvez o Cristo de quem os cristãos falam mereça a morte. Talvez ele fosse um traidor da nação - um perigoso impostor. Muitas vezes os judeus se refugiaram nessa defesa. Albert Memmi não era um homem isolado: "Eu disse aos membros da colônia escolar," ele escreveu, "a história de um Cristo que era traidor de seu povo e de sua religião."35 Assim, se Cristo foi morto, a conclusão é que Ele era culpado. A negação judaica deve muito, acredita-se, a essa conclusão, que, de certo modo, é uma reação. O comentário de Albert Memmi é ainda mais esclarecedor: "Naquela pequena igreja da aldeia montanhosa, e devido à minha conclusão, eu acabara de receber uma forte surra. Assim, por dois mil anos, Jesus tem sido, para os judeus, um pretexto para ofensas, críticas e ataques contínuos, nos quais ele muitas vezes encontrou a morte.

Acusar o judeu de ter crucificado a Cristo é forçá-lo a ter difamado Deus. O argumento deicida acrescenta profundidade ao abismo judaico-cristão.

Teologia e psicologia dão as mãos para moldar a face do antissemitismo. É raramente possível fazer uma distinção nítida entre eles em seu empreendimento comum, pois eles parecem se misturar e confundir um com o outro.

De fato, um certo tipo de teologia se alimenta da psicologia antissemita. O herói do Antigo Testamento recebe as armadilhas do judeu enganador. Quando o patriarca Abraão fingiu que sua esposa era sua irmã, ele não estava respondendo ao chamado daqueles profundos instintos de caráter embutidos em sua raça e cultura, como o engano? Por causa de tais características profundas, ele estava disposto a sacrificar aos seus interesses pessoais a honra feminina de sua esposa.37

Se alguém aceitasse essa visão sobre o atavismo judaico, não se poderia imaginar por que ela não apareceu de maneira semelhante nos judeus do novo testamento? E se ousasse continuar essa questão, não se poderia imaginar por que esse atavismo não apareceu, com suas conseqüências bem definidas, no caráter de Jesus de Nazaré, o mais judeu de todos eles?38

Então vá aos argumentos. A psicologia é inegavelmente relacionada com tal teologia. Se os judeus devem ser responsabilizados pela crucificação de Cristo, devemos esperar que eles carreguem dentro de si aquele singular "cromossomo" que os predispõe, como a Caifás matar e a Judas trair.39 Eles devem ser perigosos e devem ser tratados! Mesmo quando eles parecem como cordeiros, o lobo se encontra debaixo da pele, pronto para assumir o controle.

Se os argumentos são psicológicos ou teológicos, o antissemitismo construiu um muro aparentemente intransponível entre judeus e cristãos. Isso não foi feito em um dia. Houve um começo, um começo lento. Originalmente, o antissemitismo era apenas um punhado de sementes que germinavam, brotavam e cresciam. Mas, com o tempo, tornou-se o que agora sabemos - um monstro que eu sinceramente me esforcei para explicar e denunciar.

Capítulo 3

A História do Antissemitismo

De Jules Isaac 40 a Poliakov, 41 incluindo Lovsky, 42 para mencionar apenas os principais autores que escreveram na língua francesa, pode-se seguir a gênese, depois as variações do antissemitismo que marcaram tanto a história judaica quanto a mundial.

O problema do início do antissemitismo foi resolvido muito rapidamente e superficialmente por muitos teólogos judeus e cristãos. O antissemitismo, segundo eles, sempre existiu como parte e parcela do destino sinistro de Israel. Portanto, somente Israel deve ser responsável por isso - uma repreensível, mas conveniente maneira de tais teólogos lavarem as mãos dos negócios sujos.

“É preciso estar bem consciente”, escreve um historiador católico romano, “de que o antissemitismo é um estado de espírito que preexistia o cristianismo, e pelo qual o cristianismo não é de forma alguma responsável.”44

“É um grande erro”, proclama categoricamente um historiador protestante, “atribuir ao cristianismo uma responsabilidade no atual antissemitismo, que é vários séculos mais antigo que o cristianismo. É realmente um instinto pagão que vem à vida de tempos em tempos.

Quanto aos judeus, e com eles alguns cristãos, eles vêem no antissemitismo uma indicação da eleição de Israel. Assim, sobre a assinatura do rabino Meyer Jai, pode-se ler: “O próprio Deus escolheu Israel para ser um povo messiânico e teofórico, tornando-os objeto de hostilidade perante o mundo e os povos pagãos, muito antes da encarnação, muito antes do deicídio. “46

Lovsky, um teólogo cristão, também interpretou o antissemitismo como "a sombra carregada pelo mistério de Israel entre as nações ... tão duradoura quanto o papel de Israel no mundo".

É verdade que é preciso reconhecer a realidade do que tem sido "antissemitismo pagão". A história registra isso. Mas em sua relação com o que conhecemos na era cristã, é compreensível que Jules Isaac, em particular, tenha sido levado a distinguir duas formas de antissemitismo. As perseguições esporádicas que os judeus sofreram nas mãos dos pagãos têm pouco em comum com as perseguições perpétuas e sistemáticas perpetradas na comunidade cristã. "Entre o antissemitismo assim definido e delineado como pagão e o antissemitismo cristão que iria aliviá-lo a partir do ínicio do quarto século", escreve Jules Isaac, "há mais diferenças que analogias."

A diferença fundamental ficou bem clara por Marcel Simon: “O antissemitismo cristão, pelo fato de ser sustentado pela Igreja, assume um caráter oficial, sistemático e coerente, sempre ausente na sociedade pagã. É alimentado pela teologia e fornece teologia…. Uma outra diferença é que, enquanto o antissemitismo pagão geralmente eclodiu espontaneamente e apenas excepcionalmente foi organizado e dirigido, a marca cristã tinha um objetivo definido: fazer os judeus parecerem odiosos. E foi sucedido por uma metodologia que provou ser infinitamente mais calamitosa do que o antissemitismo pagão.

Quando acrescentamos que o antissemitismo parece estar ancorado em nosso próprio ser e cultura, somos tentados a acreditar que sempre foi assim.

No entanto, o fato histórico não pode se comprometer com sentimentos pessoais e convicções. Os fatos estão aí! E eles são inquestionáveis. Este fenômeno que conhecemos e definimos e ao qual damos o nome de antissemitismo pertence inequivocamente à civilização cristã ou, mais corretamente, àquela civilização que, nascida do judaísmo, tomou por oposição a ela o nome de cristianismo. Pois, como deve ser continuamente apontado, o mal se enraizou na grande separação.

Já notamos a relação entre a ruptura teológica e a questão da Lei no século IV - uma separação iniciada pela iniciativa cristã e patrocinada por Constantino. Curiosamente, como foi observado por unanimidade pelos historiadores judeus e cristãos, surgiram no século IV as primeiras sementes do antissemitismo.

“A maioria dos textos que datam desse período [do século IV]”, diz Lovsky, um protestante, “confirma que, naquela época, uma tendência ao desprezo em relação aos judeus endureceu e produziu um corpo de doutrinas hostis que foram nutridas por muitos erros e mal-entendidos atribuíveis à rivalidade judaico-cristã. ” Entre os textos mais sérios e violentos, Lovsky menciona particularmente os de Afraates, Efraim, Agostinho e Crisóstomo. "Foi então", diz ele, "que o mito deicida veio a si e recebeu credenciais de falsa nobreza no pensamento cristão."

Pesquisas laboriosas e notáveis ​​feitas por Marcel Simon, um historiador cristão, levaram-no à conclusão de que “a expansão do antissemitismo eclesiástico data do século IV”.

O historiador judeu Jules Isaac chegou à mesma conclusão: “Quando, por uma reversão completa da situação, a Igreja Cristã deixou de ser perseguida e vitoriosamente tornou-se a religião do Estado, que era cerca de 1600 anos atrás no tempo de Constantino (312 a 337), o judaísmo também sofreu uma reversão, mas na direção oposta. O judaísmo até então gozava de privilégios legais sob o império; agora o judaísmo logo seria humilhado, difamado e humilhado. Daí em diante, uma estreita cooperação entre a Igreja e o Estado [cristão] produzia agora um sistema de benefício mútuo que incluía discriminação, vexação e dolorosas interdições.

Começando com o século IV e perdurando até o século XX, o antissemitismo deveria tomar todas as formas possíveis e imagináveis. Não desejando perder nosso caminho em um emaranhado de detalhes, agruparemos os fatos de acordo com três importantes marcas:

1. O quarto século, em que encontramos o nascimento do antissemitismo como paralelo à rejeição da Lei, as primeiras acusações de deicídio e a instalação da Igreja estabelecida; assim, a grande e formal separação.

2 O século XI, um período paralelo às Cruzadas, em que o antissemitismo se tornou encoberto pela violência e um foco de problemas econômicos agudos.

3. Os séculos XIX e XX, nos quais um novo ingrediente, o racismo (paralelo aos movimentos nacionalistas e pseudocientíficos), foi adicionado ao espectro tradicional do antissemitismo.

No início, o antissemitismo era essencialmente antijudaico; isto é, preocupou-se com a religião e se expressou apenas em polêmicas e apologética. Inicialmente, contentou-se com figuras retóricas e, muitas vezes, proferiu maldosas maldições sobre todos os que mantinham a lei de Moisés.53

Com o final do século XI, durante as Cruzadas, o antissemitismo se tornaria, pela primeira vez, "sistematicamente", violento.54 Na origem dos massacres perpetrados pelos cruzados havia quase sempre a acusação de deicídio: “Judeus mataram e crucificaram Jesus sem qualquer razão válida. Vamos vingar-se deles e eliminá-los do seio das nações, para que ninguém se lembre do nome de Israel ”. 55

Não só foi uma morte violenta que os judeus receberam nas mãos dos cristãos; eles também receberam uma ferida muito mais terrível, profunda e duradoura que os acompanhou até os dias de hoje: a caracterização do judeu como homem riquezas - um praticante de usura. Esse foi o período em que essa imagem do judeu apareceu pela primeira vez.

O que aconteceu nessa época que enriqueceu tão abruptamente o arsenal do antissemitismo? Dois fatores desempenharam um papel na produção dessa imagem. Primeiro, a insegurança cruel em que os judeus se viram encorajou-os a mudar suas posses em mercadorias como prata ou ouro, que poderia ser facilmente escondida em caso de perigo. Na medida em que o dinheiro naqueles dias era difícil de encontrar, aqueles que o tinham logo se tornaram credores. Tal era a posição em que os mosteiros se encontravam." 57

Finalmente, os judeus foram forçados por circunstâncias de sobrevivência a fazer o que os cristãos, em princípio, eram proibidos de fazer. Até então, os judeus ouviram os conselhos da tradição judaica e seus porta-vozes. Na véspera da primeira Cruzada, o famoso comentarista judeu Rashi ainda tinha essa opinião: “Aquele que emprestar a juros a um estranho seja amaldiçoado.” 58 Mas, um século depois, os rabinos tiveram que se render ao inevitável. Escreveu um rabino: “Não se deve emprestar com juros aos gentios se alguém puder ganhar a vida de outra forma. Mas no momento atual, quando um judeu não pode possuir campos ou vinhedos para assegurar a vida, o empréstimo de dinheiro a não-judeus é uma necessidade e, portanto, é autorizado. ”59“ Nesse sentido ”, escreve Lovsky,“ sociedade medieval ”. forçou o judeu, pelo menos, a praticar usura, se não se envolver em negócios. ”60 O fato permaneceu que de geração em geração a única maneira de sobreviver era pelo juro ganho no dinheiro, um recurso que consistentemente evitou a morte violenta e expulsão.61

Essas circunstâncias criaram uma reação cristã de horror e repulsa. 62 A reação judaica a tal perseguição instigou ainda mais o ódio e o desprezo cristão, criando um círculo vicioso verdadeiramente atroz.

Mas no século XIII, um movimento ainda mais profundo se cristalizou; o judeu deveria se tornar dentro da sociedade cristã um elemento estranho, e o gueto nasceu.63

No século XIV, veio o mito de que o judeu era "o demônio em pessoa"64.

Os séculos XV e XVI fizeram dele uma “peste” 65 que teve que ser destruída.

No século XVII, a palavra “deicida”66 foi reafirmada. A partir daí, não foi longe para criar na mente cristã o conceito de uma “raça imunda”, que encontrou atenção especial nas especulações pseudocientíficas do século XIX.

No século XVIII, naquele século de luz, tornou-se possível para o judeu, pela primeira vez, experimentar uma forma suave de emancipação, permitindo que ele se misturasse com os cidadãos em geral. As maneiras e os costumes, a religião e até mesmo o traje, que então distinguiam os judeus, tendiam a desaparecer. A tradicional diferença judaica, no entanto, foi forçada a entrar "para se tornar uma parte de sua própria carne, como se a sensibilidade ocidental exigisse a certeza de uma distinção que, se alguma vez superficialmente apagada, poderia subsistir em uma essência invisível."68

Assim, o século XIX testemunhou o surgimento do racismo - uma nova forma de anti-semitismo resultante de uma combinação de circunstâncias favoráveis ​​ao seu desenvolvimento.69

O estudo de muitas línguas, então, a todo vapor, influenciou os cientistas a fazer uma distinção entre arianos e semitas. O passo seguinte foi que os biólogos fizessem essa distinção (que originalmente era só de linguagem) em psicologia e etnologia. O semita e o ariano (ou indo-alemão) foram colocados um contra o outro.70 A comparação foi percebida como uma vantagem para os arianos71.

Este desejo de colocar os semitas em desvantagem pode ser explicado pela situação na Alemanha. O povo alemão ainda estava lutando para se libertar do sistema político particularista e anarquista dos séculos precedentes, que fez deles uma assembléia dos povos mais diversos. Eles sentiram que havia chegado a hora de unificar o espírito e a nação alemães. Parte desse esforço foi gasto na tentativa de definir mais claramente o que era um alemão. O alemão devia ser distinguido daquele que todos reconheciam como estrangeiro no meio deles: o judeu. A situação tornou-se um confronto entre o semita e o ariano. Na Alemanha, o anti-semitismo racista tornou-se uma necessidade nacional.

O povo alemão parece precisar dessa tese como base para a unidade nacional. Muito ruim, então, se a verdade histórica estivesse no caminho. "Mesmo que possa ser provado que nunca houve uma raça ariana no passado", disse H. Chamberlain, que foi um dos mais fervorosos em aceitar a doutrina ariana, "deve haver uma no futuro. Para os homens de ação, este é um ponto decisivo.

O mito suplantara a verdade; a lenda estava certa e a história estava errada. Richard Wagner promoveu esse erro no primeiro de seus escritos, 74 chegando ao ponto de ressuscitar o antigo deus Woden e identificá-lo com Cristo. “Woden (Odin), o deus supremo dos alemães, não necessariamente deu seu lugar ao Deus dos cristãos; ele pode ser positivamente identificado com Ele .... Pois nele se encontra, como em Cristo, o Filho de Deus, esta analogia decisiva: ele também morreu, foi chorado e vingado, assim como hoje vingamos a Cristo por causa das ações dos judeus.

A mitologia ariana se encaixava perfeitamente em um modelo cristão, incluindo até mesmo a ideia de deicídio.

Wagner, apesar de pagão, não pôde excluir uma justificativa religiosa de anti-semitismo. Para ele, os judeus representavam a "má consciência" da civilização e a "lebre a ser caçada". Não é surpreendente, portanto, que ao concluir seu retumbante panfleto “Judaísmo na Música”, ele sugira finalmente “a redenção de Assuero - aniquilação” como a única maneira de resolver o problema judaico.76

A Alemanha nazista habilmente se aproveitou desse pano de fundo pagão-cristão, que serviu, na verdade, como o ventre do nazismo. Christian Lovsky reconheceu este fato: “O frenesi socialista nacional… não nasceu por acaso, nem surgiu da noite para o dia como um cogumelo; apoderou-se de nações que abrigavam profundamente os ressentimentos violentos. O cristianismo batizado nutria ódio por Israel. Nem o grego Crisóstomo, nem o protestante Martinho Lutero, nem o católico Bossuet tinham a prudência intelectual ou a caridade evangélica para exorcizar os demônios do anti-semitismo.

O anti-semitismo é principalmente um fenômeno histórico, com um começo e um desenvolvimento. É importante entender isso para não se curvar às tentações teológicas que parecem buscar justificativas fáceis. O anti-semitismo não volta para a eterna noite do tempo, surgindo quando Israel emerge, como uma sombra perpétua sobre um único povo responsável por ele. Apareceu principalmente no quarto século, com a grande separação judaico-cristã - aquela ruptura forçada e arbitrária; desenvolveu-se pelo cristão no desprezo sistemático e perseguição e levou finalmente ao Holocausto inacreditável do vigésimo século.

A apóstrofe de Julien Green não pode ser ouvida com indiferença: “É inútil tentarmos nos esconder: nós cristãos, quase todos nós, somos responsáveis ​​em graus que variam misteriosamente de uma alma para outra, de acordo com a luz que possuímos. E o sofrimento de Jesus continua noite e dia no mundo. Depois de ser pregado em uma cruz romana, Ele é perseguido em sua raça com crueldade indescritível. Não se pode atacar um judeu sem golpear com o mesmo golpe o homem por excelência, a flor de Israel. Foi Jesus que eles atacaram nos campos de concentração. É sempre Ele e Ele nunca deixa de sofrer com isso.

Capítulo 4

Conversão e Traição

“O convertido é um destruidor e um traidor que merece toda e qualquer punição. "- Albert Memmi

O judeu pode se tornar ateu, marxista ou mesmo trotskista; ele pode ir tão longe a ponto de fazer guerra contra Deus, a religião e o povo de Israel, unindo-se a partidos cujos programas bem definidos são antijudaicos e anti-israelitas; ele pode se tornar hippie, palestino ou mesmo gangster, mas permanecerá como um membro da família. Para ter certeza, a família discutirá com ele, tentará mudar de idéia, mas nunca chegará à mente de ninguém negar seu status judaico. Ele manterá respeito pelo fato de pertencer ao povo judeu. No estado de Israel, ele pode solicitar os privilégios da nacionalidade israelense.

Mas se um judeu se converter e abraçar o cristianismo, ele cria um escândalo comunitário. Seus parentes e colaboradores próximos simplesmente ficarão horrorizados! De repente, um abismo aparecerá entre ele e eles que aparentemente nada pode fazer a ponte. A comunicação doravante é totalmente bloqueada. Será inútil para ele afirmar que todos adoram o mesmo Deus e todos descendem das mesmas fontes. O convertido ainda permanece um traidor, um renegado a quem até mesmo a nacionalidade israelense será recusada.

É preciso tentar entender.

Começando com os primeiros séculos, e particularmente com o quarto, a religião cristã apareceu mais e mais para o judeu não apenas como uma heresia, mas mais como uma forma de paganismo. Essa religião chegara a ponto de anular aquilo que em Israel sempre fora considerado uma “luz para o meu caminho”, 79 o padrão por excelência, a Lei. Mais ainda, no domingo, o feriado dedicado aos adoradores do sol, tinha sido feito para tomar o lugar do dia de sábado que tinha sido fixado pelo próprio Deus na criação e reiterado no Monte Sinai.80 E o que os judeus deveriam pensar sobre o puro “paganismo feito de procissões, carnavais e festividades; e da adoração de deuses em gesso de paris, de ossos e relíquias humanas? ”81

Tudo isso forjou e enraizou na mente judaica a imagem desprezada de um cristão que parecia ser um parente próximo dos "goys" - aqueles pagãos dos tempos antigos. Tornar-se cristão não era um desvio comum, um erro inofensivo; mais seriamente, negou os valores básicos da religião de Israel - traiu o Deus de Israel.

Mas ainda há mais. O cristianismo, vimos, nasceu na separação. De fato, a separação deu-lhe nova força para sobreviver e se desenvolver. Somente essa ruptura poderia dar ao cristianismo uma porta aberta para o mundo pagão e permitir o sólido estabelecimento da Igreja no estado romano.

Para ter certeza, a separação não ocorreu de repente. Nos círculos cristãos e judeus, os primeiros símbolos estavam presentes desde o início do cristianismo.82 Não até o quarto século a ruptura se tornou efetiva - oficial e irreparavelmente. O conflito judaico-cristão surgiu principalmente dessa separação aberta; a Igreja, portanto, deve estar sobrecarregada com a responsabilidade principal por isso. Jules Isaac parece ter percebido essa conclusão, pois encontra nesse século IV os presságios da grande perseguição aos judeus.83

Mais do que heresia, mais que paganismo, o cristianismo, embora compartilhasse raízes comuns com o judaísmo, tornou-se para o judeu o inimigo jurado de Israel. E este inimigo recebeu na comunidade judaica, mesmo dentro da era talmúdica, os nomes significativos de Edom e Amaleque.

O cristianismo tem causado muitas vítimas em Israel para o judeu repentina e serenamente para consentir no diálogo - ainda menos na conversão. A crueldade cristã, massacres frenéticos, ainda ressoam nos ouvidos dos judeus. As feridas estão longe de serem curadas, muito menos esquecidas. A cura e o esquecimento chegarão? As feridas são perpetuadas e renovadas por aquele anti-semitismo tenaz, sutil e invasivo, que sempre traz consigo os fermentos do genocídio imperdoável.

“Mais uma vez os cossacos atacaram a Polônia, mais uma vez eles massacraram os judeus em Lublin e nas áreas vizinhas. Soldados poloneses assassinaram um grande número de sobreviventes. Então os moscovitas invadiram a Província Oriental enquanto os suecos faziam o mesmo na província do norte. Esse foi um período muito conturbado… Comunidades inteiras judaicas conseguiram respirar novamente: voltaram ao judaísmo. O que mais podiam eles fazer? Aceite a religião de seus assassinos?

Em vez de uma questão de verdade, estamos cara a cara com a honra!

“Aquele que é oprimido não pode adotar completamente os valores e os costumes do opressor, mesmo sendo eles mais fortes e mais bonitos que os dele, embora melhores que os dele, sem perder a honra e o orgulho essencial de um ser humano.” 85

A questão judaica se apresenta aqui não apenas em termos de teologia, mas, mais dramaticamente, em letras avermelhadas com sangue derramado - escritas nas profundezas de nossa humanidade. O problema é muito mais humano do que teológico. E qualquer que seja o valor que a verdade cristã invoque, a conversão para os judeus sempre significa unir as fileiras do inimigo - e que inimigo!

A conversão, dissemos, é considerada uma traição para o judeu. Um curioso adendo a esta observação do ponto de vista do cristão é que o judeu muitas vezes permanece um suspeito - um traidor em potencial. Drumont fez esse julgamento: “Um judeu convertido é possivelmente mais um católico, mas não um judeu a menos”. A declaração aparentemente é tão verdadeira que em mais de uma denominação cristã houve uma longa hesitação antes de enviar um judeu convertido como missionário em Israel. - e essa hesitação ainda subsiste. Poderia o obscuro temor de que esta ovelha insegura do rebanho poderia de repente se voltar contra a missão?

Alguém deveria ficar surpreso com isso? A cautela cristã oculta o sentimento incerto de que a conversão de um judeu pode não ser completa e confiável. Assim, sob o olhar desconfiado de um cristão não muito certo, pode o judeu convertido ter certeza de uma fé totalmente serena?

Mesmo como membro da comunidade cristã, o judeu convertido experimenta uma forma de anti-semitismo que, mesmo quando inconscientemente manifestado, sempre o atinge no mesmo lugar. Mesmo como cristão, a mágoa centenária permanece; e sua ferida profunda nunca realmente cura. Por causa disso, o judeu convertido, qualquer que seja a qualidade de suas convicções, mede por seu sofrimento a distância que continua a separá-lo de seu irmão cristão.

Por quase dois milênios, judeus e cristãos estão em confronto - uma disputa entre pessoas que parecem nunca se ouvir ou se entender, apesar da lembrança de tanta perseguição e morte. A teologia parece ter perdido sua credibilidade quando colocada ao lado de julgamentos racistas, sorrisos sarcásticos e incontáveis ​​crimes. A separação testemunhou o surgimento não apenas de duas religiões distintas, mas de dois povos presos em oposição radical. Não são apenas inimigos, eles se diferenciaram até mesmo no plano biológico. O judaísmo e o cristianismo se tornaram duas raças distintas!

E então, lembrar de uma época em que ser judeu e ser cristão designou apenas uma religião, uma lei e um povo! Uma época em que ser cristão era ser judeu e, inversamente, uma época em que a grande separação, que ninguém poderia prever, não havia começado.

Essa foi a época em que os ensinamentos de Jesus e Seus discípulos ainda eram lembrados - e aceitos.

Capítulo 5

No começo: um messias judeu

Dois elementos da doutrina cristã parecem ter desencadeado a separação judaico-cristã: (1) a aceitação como Messias de uma pessoa chamada Jeshua; e (2) a rejeição categórica da Lei de Moisés.

Esquematicamente e tradicionalmente, o conflito é o seguinte: Para os judeus, Jesus de Nazaré é um impostor. Ele não é o Messias esperado e anunciado pelos profetas das Sagradas Escrituras. Ele também não se encaixa de maneira alguma na concepção do Messias mantida na tradição judaica.

Para o cristão, a lei judaica perdeu seu significado e valor normativo desde que o Messias veio. Pregado na cruz, essa lei desapareceu e não pode mais ser invocada como a pedra de toque do relacionamento de aliança entre Deus e Seu povo.

Não se pode, portanto, ser judeu e aceitar Jesus, assim como alguém não pode ser cristão enquanto continua a judaizar observando a lei. Assim, judeus e cristãos invariavelmente marcaram suas diferenças fundamentais. Para ambos, as duas posições são absolutamente irreconciliáveis, e qualquer esforço de compromisso é denunciado por cada lado como heresia ou traição. É impensável que ambos os lados sejam ao mesmo tempo judeus e cristãos.

No começo, no entanto, o problema não era tão claro. Os primeiros cristãos eram, segundo a história do Novo Testamento, judeus devotos, muito comprometidos com suas raízes e fontes. Fariseus, doutores da Lei, levitas e pessoas comuns de todas as persuasões e classes eram capazes de aceitar Jeshua como seu Messias sem questionar seu status judaico. Naqueles tempos, alguém poderia se posicionar com o cristianismo, permanecendo apegado às suas origens judaicas.

“Pois eu poderia desejar que eu fosse amaldiçoado”, exclamou um deles, “e cortado de Cristo por causa de meus irmãos, meus parentes por raça. Eles são israelitas, e para eles pertencem a filiação, a glória, os convênios, a lei, o culto e as promessas; para eles pertencem os patriarcas, e de sua raça, de acordo com a carne, é o Cristo. Deus, que é sobre todos, seja abençoado para sempre. Amém. ”Romanos 9: 3-5, RSV

Um respeito como esse pelas raízes espirituais é muito significativo. É verdade que a tradição judaica, escrita e oral, confirmou a doutrina cristã sobre a vinda do Messias.

É igualmente verdade que, na expressão original da teologia cristã, nada foi ensinado que pudesse supor uma eventual ruptura com fontes judaicas na forma de uma revogação da antiga lei judaica.

Essa observação pode ser diferente da visão geral sobre o assunto. As conseqüências para essa linha de pensamento têm implicações profundas. Portanto, devemos verificar e conscienciosamente avaliar os fatos referentes às fontes das quais o judaísmo e o cristianismo primitivo bebiam.

Um messias judaico

"Ele veio; ele disse o que tinha a dizer; ele foi embora. Mas seus passos ainda ressoam em meus ouvidos. ”- Rabino Menahem-Mendel de Kotzk.

Dificilmente se pode levantar a questão do Messias sem ressuscitar paixões de longa data. O problema é ardente, pois toca muito intimamente a disputa judaico-cristã. Não temos o desejo de discutir e criticar em um esforço para substanciar uma ou outra posição. A vaidade de tais polêmicas deve ser evidente para todos. Nosso propósito é antes entender o que foi, nos primeiros séculos, que levou tantos judeus, e não apenas o menor entre eles, a reconhecer em Jesus o Messias que eles estavam esperando.

Entre as razões que esses judeus apresentaram para justificar sua nova fé, o terreno das escrituras ocupou o primeiro lugar. Os Oráculos Inspirados forneceram seus melhores argumentos; eles se voltaram prontamente para as Escrituras. Eles descobriram que esse Messias se encaixava exatamente no retrato das escrituras. Assim, a mensagem deles sempre carregou as palavras de apoio “está escrito”.

“Paulo… [na sinagoga de Tessalônica] argumentou com eles a respeito das escrituras, explicando e provando que era necessário que o Cristo sofresse e ressuscitasse dos mortos, dizendo: Este Jesus [Jesuá], a quem eu te proclamo é o Cristo [Messias]… Esses judeus [da Beréia] recebiam a palavra com toda a ansiedade, examinando as escrituras diariamente para ver se essas coisas eram assim. Atos 17: 2-11. “Agora, um judeu chamado Apolo… bem versado nas escrituras… falou e ensinou com precisão… mostrando pelas escrituras que o Cristo [Messias] era Jesus [Jeshua].” Atos 18:24, RSV

A missão exata com a qual Jeshua deveria estar comprometida. Sua identidade e até o tempo de Sua vinda foram confirmados nas Escrituras e nas tradições. Os judeus que aceitaram o Messias de Nazaré tiveram, portanto, muito para justificar seu compromisso.

Uma missão com riscos

O duelo. As primeiras promessas relativas à vinda do Messias estão registradas nas primeiras páginas das Escrituras Hebraicas. O autor de Gênesis primeiro descreveu as condições vantajosas em que Adão e seu companheiro haviam sido colocados. A necessidade de Adão manter um relacionamento próximo com o seu Deus foi enfatizada; Nessa relação obediente dependeria sua felicidade, seu bem-estar e até mesmo sua vida. A menor tentativa de "libertar-se" da Lei divina abriria a porta para os terríveis resultados do mal, incluindo a morte. “No dia em que dela comeres, morrerás.” Gênesis 2:17, RSV

No entanto, o homem desobedeceu e se separou de seu Criador. A morte era inevitável, assim como a tristeza, até a morte chegar.

A tragédia desse drama concentrou-se na natureza não fragmentada de Adão. Ele era assunto que respirou e viveu. “O Senhor Deus formou o homem do pó da terra e soprou em suas narinas o fôlego da vida; e o homem se tornou um ser vivo [um ser que respira]. ”Gênesis 2: 7, RSV7.87

A morte que o afligiria seria tocar seu ser total e sem fragmentos; portanto, nenhuma parte de seu ser sobreviveria à penalidade. O desespero de Adão foi completo, como sugerido em seu comportamento: Adam se escondeu!

A separação foi tão grande que a comunicação com Deus não era mais possível. Tudo o que ele podia esperar era a morte. Então, de repente, a esperança perfurou a escuridão; essa esperança foi a primeira promessa messiânica. Deus falou isto, e a Sua mensagem assumiu a forma de um enigma: “Eu porei inimizade [conflito] entre você [a serpente] e a mulher, e entre sua semente [da posteridade] e sua semente [a posteridade] ; ele [a posteridade da mulher] machucará a cabeça de sua serpente, e você [a posteridade da serpente] machucará seu calcanhar [da mulher]. ”Gênesis 3:15, RSV88

Eu sua profecia de desgraça caiu sobre o iniciador do ato maligno; isto é, na serpente. A mensagem para ele era que um conflito assassino se desenvolveria entre ele e a semente, ou posteridade, da mulher. Agora devemos decifrar esta misteriosa linguagem do oráculo profético.

I. Eu, a Serpente. Nos escritos bíblicos, como nos escritos de civilizações contemporâneas da antiguidade, notadamente de Ugarit, a serpente geralmente está associada ao poder do mal. Muitas vezes a serpente é retratada como na guerra contra o próprio Deus: “Naquele dia o Senhor com sua dura e grande e forte espada castigará o Leviatã, a serpente que foge, Leviatã a serpente torcida.” Isaías 27: 1, RSV

O Novo Testamento - o livro do Apocalipse em particular - pega o mesmo tema e vê na serpente a encarnação do “diabo e de Satanás”. Apocalipse 12: 9, RSV O livro da Sabedoria, que data de meados do primeiro século antes de nossa era, também não hesita em identificar a serpente no paraíso como o demônio em pessoa.89 Da mesma maneira, a exegese judaica, tanto tradicional quanto científica, sempre entendeu. a serpente mítica. A exegese talmúdica, com Sforno como um representante típico, considera a serpente como o "mal", o "sedutor", etc. O falecido Umberto Cassuto, membro da equipe da Universidade Hebraica de Jerusalém, vê na serpente edênica uma alusão ao “princípio do mal”, ao “inimigo por excelência da humanidade”. “O mal, o princípio do mal e o diabo seriam atacados e fatalmente feridos na cabeça pela posteridade da mulher, segundo as Escrituras.

II. O Ataque. O ferimento fatal da serpente resulta na salvação do homem. Mas esse ato de redenção não poderia ocorrer sem um risco. A passagem também nos diz que, no curso desse conflito, a posteridade da mulher também seria ferida até a morte. Esta é a interpretação dada pelos mais conhecidos exegetas judeus, Raschi: “Mordendo o calcanhar da mulher, e com isso ela morrerá”. 91

As duas mortes seriam simultâneas, como é evidente no texto de Gênesis. O calcanhar seria atingido pela picada venenosa da serpente, simplesmente porque é o pé da posteridade da mulher que esmagaria a cabeça da serpente. Além disso, o jogo de palavras usando o mesmo verbo shuf para caracterizar ambos os ataques tende a substanciar essa explicação. Sugere-se, então, que essas duas ações, embora uma fosse uma “mordida” e a outra uma “contusão” ou “esmagamento”, viriam como resultado de um ato.

Ao matar a serpente, a posteridade da mulher corria o risco de morte. O ato seria um sacrifício.

III. A posteridade da mulher. Seria de se esperar que o conflito envolvesse a mulher e a serpente. Mas embora a serpente tenha sido o objeto da maldição, é a posteridade da mulher que ele terá que combater. Quem é significado por essa posteridade? Esta palavra deve ser entendida em um sentido geral, significando humanidade, ou em um sentido particular, significando uma pessoa específica?

As opiniões estão divididas sobre este ponto. Alguns vêem aqui uma alusão à humanidade, outros ao povo de Israel; outros ainda, como mostra a tradução da Septuaginta, acham que isso é uma alusão a um homem específico.93

Compreensivelmente, com base nesta última tradição, não houve hesitação mais tarde para considerar a posteridade da mulher como sendo o próprio Messias. Até hoje, uma forte corrente exegética no judaísmo condicionou os judeus a pensar em Gênesis 3:15 numa perspectiva messiânica. O Targums95 de Onkelos96 e de Jerusalem97 ambos se referem ao Messias em seu comentário sobre Gênesis 3:15. Da mesma forma, o Zohar98 menciona, alegando que a passagem se refere a um “período messiânico” .99 Se ainda houvesse uma dúvida, poderíamos consultar uma antiga “gematria” 100 que associa definitivamente a palavra Nahas (serpente) a Meshiah (Messias). As duas palavras constituem por sua composição alfabética o mesmo valor numérico de 258. O Messias e a serpente presos no conflito finalmente se fundem em uma morte simultânea. Assim, o primeiro desespero do homem foi recebido com a primeira promessa de Deus - uma promessa da intervenção do Messias, cuja missão redentora foi colocada contra um fundo de sofrimento e morte envolto em sacrifício.

A vítima

E aqui devem ser lembradas as palavras vibrantes do profeta Isaías sobre o Servo Sofredor: 101 “Certamente ele suportou nossas dores [doenças! e levamos nossas dores [dores]; mas nós o estimamos ferido, ferido por Deus e afligido. Mas ele foi ferido por nossas transgressões, ele foi ferido por nossas iniqüidades; sobre ele estava o castigo que nos fez completos, e com suas feridas somos curados… Ele foi oprimido e afligido, mas não abriu a boca; como um cordeiro que é levado ao matadouro, e como uma ovelha antes que os seus tosquiadores sejam mudos, assim ele não abriu a boca. Por opressão e julgamento ele foi levado embora; e quanto a sua geração, que considerou que foi extirpado da terra dos viventes, abatido pela transgressão do meu povo? (…) Contudo, era a vontade do Senhor feri-lo; ele o colocou em luto; quando ele se fizer como oferta pelo pecado, verá a sua descendência e prolongará os seus dias; a vontade do Senhor prosperará em suas mãos. ”Isaías 54: 4-10, RSV

A missão confiada a esse servo sofredor era salvar seu povo com o risco de sua própria vida. Muitas vezes, na tradição judaica, o servo sofredor era identificado como sendo o Messias de Israel e não o próprio Israel.

Uma passagem no Talmud102 alude a uma antiga tradição segundo a qual, por causa de Isaías 53: 4, o Messias deveria se chamar de leproso: “Os mestres [Rabbana] disseram que o leproso da escola do rabino… é seu nome, pois foi dito: Ele suportou nossas doenças e suportou nossos sofrimentos, e nós o consideramos como um leproso, ferido por Deus e humilhado. ' “103 Uma invocação característica no Midrash 104 refere-se a este mesmo texto:“ Messias da nossa justiça [Meshiah Tsidkenu], apesar de sermos Teus antepassados, Tu és maior do que nós porque Tu carregas o fardo dos pecados de nossos filhos, e nossa grande opressões caíram sobre ti… Entre os povos do mundo, tu só fizeste escárnio e escárnio a Israel. A tua pele encolheu, e o teu corpo ficou seco como lenha; Os teus olhos ficaram ocos de jejum e a tua força tornou-se como cerâmica fragmentada - tudo o que aconteceu por causa dos pecados dos nossos filhos. “105

É sempre a figura do Messias sofredor que o Midrash Rabbah descreve em relação a Isaías 53: “O Rei Messias… oferecerá seu coração implorando misericórdia e longanimidade a Israel, chorando e sofrendo como está escrito em Isaías 53: 5. ferido por nossas transgressões, etc .: quando os israelitas pecam, ele invoca sobre eles a misericórdia, como está escrito: 'Sobre ele foi o castigo que nos tornou íntegros', e da mesma forma o Senhor colocou sobre ele a iniqüidade de todos nós . E isso é o que o Santo - que ele seja abençoado para sempre! - decretou a fim de salvar Israel e se alegrar com Israel no dia da ressurreição.

O Targum de Jonathan também interpreta Isaías 53 em um sentido messiânico. Começando com as passagens introdutórias, fica clara a identidade do Servo: “Eis que meu servo, o Messias, prosperará, será exaltado e fortalecido; por tanto tempo a casa de Israel enfraqueceu depois dele. ”

Existe, você pode ver, importante literatura judaica sobre Isaías 53. Do Talmud ao Targum, sem negligenciar numerosos Midrashim, uma tradição bem estabelecida retrata o Messias como uma pessoa específica e distinta do próprio Israel. Sua vocação, principalmente redentora, incluía necessariamente sofrimento e morte. Este era um Messias que suportaria o fardo “do pecado” pelos outros morrendo em seu lugar; Ele seria uma vítima sacrificial - uma “ovelha que permaneceu mudo” diante de seus agressores, para usar as palavras do profeta Isaías. As expressões técnicas usadas pelo profeta lembram inquestionavelmente a linguagem de Levítico. Como o Messias, o animal do sacrifício carregava o fardo do pecado do israelita. Como ele, o animal sofreu e morreu no lugar dos israelitas. Como ele, o sacrifício do animal trouxe paz à consciência conturbada. Nesse sacrifício, Deus se aproximou107 e foram satisfeitas as condições favoráveis ​​a um diálogo e a um relacionamento entre Deus e o homem.

Essa conexão entre os ritos sacrificiais e o Messias também teve a atenção dos rabinos do Talmude: “R. Essa conexão entre os ritos sacrificiais e o Messias também teve a atenção dos rabinos do Talmude: “R.

O Cohen

No entanto, esta vítima sacrifical, que permitiu ao Israelita pecador se aproximar de Deus, sempre teve que ocorrer através da mediação do sacrificador ou cohen (sacerdote). Ele estava encarregado da expiação109 que ocorria no sacrifício diário pelo pecado, bem como a mais extensa expiação pelo pecado confessada e remetida no Dia Anual da Expiação (Kippur) .110

Os dois ritos expiatórios - diários e anuais - eram idênticos. A única diferença era que no Kippur o sangue era levado para além do véu que separava o lugar sagrado do lugar mais sagrado do santuário111 e era aspergido no kapporeth (propiciatório) .112

Não devemos ignorar o fato de que este ministério não era isento de riscos para o sacerdote oficiante. Existia a possibilidade de que ele teria que pagar por essa audácia com sua vida. Por essa razão, pequenos sinos eram costurados na bainha inferior de suas vestes de modo que, enquanto ele se movia, o tilintar desses sinos assegurava aos adoradores que o oficiante ainda estava vivo. O padre levou os pecados do povo e por isso foi ameaçado pela morte. Pode-se entender bem porque o texto descritivo incluiu as palavras “para que ele não morra”.

Este ministério, que incluía simultaneamente os papéis de intercessor e mediador, predestinou o cohen a ser considerado um dos antítipos do Messias.

No Salmo 110, Davi, o ilustre rei, previu “um cohen para sempre” (versículo 4), a quem ele chama de “seu senhor” (verso 1). Autoridade e poder são dados a ele (versículo 2), e ele é acusado no dia da ira de Deus para “executar julgamento entre as nações” (versos 5, 6).

Os pensamentos expressos são familiares à linguagem messiânica: justiça, dominação, o dia da ira de Deus. O messianismo e o sacerdócio estavam assim ligados juntos, conforme a tradição judaica deixava claro ao reconhecer o Messias no cohen do Salmo 110.

Para os rabinos do Talmud, não há permissão para dúvidas. Quando Rabban Simeão ben Gamaliel comparou os méritos de Aarão, o sacerdote da justiça, aos do Messias, ele concluiu, com base no Salmo 110: 4, que o Messias era o mais precioso aos olhos de Deus. “Eu realmente não seria capaz de dizer qual, Arão ou o Messias, é o mais amado: mas como disse no Salmo 110: 4: 'O Senhor jurou e não mudará de idéia, Você é um sacerdote para sempre depois do ordem de Melquisedeque ", então eu devo saber que o Messias Rei é amado acima do sacerdote da justiça".

Um Midrash que tentou entender a personalidade de Melquisedeque foi levado da mesma forma a consultar o Salmo 110: 4 e concluir: “Quem é ele, esse justo Rei e Salvador de quem está escrito em Daniel 9:24 que ele“ trará para o sempre ”? justiça? '… Ele é o Messias Rei de quem é falado em Zacarias 9: 9:' Eis que o teu rei vem a ti ... sobre um potro, o potro de um jumento '. “115

Tudo isso indica que uma importante corrente na tradição judaica viu a vinda do Messias na forma de uma vítima e de um sacerdote. Tal contradição pode surpreender nossas mentes cientificamente condicionadas, que podem ter dificuldades em que uma pessoa seja vítima e sacerdote ao mesmo tempo! Mas esse era o significado da parábola do “duelo” que encontramos em Gênesis 3:15. A pessoa designada pela “posteridade da mulher” deveria ser ao mesmo tempo o padre que machucou o mal e fez expiação por ele, e a vítima que iria morrer fazendo isso. Essa dupla função messiânica explica a razão pela qual o Messias fala de Sua identidade em termos de duas faces.

Uma Identidade Com Duas Faces: Messias, filho de José e Messias, filho de Davi

As duas faces do Messias retratam dois opostos tão grandes que alguns chegaram à conclusão de que dois Messias devem aparecer com diferentes vocações. Aquele predestinado a sofrer e morrer tem o humilde porte de uma vítima; o outro, predestinado à glória e à eternidade, tem a face majestosa de um rei. Uma passagem talmúdica alude a essa diferença. O Messias é designado como filho de José quando Ele é a vítima e como filho de Davi quando Ele é o rei.116 Mais tarde, porém, os escritos judaicos geralmente constroem uma dialética completa sobre essa distinção entre os dois Messias. Com o passar do tempo, essa distinção tornou-se mais precisa. Mas no começo, os textos tradicionais tendiam a alertar contra essa criação de um duplo Messias.

O sofrimento e a morte não eram o único destino do filho de José. O Talmud fala expressamente da morte do filho de Davi.118 Também é significativo que o Messias Sofredor retratado em Isaías 53 seja identificado como o Rei Messias, 119 um título que designava especificamente o Messias como filho de Davi.120 O Messias filho de José também aparece com o porte de um glorioso Messias. “Efraim [filho de José] Messias da nossa justiça reina sobre eles [os povos do mundo]; tratá-los como bom parece-te. 121 Os ministérios dos dois Messias, portanto, se juntam, muitas vezes dando a impressão de estarem fundidos em um. Torna-se difícil dissociá-los, tanto são semelhantes. Essa identidade foi enfatizada no Targum, que chegou a compará-los a “meninos gêmeos” .12 Pode-se até imaginar se, no pensamento dos exegetas judeus naquele tempo primitivo, essa confusão sobre dois Messias não trairia idéia fundamental de que realmente havia apenas um Messias. Uma discussão registrada no Talmud parece indicar que os rabinos estavam se movendo nessa direção. Um dos envolvidos na discussão indagou sobre qual deveria ser o nome do Messias. Todos avançaram suas teses particulares com base em um versículo da Bíblia: ”Menaém, filho de Ezequias: Um segundo rei Davi reinará gloriosa e eternamente, ou mesmo o leproso chamado para ser humilhado e carregar o peso de nossos sofrimentos e doenças. 123 A possibilidade de dois Messias nunca aparece no decorrer da conversa. De fato, as discussões dos rabinos parecem apenas tentar entender a figura composta do Messias, pois os vários nomes que eles lhe dão são voltados mais para revelar algum aspecto de Sua personalidade. Segundo estudos de palavras bíblicas e rabínicas, 124 era concebível que uma e a mesma pessoa tivessem vários nomes. Falar de um filho de José ou de um filho de Davi não significa necessariamente dois Messias diferentes. Assim, a Bíblia e a exegese judaica afirmam o conceito do único Messias, no qual fundem os traços de duas faces diferentes - de sacerdote e sacrifício, de rei e leproso. Que tal conclusão fosse concebível testemunha um messianismo particularmente ousado. Nesse ponto, aceitar o risco da tese de encarnação e fazer de Deus o Messias estava apenas a um passo de distância. Foi, de fato, esse passo dado?

Messias Filho de Davi e Messias Filho de Deus

Juntamente com as muitas passagens que apresentam um Messias com carne e sangue humanos, a Bíblia e a tradição judaica nos oferecem um amplo espectro de textos nos quais o Messias também é Deus Eterno. Mas entenda bem o que estamos dizendo: de modo algum estamos nos referindo a um conceito, comum na mitologia greco-romana, pelo qual uma pessoa em particular, por causa de qualidades e méritos superiores, é elevada à categoria de algum tipo de deus. Note que não é o Messias que se torna Deus, mas Deus que se torna o Messias. Essa diferença merece ser ressaltada, pois é importante: a direção aqui é descendente, não ascendente. O Messias envolve uma revelação de Deus, não uma usurpação humana.

A teologia bíblica baseia-se no fato de que Deus invadiu a história humana para chegar à humanidade. "Isto é o que é encontrado no coração de todos os pensamentos na Bíblia", escreve A. Heschel, o teólogo judeu-americano. “O caminho para Deus é o caminho de Deus, pois a religião de Israel encontra sua origem na iniciativa de Deus, e não nos esforços do homem.” 125 “A Bíblia é uma antropologia de Deus e não uma teologia do homem. “126 É assim que o israelita da Bíblia entendeu o processo de sua salvação. “Nosso Redentor, desde a antiguidade, é o teu nome”, exclama o profeta quando se confronta com Deus. Isaías 63:16, RSV

Deus está na origem da salvação. É de fato notável que todos os textos bíblicos que mencionam o Salvador (Mochia) se refiram exclusivamente a Deus. Se então, como já vimos, a ideia de salvação está ligada ao messianismo, deve-se esperar que o Messias seja de origem divina, pois, diz Deus: “Eu sou o Senhor e além de mim não há salvador”. Isaías 43:11; veja também Oséias 13: 4, RSV Essa "divindade" do Messias foi compreendida por Jeremias. Na véspera da tragédia para o povo de Deus, o profeta em sua angústia vê um vislumbre de esperança - a salvação final na forma de um Messias que leva o nome do próprio Deus: “Eis que os dias estão chegando, diz o Senhor, quando eu levante para Davi um ramo justo [Tsema]... E este é o nome pelo qual ele será chamado: O Senhor é a nossa justiça. ' Jeremias 23: 5, 6, RSV

Olhando além da aplicação histórica imediata ao retorno do cativeiro babilônico, Jeremias está pensando, por analogia, na redenção messiânica. Tantas indicações deixam isso bem claro. Nem esse fato escapou à atenção da exegese judaica tradicional, na qual há um consenso para interpretar o texto em um sentido messiânico.

“O Messias”, diz o Talmud, “terá o nome do Santo Abençoado.128… Pois é dito em Jeremias 23: 6: E este é o nome pelo qual ele será chamado. O Senhor é nossa justiça. ”129

"Qual é o nome do Rei Messias?", Pergunta o Midrash. R. Abba ben Kahana diz. “Jeová é o seu nome como está escrito em Jeremias 23: 6, este é o nome pelo qual ele será chamado:“ O Senhor [Jeová] é a nossa justiça.

O Targum de Jonathan se encaixa na visão típica tradicional, uma vez que traduz o texto desta maneira: “Eis que vêm os dias, diz o Senhor, quando eu trouxer a Davi, o Messias da justiça. Ele reinará como rei e prosperará. E eis o nome que lhe será dado: nos dias nos será dada justiça em nome de Jeová. “131

O Messias de Israel é assim comparado a Deus e leva o nome (Yahweh) de Deus. Mas a identidade não se limita ao nome: a identidade inclui atributos comuns, como a eternidade e a realeza.

I. O Messias Eterno Nós já encontramos no Salmo 110, que é comprovadamente messiânico, estas palavras: “Você é um sacerdote para sempre”.

O profeta Miquéias diz do Messias que "sua origem remonta ao passado distante". Bíblia de Jerusalém. Numerosas passagens no Midrash e no Talmude trazem o Messias e Deus juntos em sua eternidade e fazem deles ambos os “primeiros”. “Eu me manifestarei o primeiro, como Deus ... e eu trarei para vocês o primeiro”, e isso é o Messias. "132

Entre as passagens mais claramente messiânicas nas Escrituras está certamente o nono capítulo de Isaías, onde o profeta descreve a vinda de uma era de “paz sem fim”. Para o Messias, o autor inspirado dá, entre outros títulos, o de “Pai Eterno”. .

Comentando Isaías 9: 6, o Targum esclarece ainda mais os atributos divinos do Messias: “O profeta diz à casa de Davi: Um professor mestre nasceu para nós, um filho é nosso; ele tomará a lei sobre si mesmo e colocará uma guarda sobre ela; desde o princípio seu nome foi pronunciado: Maravilhoso em conselho, Deus Forte, Eterno, Messias, durante o qual a paz abundará sobre nós.

II. O rei do Messias. Esta é a figura messiânica mais usual usada na Bíblia e na tradição. O patriarca Jacó, em seu leito de morte, instruiu seus filhos sobre a linhagem real daquele que viria - aquele que “levaria todas as nações para pastar”. “O cetro não se afastará de Judá, nem o bastão do governador estará entre seus pés”. até que ele [Shiloh] vem a quem pertence; e para ele será a obediência dos povos. Ligando o seu potro à videira e ao jumentinho até à videira escolhida, ele lava as suas vestes em vinho e as suas vestes no sangue das uvas; os seus olhos serão vermelhos de vinho e os seus dentes brancos de leite. ”134 Este Shiloh, 135 em quem a tradição judaica unanimemente vê o Messias, 136 pertenceu à tribo de Judá. A literatura rabínica regularmente chama Shiloh o “filho de Davi”, o “leão de Judá”, o “Rei Messias”. Por causa de Sua origem Ele está predestinado a reinar. Mais do que uma realeza israelita está envolvida aqui. Shiloh deveria ser ungido para governar todos os povos. Uma soberania universal é significada.

O Salmo 2, que a tradição geralmente coloca na categoria messiânica, também alude a essa qualidade particular do Messias.137 O Talmude contém este antigo comentário: “Quanto ao Messias, filho de Davi, (...) o Santo Abençoado dirá a ele: Peça me algo e eu darei a você, porque é dito: Peça de mim, e eu farei das nações sua herança [Salmo 2:81. "138 O Messias, portanto, é o Rei dos reis, o Senhor dos senhores . Mas essa não é uma prerrogativa divina? De fato, e é por isso que esse gesto extraordinário da parte de Deus causou uma impressão real nos médicos do Midrash: “Um rei de carne e osso não permite que ninguém ponha a coroa em sua cabeça; mas virá o dia em que o Santo, bendito seja ele, colocará sua coroa na cabeça do Messias Rei. 139 Que Deus e o Messias devam ter em comum a realeza e a eternidade não podem deixar de surpreender, porque isso implica uma semelhança da natureza. A semelhança entre os dois é completa quando aprendemos sobre sua identidade comum de “espírito”. O Messias possui o Espírito de Deus. Com base nisso, Isaías descansa a messianidade da filmagem de Jessé: “Haverá um rebento do tronco de Jessé, e um ramo brotará de suas raízes. E o Espírito do Senhor repousará sobre ele.

Começando com esta passagem, o Midrash foi levado a discernir nas primeiras palavras da história da Criação uma sombra do Messias: “Gênesis 1: 2: 'O Espírito de Deus estava se movendo sobre a face das águas' indica que o espírito do rei Messias estava presente, como está escrito em Isaías 11: 2: 'O Espírito do Senhor repousará sobre ele'. “141

Deus e o Messias, portanto, são uma e a mesma pessoa. Isso, pelo menos, é o que se pode deduzir das várias passagens mais conhecidas e menos controversas que escolhemos da Bíblia, juntamente com os comentários judaicos tradicionais sobre elas.

Além disso, este Messias, que tem em comum com Deus a vocação de um Salvador, acesso à eternidade, a realeza suprema, o mesmo nome (Yahweh) e o mesmo Espírito de Deus, também é filho de Davi, o rebento de Jessé. . Tais são os fatos no caso. Aquilo que se tornou aparentemente irreconciliável já foi perfeitamente admissível no pensamento judaico. O Midrash até se comprometeu a explicá-lo por uma hipótese extraordinária envolvendo uma misteriosa semeadura e concepção do alto: “O Redentor que eu trago um dia não terá pai, como foi dito: Eis aqui um homem cujo nome é semente. ele germinará pelos seus próprios meios como Isaías disse: Ele se levantou diante dele como uma semente, como um rebento que sai da terra seca. E é dele que as Escrituras dizem: 'Eis que hoje te gerei'. “143

Outro Midrash, recorrendo às mesmas imagens, refere-se ao fenômeno da encarnação de uma maneira ainda mais sugestiva: “Salmo 85:12. A verdade germinará do chão. R. Yudan diz: É a nossa salvação que germinará do solo pela intervenção direta de Deus. E por que ele diz que germinará e não que nascerá? Porque a natureza do seu nascimento não será semelhante à das criaturas terrenas, mas será diferente em todos os aspectos. Ninguém poderá dar o nome do pai do Messias e muito menos saber. Isto será um mistério para todos os povos até que venha e revele.

O pensamento hebreu usualmente usa paradoxos e se deleita em chegar à verdade reunindo elementos aparentemente irreconciliáveis. Típica é a verdade em relação à dupla identidade do Messias: glorioso e humilde, divino e humano.

Encontramos esta verdade nos escritos da tradição judaica, bem como nas Escrituras Hebraicas. E é freqüentemente encontrado nos versos bem balanceados da poesia hebraica, dos quais a música de Micah e suas combinações de nomes merecem atenção.

Brincadeira Literária de Micah em Palavras

O paralelismo é, sem dúvida, a forma literária que foi muito preferida pelos poetas hebreus.145 Numa meditação messiânica, Miquéias, o profeta, nos dá um exemplo perfeito desse tipo de expressão. Ele o espalha ao longo de dois capítulos.146 A presença de temas comuns e formas estilísticas em ambos os capítulos confirma o tipo e convida a uma leitura sincronizada.

Miquéias 4:8-14 & Miquéias 5:1-4

O tema de uma cidade

Jerusalém, reino, glória, poder:

“E tu, ó torre do rebanho, colina da filha de Sião, (…) o reino da filha de Jerusalém.” (Verso 8)

Belém, humildade, pequenez:

“Mas tu, ó Belém Efrata, que é pequena para ser entre as famílias de Judá” (versículo 2).

O tema dos dias antigos e do domínio

No final:

“A ti virá, o antigo domínio virá.” (Verso 8)

No princípio:

“De ti sairá para mim quem há de governar em Israel, cuja origem é antiga, desde os tempos antigos.” (Verso 2)

O tema do parto

Dores de parto, angústia e cativeiro:

“Agora, por que você chora em voz alta? O seu conselheiro pereceu, as dores tomaram você como uma mulher em trabalho de parto? Escreve e geme, ó filha de Sião, como uma mulher em dores de parto; porque agora saireis da cidade. você irá para a Babilônia. ”(versículos 9, 10)

Nascimento, libertação e retorno:

Portanto, ele os entregará até o tempo em que a que estiver de parto tiver dado à luz; então o resto de seus irmãos voltará ao povo de Israel. ”(verso 3)

O tema da salvação divina

Na guerra:

“Ali serás resgatado, ali o Senhor te resgatará da mão dos teus inimigos. Agora muitas nações estão reunidas contra você. Eu farei seu chifre de ferro e seus cascos de bronze; tu espancarás muitos povos. ”(versos 10-13)

Em paz:

“Ele permanecerá e apascentará o povo na força do Senhor, na majestade do nome do Senhor seu Deus. E eles devem habitar seguro ... E esta será a paz. ”(Versículos 4, 5)

O tema sobre o líder de Israel (o Messias)

Na humilhação:

“Com vara eles ferem a face do soberano de Israel.” (Capítulo 5: 1)

Na glória:

“Agora ele será grande até os confins da terra, (verso 4)

A justaposição dos dois capítulos revela o paralelismo antitético que os caracteriza. Em um determinado tema, cada capítulo começa a desenhar uma imagem dos opostos. Pode-se também ver uma jogada em paralelos onde o começo de um parágrafo é paralelo ao final de outro, e, inversamente, como mostrado abaixo:

Jerusalém, glória, poder (4: 8)

Belém, humildade (5: 2)

Humilhação do Messias (5: 1)

Glorificação do Messias (5: 4)

Tal paralelismo é do tipo quiástico, assim chamado por causa de sua relação (como retratado) com a letra grega X (chi).

Nós escolhemos esses dois capítulos de Miquéias principalmente por causa de seu caráter messiânico; A tradição judaica não deixou de ver neles uma clara alusão ao Messias.

Assim, em Miquéias 5: 2 os rabinos do Talmud concluíram que o Messias viria de Belém.

Similarmente, o juiz (ou governante) mencionado por Miquéias (capítulo 4: 3 e capítulo 5: 1) é visto pelo Midrash como sendo o Messias.

Quanto aos Targums, a tradução deixa claro que o Messias é usado em ambos os casos.

Se então, como reconhecido pela tradição judaica, essas passagens são messiânicas, é mais do que interessante que as figuras usadas retratem a glória e o poder, bem como a humilhação e o sofrimento - a dupla identidade do Messias.

Capítulo 6

Jerusalém - a mensagem do nome

O nome de Jerusalém tem sido objeto de considerável comentário na tradição judaica. O Midrash Rabba deduziu da sua etimologia que Jerusalém ressuscitou imagens não só do sacrifício de Isaque, mas também da personalidade do rei-sacerdote Melquisedeque.

Andre Neher observou: “O nome de Yerushalayim é composto da raiz yaro, que se encontra em Moriah - o nome de uma das colinas em que a cidade foi construída e de uma segunda raiz, shalem. (Na Bíblia, o nome que a tradição oral usa é pronunciado Yerushalayim, mas é escrito Yerushalem.) Foi no Monte Moriá que Abraão preparou o sacrifício de Isaque. Shalem era a residência de Melquisedeque. Davi reuniu em Jerusalém a memória do sacrifício de Isaque e do piedoso rei cananeu Melquisedeque. “152

O que esses dois homens escreveram está correto, mas há muito mais. Uma análise do nome de Jerusalém revela várias idéias teológicas notáveis.

O “yeru” em Jerusalém lembra etimologicamente o Monte Moriá, onde um anjo deteve o golpe fatal da espada de Abraão.153 Mas Moriá também era o lugar onde, segundo a história bíblica, Deus manteve a espada do anjo na punição das tropas de Davi.154 Foi, de fato, esse evento que determinou a escolha de Dav id deste local para o templo em Jerusalém.

Significativamente, Moriah aparece na Bíblia somente nesses dois exemplos. Parece que a Bíblia queria anexar firmemente a este site a ideia da intervenção salvadora de Deus.

Ao escolher Moriah como o lugar onde os ritos levíticos seriam realizados, David indicou que existia uma estreita correlação entre o ato salvífico de Deus e o serviço ritual no santuário.

O "Salem" de Jerusalém evoca Melquisedeque. A primeira vez que Salem é mencionado está em conexão com ele. Gênesis 14:18 Melquisedeque significa “rei da justiça”. Ele se juntou às funções do rei (de Salém, isto é, da paz) com o de sacerdote (Abraão deu-lhe o dízimo e recebeu uma bênção dele). Ele também foi chamado de sacerdote “para sempre”. Hebreus 5: 6. Pode-se entender facilmente, portanto, o prestígio que a tradição judaica atribuía a ele como rei-sacerdote. A tradição via nele, em geral, um antítipo do Messias, 156 identificando-o, segundo a linguagem de Philo, com o “Logos Eterno”.

Em Jerusalém associaram-se o padre e a vítima, o rei e o filho obediente. A intervenção salvadora de Deus para trazer justiça e paz também é sugerida. O que mais poderia ser necessário para deduzir que o nome de Jerusalém é uma alusão ao Messias?

A Bíblia autoriza essa conclusão. Falando da Nova Jerusalém - um reino no qual a justiça e a paz irão reinar (a Jerusalém messiânica) - Jeremias confere o nome de “Yahweh Our Justice.” Jeremias 33:16. Ele confere o mesmo nome àquele que ele chama de Messias filho de Davi. Jeremias 23: 6.

Sob a influência desses versículos de Jeremias, João, no livro de Apocalipse, associou a Nova Jerusalém e “meu novo nome [de Deus]”. Apocalipse 3:12. Jerusalém e o Messias, em seus nomes, compartilham uma mensagem comum.

Usando essa mesma passagem de Jeremias, o Talmud e o Midrash colocam Jerusalém e o Messias em uma ordem comum de idéias. “Ambos não levam o nome do Santo, bendito seja ele?” 158 Esperava-se, então, que os traços de um, o Messias, fossem espelhados no outro, Jerusalém.

A Bíblia nos ensinou a prestar atenção aos nomes próprios, pois muitas vezes eles têm uma mensagem definida para nós. Às vezes a mensagem é encontrada em sua semântica e sua fonética. Sempre o objetivo é comunicar um aviso - uma profecia. É assim em nomes de Deus, de pessoas e de lugares. Em Miquéias 1, por exemplo, o profeta tem o prazer de encontrar um oráculo divino ao considerar os nomes das cidades (Gate, Akho). Assim Aczibe (Miquéias 1:14), que contém a raiz KZB (uma mentira), deveria se tornar a Cidade da Mentira. O nome do Vale de Jezreel será invocado para anunciar um acontecimento histórico iminente - um evento similar ao que ocorreu ali vários séculos antes. Notavelmente, essa referência foi enfatizada na nomeação do filho de Oséias, que levou este nome geográfico para marcar a semelhança de dois eventos na história bíblica.

O antigo ditado de que “Nomen est omen” (um nome é um presságio) deve ter estado nas mentes dos escritores e rabis bíblicos quando eles estavam lidando com o nome de Jerusalém. A cidade trazia tal halo de glória religiosa e política que sua etimologia poderia inspirar um espectro total de revelações messiânicas. O nome falava do ministério contraditório do Messias. Mais uma vez, a ousadia de pensamento tornou possível reunir idéias irreconciliáveis: Sacerdote e vítima, Rei Eterno e um filho sacrificial.

Quando se considera esses dois aspectos contraditórios do Messias, pode-se pensar que a tradição judaica, nutrida nas Sagradas Escrituras, imaginou dois Messias: o filho de José - humilde, sofredor, que morreu voluntariamente e sacrificialmente; e o filho de Davi - coberto de glória, real, que viverá eternamente. No entanto, pudemos verificar até que ponto essa distinção era artificial: os dois Messias se fundiram e se concentraram em uma pessoa, o filho de Davi.

Mas, ao mesmo tempo em que esse tema se tornou claro e forte, outro conceito tornou-se real, até problemático, porque pôs tudo em questão - o conceito do “Filho de Deus”. O cerne da dificuldade era este: embora seja permitido ser filho de José e filho de Davi ao mesmo tempo, era impossível ser filho de Davi e filho de Deus ao mesmo tempo. Um é filho de homem ou filho de Deus - não ambos!

Mas esse paradoxo não parece ter sido impensável para os rabinos dos tempos antigos. Serenamente, eles ousaram propor este pensamento como se fluísse normalmente da fonte. Será que o problema escapou deles? Ou que, arrebatados com puro lirismo, perderam o senso de lógica?

De modo nenhum! Eles procuraram diligentemente e enfrentaram os riscos e surpresas que uma busca diligente deve envolver. Homens de fé eram também, com a aparente irracionalidade e questões que a própria fé gera nos espectadores. Completamente comprometidos com Deus, eles aprenderam a reconhecer Seus atos em uma longa história saturada de esperanças messiânicas. Eles estavam pouco preocupados com a natureza daquele que poderia salvá-los; Seu principal interesse estava no fato de sua salvação.

A contradição, portanto, não os deteve. Eles continuaram seu curso avançado para encontrar o Messias. Às vezes eles O viram com um cetro na mão, cada um com um rei enfeitado com uma majestade divina - na esteira de Jerusalém; às vezes, Ele veio a eles humilhado e torturado pelo sofrimento humano - na esteira de Belém.160 Não havia a Bíblia anunciado duas vindas do Messias? Humilde e sentado em uma bunda, Ele viria como um homem assediado por contingências terrenas; gloriosamente montando as nuvens, Ele desceria como um Deus com todo o poder. Zacarias 9: 9; Daniel 7:13

A contradição entre as duas vindas é óbvia. Um certo professor do Talmude, depois de enviar esse enigma a seus discípulos, apresentou sua própria solução: “Se eles [todos] forem dignos, o Messias virá nas nuvens do céu; se eles não forem dignos, Ele virá modestamente sentado num jumento.

Essa tentativa de resolver a dificuldade atesta, pelo menos, que em Israel o Messias estava representado nessas duas maneiras.162 Isso significa que dois Messias eram esperados? Nunca veio à mente do rabino fazer dois de um único Messias. Ele foi forçado a um compromisso: o próprio Messias escolheria entre as duas formas, de acordo com o estado moral do homem. Sua hipótese tinha o mérito de levar em conta tanto a profecia bíblica quanto a lógica.

Mas essa ginástica mental não é necessária. Alguém poderia simplesmente supor que haveria duas vindas do Messias em dois períodos históricos diferentes. Desta forma, o problema da contradição seria resolvido e os fatos dos textos das escrituras seriam respeitados. Se o Messias viesse de dois modos diferentes, eles teriam que ser duas idas diferentes: primeiro, como um homem de sofrimento, humilde, sentado num jumento, enviado para a Sua morte por nossa causa e por nós - um sacrifício expiatório, no tempo da humanidade, na história; uma segunda vinda como um Deus glorioso e justo, um rei supremo, nas nuvens do céu, o que implicaria necessariamente uma vinda no final do tempo humano e na criação da verdadeira Cidade de Deus.

A segunda vinda está além da nossa inteligência. É maior que o pensamento insignificante do homem. Pertence ao tempo de Deus. Portanto, nunca pode ser determinado ou realizado através de qualquer cálculo humano.

A primeira vinda, ao contrário, pertence à nossa história, se ajusta aos nossos tempos e às nossas medições. É fácil entender que, pertencendo à ordem humana das coisas, essa primeira vinda pode ser situada na história.

A chegar no tempo

Para ter certeza, o Messias deve vir em glória, "nas nuvens do céu", encarregado de uma missão cósmica e definitiva para trazer "o fim dos tempos". Mas Ele deve, antes disso, chegar ao "tempo", assentado sobre um asno ”, para realizar os aspectos terrestres e humildes de Sua missão.

A vinda de um Messias cujo trágico destino envolvia sofrimento e morte implica necessariamente um período de espera na história.

Vimos que o ministério desse Messias sofredor - para “fazer com que muitos sejam considerados justos” (Isaías 53:11) - lembrou a eficácia expiatória do sacrifício levítico. Como, então, não se pode tomar nota de uma passagem curiosa no livro de Daniel, onde é o assunto da expiação, e a justiça está relacionada a um Messias que está destinado a ser “cortado”?

Foram decretadas setenta semanas de anos sobre o teu povo e a tua santa cidade, para acabar com a transgressão, para pôr fim ao pecado e expiar a iniqüidade, para introduzir a justiça eterna, para selar a visão e o profeta, e para ungir um lugar mais sagrado. Sabei, pois, e entendes que desde a saída da palavra para restaurar e edificar Jerusalém até a vinda de um ungido, um príncipe, haverá sete semanas. Então, durante sessenta e duas semanas, será construído novamente com quadrados e fosso, mas num tempo conturbado. E depois das sessenta e duas semanas, um ungido será cortado e nada terá; e o povo do príncipe que há de vir destruirá a cidade e o santuário. O seu fim virá com uma inundação e até o fim haverá guerra; desolações são decretadas. ”Daniel 9: 24-27.

Esta profecia parece indicar uma data precisa para a vinda do anunciado Messias. A implicação é importante e deve ser encarada com o devido respeito pelas regras da interpretação profética. Devemos aplicar uma exegese adequada para garantir a verdade. Isso significa, é claro, que a linguagem, o contexto e a estrutura literária, bem como a hermenêutica bíblica e judaica, serão levados em conta.

O contexto. As primeiras palavras do capítulo 9 de Daniel indicam um contexto histórico específico: o primeiro ano de Dario (538 a 537 aC). Naquela época, Daniel, um príncipe judeu no exílio que havia se tornado um alto funcionário na corte da Babilônia, ficou perplexo com relação ao fim do cativeiro de sua nação, que durou quase setenta anos. Daniel consultou o livro de Jeremias, do qual ele aprendeu o número de anos que “devem passar antes do fim das desolações de Jerusalém, a saber, setenta anos”. Daniel 9: 2. Porque o fim do cativeiro estava se aproximando, a ansiedade de Daniel é compreensível.

A introdução (versos 1-4), como a conclusão (versículos 20-27), menciona a mesma preocupação pelo tempo e refere-se ao mesmo número de anos (setenta). Ambas as passagens, que constituem a estrutura do capítulo, transmitem a preocupação de Daniel pela salvação de Israel. Mas entre os dois, Daniel insere uma oração que revela sua preocupação básica: ele é atormentado pelo pensamento do pecado de seu povo, que ele relaciona ao exílio. Versos 5, 7, 16.

Daniel, portanto, clama a Deus, pedindo a ele em misericórdia para intervir e perdoar. Ele defende que Jerusalém - e, portanto, o santuário - seja restaurado à sua antiga glória e significado. (Compare versículos 17-19.)

Em resposta a esta oração de “confessar o meu pecado e o pecado do meu povo Israel, e apresentar a minha súplica” (verso 20), Deus enviou uma resposta do anjo Gabriel.

“No princípio das vossas súplicas, saiu uma palavra, e eu vim para contá-la, porque és grandemente amada”. Versículo 23.

Assim, as preocupações e preocupações de Daniel tornaram-se os pontos sobre os quais Deus lhe respondeu.

Daniel estava preocupado com o pecado do povo? A resposta de Deus foi que com o tempo o pecado seria expiado de uma vez por todas e a justiça eterna assegurada. Versículo 24

Daniel estava preocupado com o destino de Jerusalém? Deus responde que, com o tempo, um decreto será promulgado, favorecendo a reconstrução da cidade; contudo, em tempos posteriores, Jerusalém seria novamente devastada e destruída. Versículos 5 e 26.

Se nessa mesma visão se vê o anúncio da vinda do Messias, está nas duas respostas de Deus.

Primeiro, reconhecemos o papel do Messias na expiação do pecado. A maneira pela qual esse papel é anunciado é significativa. “Conhece, portanto, e compreende” (verso 25 J indica que esse papel está diretamente ligado ao primeiro ato da visão concernente à expiação. Em outras palavras, a vinda do Messias esclarece a alusão no verso 24 à expiação do pecado e à justiça eterna.

Então devemos estabelecer um ponto na história para calcular o período de tempo que leva à vinda e à morte do Messias. Detalhes relacionados ao destino de Jerusalém revelarão esse ponto. Versículos 4, 25 e 26.

As primeiras palavras da profecia nos dão a dica: “Decretamos setenta semanas de anos concernentes ao seu povo e à sua cidade santa.” A visão abre duas persianas: A primeira aponta para o povo e fala de expiação e salvação; o segundo abre na cidade santa de Jerusalém. Essa visão diz respeito ao espaço e à história e fala de construção e destruição. Ambos estão incluídos em um período de tempo: setenta semanas.

A oração de Daniel foi em favor do seu povo e de Jerusalém. Era de se esperar que a mensagem de Gabriel, falando por Deus, tratasse desses dois itens.

A estrutura literária. Quando se considera esta seção da Escritura de um ponto de vista estritamente literário, fica-se impressionado com uma ênfase dupla: as pessoas e seus pecados, e Jerusalém e seu santuário. O paralelismo literário163 sugere essa forma começando com o prelúdio:

Um total de setenta semanas decretadas

Sobre o seu povo

Para terminar a transgressão

Para pôr fim ao pecado

Para expiar a iniqüidade

E sua cidade sagrada

Para trazer a justiça eterna

Para selar a visão e o profeta

Para ungir um lugar sagrado (verso 24)

Os dois assuntos da resposta de Gabriel a Daniel são anunciados com antecedência: "seu povo e sua cidade santa".

Os três primeiros versículos, em hebraico, devem rimar com duas palavras cada. Todos os três versos lidam com o tema das pessoas. O padrão de pensamento diz respeito ao pecado e ao perdão - itens que a oração de Daniel tratou em conexão com o povo. Versos 5, 7, 16.

As três frases seguintes, em hebraico, são definidas como um padrão rítmico de três palavras e se relacionam com o tema da cidade santa e o santuário. O pensamento é totalmente centrado nas pessoas, enfatizando idéias características como a justiça eterna, a unção, o lugar mais sagrado, *etc.*

Então, existe outro paralelismo entre os próprios versos: o segundo elemento se estende e completa o primeiro:

“Terminar a transgressão” é paralelo a “trazer a justiça eterna”. O fim da transgressão resulta no reino da justiça ou justiça.

“Acabar com o pecado” é um paralelo de “selar tanto a visão como o profeta”. A palavra KHTM (para selar) é usada em ambos os casos.164 Assim, o “selamento” da visão ou profecia (isto é, a sua cumprimento) é paralelo ao “selamento” do pecado (isto é, pôr fim ao pecado, ou perdoar o pecado).

"Expiar a iniqüidade" é estabelecido em um paralelismo com "ungir um lugar santíssimo". Aqui a correlação é óbvia. O “lugar mais santo” 16S era a parte mais sagrada do santuário em que o sumo sacerdote ia apenas uma vez por ano no Dia de Kipur (Yom Kippur, o Dia da Expiação) para borrifar o sangue do animal sacrificado pelo pecado. o kapporeth, ou propiciatório.166 Assim foi expiação ou expiação feita pelo pecado (ver Levítico 16). No pensamento do israelita, a idéia de expiação e expiação era relacionada ao Santuário; mais precisamente, para o lugar mais sagrado do santuário.

Gabriel continuou: "Conhece, portanto, e compreende". Essas duas palavras se tornam dobradiças que introduzem a explicação. Na sequência do princípio literário do paralelismo, a mensagem é articulada em três fases. Os três versos que contêm essas fases mostram uma perfeita simetria:

A1 (verso 25a) Desde a saída da palavra para restaurar e construir Jerusalém para o Ungido, um príncipe sete semanas e sessenta e duas semanas

A2 (verso 26a) Após as sessenta e duas semanas, o Ungido será cortado e não terá nada: ninguém ao seu lado168

A3 (verso 27a) E ele fará um pacto forte com muitos por uma semana; e pela metade (no meio) da semana fará com que sacrifício e oferta cessem.

B1 (verso 25b) Restauração e construção com praças e fosso em um tempo conturbado

B2 (verso 26b) O povo do príncipe destruirá a cidade e o santuário em inundação, guerra e desolação, de acordo com o que foi cortado

B3 (verso 27b) Sobre a asa das abominações virá alguém que faz desolado até que o Um cortado seja derramado sobre o desolador.

Aqui, novamente, encontra-se o mesmo efeito de díptico (uma história de dois pontos de vista). No desenvolvimento do tema do povo, a figura de um Messias é distinguível, enquanto na esteira do tema de Jerusalém aparece o destino histórico da cidade: o fim da cidade e o santuário.

Este paralelismo de dois temas não é um dispositivo artificial. Ela cresce a partir da dupla corrente que percorre o capítulo: pessoas - pecado; Jerusalém - santuário.

O paralelismo é justificado, também, pela conexão que cada verso poético faz com seu correspondente por meio de expressões comuns como esta: Os três versos sobre Jerusalém (B) têm a palavra hebraica HRC em comum - “cortar” está em Bi e “Decreto” (aquele que é cortado) está em B2 e B3.

Da mesma forma, os três versículos sobre o Messias (Ai, A2, A3) referem-se sistematicamente a períodos expressos em semanas. Por essa razão, relacionamos as sessenta e duas semanas (Ai) com o Messias e não com Jerusalém, sugerida pela pontuação massorética.169 A sentença, portanto, deve ser dividida após “sessenta e duas semanas” e não antes. Nossa divisão segue, além disso, a das versões mais antigas da Bíblia, como a Septuaginta e a Peshita.170

Os dois temas do Messias e Jerusalém são usados ​​alternadamente, o que dá aos versos sua configuração entrelaçada:

A1 Messias-B1 Jerusalém

A2 Messias-B2 Jerusalém

A3 Messias (implícito e compreendido) 171-B3 Jerusalém

O paralelismo lateral também pode ser visto entre A1 e B1, A2 e B2, A3 e B3:

A1 vai com B1 pelo uso repetido das duas palavras “restaurar” e “construir”.

A2 vai com B2 em seu tema comum sobre destruição e morte.

A3 e B3 estão juntos em suas referências aos assuntos do templo.

O andaime literário aqui é realmente maravilhoso. Junto com a compreensão da passagem, não fomos capazes de resistir à tentação, apesar do risco de complexidade indevida, de fazer uma pausa, erguer o véu e admirar a estrutura poética do profeta. A mensagem do profeta transparece na beleza de sua poesia e sua estrutura literária esclarece seu objetivo.

Daniel foi atormentado pelos pecados de seu povo e pelo destino de Jerusalém e seu santuário. Foi assim que, em oração, intercedeu junto a Deus, por um lado, para perdoar o pecado do povo e, por outro, virar o rosto e olhar para o santuário devastado. Essas duas frases ecoam na mensagem de Gabriel, na qual ele sugere a resposta de Deus à oração de Daniel e formula a profecia das setenta semanas.

A profecia manifesta um foco duplo. A primeira é acabar com a transgressão, pôr fim ao pecado, expiar a iniqüidade - tudo isso leva ao aparecimento de um Messias predestinado a ser cortado e a fazer cessar o sacrifício e a oferta. O segundo foco é Jerusalém e o santuário (com seus temas de salvação), a construção de ambos e depois sua destruição.

A intenção de Daniel 9 é que o leitor entenda que o Messias está destinado a ser uma vítima sacrificial. O fenômeno da expiação requer que o Messias seja atacado para que os pecados do povo possam ser expiados.

No entanto, além da abstração teológica, essa verdade mística entrará na carne torturada da humanidade (1'Histoire). A fim de reconhecer como e quando o Messias se tornou realidade, deve-se enfocar a história de Jerusalém.

A interpretação na realidade

Dois pontos específicos de informação são fornecidos pela profecia, permitindo-nos estabelecer os fatos históricos relativos à vinda do Messias: (1) um período de tempo de setenta semanas; (2) uma data para começar este período de tempo - o decreto autorizando a reconstrução de Jerusalém e seu templo.

I. As setenta semanas. O que deve ser entendido por essa expressão? Essas semanas literais, ou “semanas”, devem ser interpretadas por uma chave especial?

Cerca de quarenta anos antes, Ezequiel (um profeta que também havia sido exilado na Babilônia na mesma época em que Daniel) recebeu uma visão em que testemunhou a destruição de Jerusalém, a mensagem de Ezequiel, com seu contexto teológico (pecados do povo), contexto histórico (destruição de Jerusalém) e contexto geográfico (no exílio) em paralelo com a preocupação de Daniel.

Em Ezequiel como no tempo de Daniel, o oráculo divino incluía a fixação de um período de tempo definido. No caso de Ezequiel, o tempo foi avaliado em dias; e o profeta deu imediatamente o fator de conversão: um dia é igual a um ano. Veja Ezequiel 4: 4-7.

Essa chave de conversão era obviamente conhecida por Daniel. Em vista do assunto comum que dizia respeito tanto a Ezequiel quanto a Daniel, é mais provável que as setenta buscas de Daniel (490 dias) se refiram igualmente a anos. De fato, a continuação das palavras de Daniel (Daniel 10: 3) confirma isso. O profeta se refere às três semanas durante as quais ele se limitou a um regime muito rigoroso; ele deixa claro que está se referindo a “semanas de dias”. Assim, Daniel distingue esse período de vinte e um dias do período de setenta semanas mencionado anteriormente, deixando claro que as setenta semanas eram de fato “semanas de anos”. referência específica a “semanas de dias” é a única vez na Bíblia onde tais palavras aparecem.

Além disso, a tradição judaica sempre interpretou as setenta semanas dessa maneira.172 Com as palavras “setenta semanas [de anos] foram decretadas [cortadas]”, o Talmud comenta: “Essa profecia foi dada no início dos setenta anos. de cativeiro na Babilônia. Da restauração à segunda destruição, houve 420 anos, o que perfaz um total de 490 ou setenta semanas de anos. “173

Em outros lugares, o Talmud é mais preciso: “Uma semana em Daniel 9 significa uma semana de anos”.

O Midrash Rabbah segue essa mesma linha de interpretação. Ao explicar o versículo “Ele fará um pacto forte com muitos por uma semana” (Daniel 9:27), ele diz: “Uma semana representa um período de sete anos. 173

Desde então, os judeus permaneceram fiéis a essa leitura; e os mais famosos dos exegetas, como Saadia, Raschi e Ibn Ezra, adotaram unanimemente.

Tendo dito o acima, se alguém adota a pontuação massorética (“Até o Messias, sete semanas e sessenta e duas semanas serão restauradas…). Depois dessas sessenta e duas semanas, o Messias será cortado), é difícil ver como o Messias aparecendo depois das primeiras sete semanas (quarenta e nove anos) morreria sessenta e duas semanas depois, isto é, depois de 434 anos.176

Temos boas razões para acreditar, então, que a quebra na estrutura da sentença originalmente deveria vir depois das palavras “sessenta e duas semanas. Desta forma, a morte do Messias seguiria logo após a sua aparição, o que por si só seria plausível. Não nos esqueçamos, no suporte deste ponto de vista, que essa pontuação é afirmada pelas versões mais antigas, como a Septuaginta e a Peshitta, com os Manuscritos do Mar Morto seguindo o exemplo.177

Conhecendo a natureza desse período profético, ainda precisamos determinar o ponto de partida.

II. O decreto “Desde a saída da palavra para restaurar e edificar Jerusalém” Daniel 9:25.

Neste contexto, o livro de Esdras nos conta que Jerusalém e seu templo foram restabelecidos após uma sucessão de decretos emitidos por Ciro, Dario e Artaxerxes (ver Esdras 6:14).

Cada um desses reis deveria publicar um decreto relativo à restauração. Mas que os três decretos eram necessários, que os dois primeiros são insuficientes, deve destacar a importância do terceiro. Apenas o terceiro chegou a plena fruição. Nem a Bíblia menciona outros. O terceiro decreto foi, de fato, muito mais longo e mais substancial em suas disposições do que os dois primeiros. Apenas o terceiro anuncia a restauração total de Jerusalém.

Os decretos de Ciro (cf. 2 Crônicas 36:22, 23 e Esdras 1: 1-4) e Dario (cf. Esdras 6: 6-12) se referia apenas à construção do templo e seus apêndices. O decreto emitido por Artaxerxes (cf. Esdras 7: 12-26) proporcionou, além da restauração do templo, a criação de juízes e magistrados para administrar a vida civil da cidade (ver Esdras 7:24, 25). Este decreto envolveu a reconstrução e restauração da cidade de Jerusalém - não apenas o templo. E este terceiro decreto foi o único seguido por um serviço de dedicação e louvor a Deus. Este serviço parece ter reconhecido uma resposta à oração, uma visitação na qual Deus se lembrava de uma antiga profecia e inspirava seu cumprimento: “Bendito seja o Senhor, o Deus de nossos pais, que colocou tal coisa no coração do rei. para embelezar a casa do Senhor que está em Jerusalém, e que me concedeu o seu amor inabalável perante o rei e seus conselheiros, e diante de todos os poderosos oficiais do rei, tomei coragem, pois a mão do Senhor meu Deus estava sobre e eu reuni líderes de Israel para subir comigo. ”Esdras 7:27, 28.

Artaxerxes emitiu este decreto no sétimo ano de seu reinado, que foi no outono de 457 aC178.

Sessenta e nove semanas - ou seja, 483 anos depois - de acordo com a profecia, um príncipe Messias (um Ungido) deveria aparecer. Esse ano seria 27 D.C.

Após as sessenta e nove semanas, o Messias seria “cortado”. O restante da passagem (versículo 27) nos diz que o Messias iria “fazer cessar o sacrifício e a oferta” no meio da semana seguinte, isto é, o septuagésimo e último do período profético. Já vimos como Daniel, o poeta-autor, indicou por meio do paralelismo literário uma estreita relação entre o Messias e as idéias expiatórias expressas no sistema levítico dos ritos. A morte violenta (ykaret) do Messias179 acompanha a súbita cessação (yashbit) do ritual. Os dois versículos se referem ao mesmo assunto - ao Messias. Ele será cortado e fará cessar os sacrifícios e ofertas. Os dois eventos são inseparáveis.

Portanto, se o segundo dos dois eventos ocorrer no meio da semana, deve ser deduzido que o mesmo é verdadeiro para o primeiro. Isso nos leva a colocar a execução do Messias na primavera de AD 31 - meia semana (três anos e meio) após a sua aparição pública (o outono de 27).

Pode-se entender a observação de Flavius ​​Josephus sobre Daniel: “Tudo era extraordinário neste o maior dos profetas… porque ele não apenas predizia de um modo geral o que estava por vir, como os outros profetas, mas ele marcou a época em que estava para acontecer. “180

Na mesma ocasião, o historiador atesta o valor de tal livro para os judeus de seu tempo181 (o primeiro século de nossa era): “Nossa nação ainda lê seus escritos hoje, e essa leitura prova quanto Deus Se revelou a Daniel. “182

Provas Abundantes

Os escritos bíblicos e os da tradição judaica transmitem uma forte preocupação messiânica: “Todos os profetas profetizavam apenas para os tempos messiânicos”, declara o Talmud.183 O assunto da vinda do Messias foi de grande importância para o pensamento judaico, e essa rica herança é nossa. para desfrutar e estudar hoje. Devemos examiná-lo de todos os lados, a fim de entender o melhor possível seu significado multifacetado.

Muitas testemunhas podem ser encontradas na literatura judaica para uma fé profunda e permanente de que um Messias pessoal estava por vir, cuja missão redentora se fundiria em sacrifício. Ele salvaria enquanto arriscava a vida. Uma tradição muito judaica enraizada em textos bíblicos e aparente nos ritos mosaicos até ousou ver isso em sua forma contraditória: o Messias seria ao mesmo tempo Deus e homem.

Quando a pregação sobre este Jesus de Nazaré irrompeu nas cidades de Israel, muitos se tornaram seguidores. Flávio Josefo observou em seu livro Antiguidades Judaicas: “Naquele tempo vivia Jesus um homem sábio. Ele realizou milagres e ensinou as pessoas que receberam com alegria a verdade; e ele trouxe muitos para ir com ele.

Essa resposta dos judeus a Jesus (Jesus) é facilmente compreendida. As tradições, tanto escritas como orais, continham ensinamentos que confirmavam seus novos sentimentos e convicções. Dos ritos levíticos às profecias de Isaías, tudo parecia anunciar a vinda de um Messias - Deus que salvaria pela Sua morte sacrificial. Imediatamente à Sua chegada, Jeshua foi expressamente designado como o “Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo”. João 1:26.

Além disso, muitas pessoas disseram que o viram realizar os mais extraordinários milagres. Ele até ressuscitou os mortos. Muitos alegaram ter sido curados por Ele ou pelo Seu nome. Tais eventos foram de data recente e puderam ser verificados por contemporâneos de Josefo. Quando pessoas de diferentes origens e culturas de repente concordaram em contar sem a menor hesitação e com detalhes abundantes a mesma história, a pessoa estava inclinada a parar e pensar. Além disso, a convicção de muitas dessas testemunhas, cuja boa fé foi testada até o martírio, estava fadada a gerar uma multidão de irmãos. Mas, acima de tudo, esta evidência era aquela profecia incômoda feita por Daniel, que afirmava fixar a data da aparição e a execução do Messias, respectivamente, para os anos 27 e 31. E esse Messias que veio pelo nome de Jesua apareceu exatamente no ano 27: “No décimo quinto ano do reinado de Tibério César”. “Jesus, quando começou seu ministério, tinha cerca de trinta anos de idade”.

O extremo cuidado de Lucas em datar com precisão o início do ministério do Messias revela a importância atribuída à cronologia profética. O ano de Sua apresentação pública demonstrou que o Messias veio quando “chegou a hora” Gálatas 4: 2-4; cf. Marcos 1:15 Durante esse período, o mundo judaico estava repleto de esperanças messiânicas187, como se as pessoas estivessem prontas para saudar e aceitar Aquele que trouxesse o consolo de Israel.

Por último, ninguém poderia ignorar que o Messias conhecido como Jeshua havia sido executado cerca de três anos e meio após o início de seu ministério público, 188 no ano dC 31, como Daniel havia previsto.

Que Jesus de Nazaré parecia corresponder em todos os pontos ao retrato messiânico delineado nas Escrituras tornou-se inevitável para um número crescente na comunidade judaica.

Além disso, a tradição judaica mantinha uma concepção messiânica que se assemelhava estranhamente à do evangelho. Após a separação entre judeu e cristão, isto é, na época em que a tradição foi escrita, o judaísmo não tinha desejo ou inclinação para transmitir opiniões que fossem prejudiciais à ortodoxia judaica. A controvérsia judaico-cristã estava em plena explosão, e o Talmud e o Midrash eram ambos participantes.189 O fato de que esses textos que estivemos considerando foram, no entanto, transmitidos mostra até que ponto Israel estava imerso na teologia messiânica; o fato também atesta a honestidade dos escribas.

Toda essa argumentação era impressionante e muitas vezes trazia convicção. No entanto, a argumentação raramente foi decisiva. Notavelmente, o registro do evangelho não dá sequer um caso de “conversão” baseado exclusivamente em uma demonstração racional. De fato, quando “conversão” aconteceu, surgiu de uma direção diferente, quase contrária ao argumento racional: aceitação derivada de uma experiência - do conhecimento pessoal. Começou com uma experiência pessoal e subjetiva com esse Messias em particular e encontrou confirmação em uma nova leitura das Escrituras.

O caso de Saulo de Tarso é uma ilustração notável. Este fariseu havia sido treinado nas escolas judaicas mais exigentes; ele poderia ter concluído, por seu próprio estudo, que o Jesus de Nazaré era de fato o esperado Messias. Seu profundo conhecimento das Escrituras e da tradição judaica eram provas suficientes e deveria tê-lo levado naturalmente a essa conclusão. Mas eles não fizeram. Pelo contrário, a partir de sua abordagem erudita e religiosa, ele chegou à conclusão de que a nova seita era perigosa; e ele partiu para destruir seus membros: “Eu sou um judeu, nascido em Tarso na Cilícia, mas criado nesta cidade aos pés de Gamaliel, educado de acordo com o estrito modo da lei de nossos pais, sendo zeloso por Deus como todos vocês são neste dia. Eu persegui este Caminho até a morte, obrigando e entregando à prisão homens e mulheres. Atos 22: 3, 4.

Somente um encontro pessoal decisivo com Aquele que ele perseguiu levou-o a reconsiderar toda a questão e a empreender uma nova interpretação das Escrituras. Somente quando armado com essa experiência pessoal e respaldado pelos textos, ele conseguiu forjar a evidência de que Jeshua era de fato o Messias. Veja Atos 9:22.

Saul é um exemplo com uma lição significativa. A religião cristã, baseada na pessoa do Cristo ou do Messias, é essencialmente uma experiência - uma relação pessoa a pessoa. Assim, parece inadequado falar de “provas” quando a questão é, acima de tudo, da vida e do amor. Encontros significativos com uma pessoa não podem ser construídos em meros argumentos ou provas. Tais encontros, geralmente inesperados, envolvem todas as faculdades do nosso ser: instintivas e racionais, mentais e físicas. Somente no que se segue o encontro pessoal - no diálogo diário - a realidade de um relacionamento de pessoa a pessoa encontra forma e substância; só então se encontra prova de que tal relacionamento foi uma boa escolha.

Convicção em um relacionamento de pessoa para pessoa procede de uma experiência e não o inverso. O pensamento hebraico, neste ponto, difere do pensamento cartesiano. Este último constrói a experiência no pensamento. "Eu acho que; portanto, eu sou. ”A Bíblia retrata Deus se apoderando de homens e mulheres antes que eles tenham entendido. O cingimento mental das decisões morais segue uma experiência: “Eu sou; portanto, eu penso ”. Para os israelitas conhecerem a resposta de Deus, eles primeiro tinham que entrar no Jordão. Veja Josué 3:13. Eles acreditavam depois.

A tradição judaica chama a atenção do crente para o fato de que, quando Deus se dirigiu a Israel para dar Sua lei, o povo respondeu: “Tudo o que o Senhor falou nós faremos, e seremos obedientes [hebraico:“ ouve ”e“ obedecer ”são a mesma palavra].” Êxodo 24: 7. A sabedoria de Israel consistia em colocar “do” antes de “escutar”. Nisto eles proclamaram a primazia da ação sobre a doutrina. O Maharal190 extrai desse texto a lição de que a obediência às leis divinas deveria ser elevada acima da convicção pessoal.191 “Não podemos chegar a um conhecimento do que é verdadeiro”, observa SR Hirsh, “sem viver de acordo com as leis divinas. 192 O Novo Testamento parece estar em plena harmonia com essa concepção judaica de descobrir a verdade. Refletindo sobre esse tema, Paulo descreve a fé como uma ação: “Através da fé eles conquistaram reinos, aplicaram justiça, receberam promessas, pararam a boca de leões, apagaram o fogo, escaparam do fio da espada, ganharam força por causa da fraqueza, tornou-se poderoso na guerra, exterminou exércitos estrangeiros. ”Hebreus 11:33, 34.

"A fé sem obras está morta", declarou também o apóstolo Tiago. Tiago 2:17. A ação precisa e concreta é estabelecida na Bíblia como um primeiro requisito. Em outras palavras, a pessoa deve viver com Deus se for plenamente acreditar em Deus. Da mesma forma, é preciso conhecer a aventura de um relacionamento pessoal com o Messias, se alguém o reconhecer nas profecias. Um estudo das Escrituras traz uma ratificação da escolha, em vez de uma demonstração dela.

Muitos cristãos são tão condicionados desde a infância a acreditar em Jesus que é difícil para eles conceber a existência de qualquer outra fé. Eles imaginam, um tanto infantilmente, que seguram a prova absoluta da verdade. Para eles, o caso está resolvido.

Esses cristãos correm o risco de algum dia cair na intolerância. Desejosos de demonstrar a qualquer preço sua verdade, acabam esquecendo que sua vida, por si só, é o argumento por excelência a favor dela.

Deve-se lembrar da parábola atribuída a Lessing.191 A hodi tinha três filhos. Ao se aproximar da morte, ele os chamou para o seu lado. Aqui estão três anéis ”, disse ele. “Um deles tem qualidades mágicas, com o poder de transformar o portador em um homem bom e sábio. Infelizmente, os três anéis parecem idênticos; e não sou capaz de lhe dizer qual é a mágica. O filho que conseguir isso demonstrará o fato em sua vida ”.

Sob tais circunstâncias, tentar testar o metal não faria sentido. No entanto, muitos crentes cristãos perderam a essência da mensagem bíblica e, assim, perderam-se em intermináveis ​​disputas. Aqueles que perderam o essencial agora se esforçam para estar certo pela força. Eles buscam provas no metal porque têm medo de revelar a prova real em suas vidas.

O judeu, uma vez que ele tenha se familiarizado com e tenha vivido a verdade do Messias, se voltará para o Sagrado Anzol para encontrar nele a confirmação e não a base de sua fé. Ele então está convencido de que a Palavra nunca poderia contradizer sua experiência, porque o mesmo Espírito inspira a ambos.

Quando um judeu aceita o Messias, ele o faz por causa de raízes que sempre foram dele. Nunca deve vir à sua mente que ele terá que ser arrancado. Ele continua sendo um ramo do tronco original. Mais do que anunciar uma destruição, Jesus pregou uma piedade judaica mais autêntica. Amado Levi-Yalensi está certo: "Nunca se poderia dizer com mais vigor do que Jesus, que o judeu deve permanecer judeu".

Israelita no coração e pela fé, o judeu reconheceu em Jesus de Nazaré o Messias do seu povo - o seu próprio Messias. A adoção foi justificada, nutrida por uma referência contínua às suas Escrituras e até mesmo à sua tradição oral. Portanto, aceitar o Jeshua não requeria conflito com a fé ancestral. A Nova Aliança não foi uma ruptura ou uma separação, mas, pelo contrário, um renascimento da Aliança Eterna.

Capítulo 7

Renascimento de uma Aliança

“O grande pecado do mundo cristão, qualquer que seja a grandeza de sua fé, seria a rejeição da lei de Deus.” - Ellen Gould White.

Somente Jeremias no Antigo Testamento usa as palavras “aliança”. Jeremias 31:31.

Uma longa e trágica história se aproximava rapidamente de seu clímax; o profeta estava em um estado de expectativa, olhando ansiosamente para um novo começo, uma nova criação. Sua preocupação era aparente em sua linguagem. Significativamente, a palavra bereshith ("no princípio"), um termo técnico relacionado à história da Criação, não se encontra após o livro de Jeremias (ver capítulos 26: 1; 27: 1; 49:34). Invocando memórias do relato de Gênesis, o profeta expressou seu grande desejo por um novo mundo. Contra esse pano de fundo, Jeremias desenvolveu sua teologia de uma Nova Aliança.

O apóstolo Paulo cita esse versículo (Jeremias 31:31) para explicar o que ele considerava ser a essência do cristianismo (ver Hebreus 8: 9). Parece evidente que Jesus também se referiu a este texto durante a última ceia. (Ver Lucas 22:20.) Sem dúvida, os primeiros cristãos usaram a referência de Jeremias a uma Nova Aliança para estabelecer uma definição do que eles realmente eram. Agora precisamos descobrir o que foi entendido por essa “nova aliança”. O conceito tradicional cristão é que uma “nova aliança” era abolir a antiga e instalar uma nova economia religiosa. "Houve ... uma revogação de tudo o que constituía a especificidade do judaísmo", escreveu o padre Vincent. “É isso que o cristianismo ensina: Jesus Cristo aboliu a lei.” 195

Mesma Lei

No entanto, a passagem de Jeremias, citada pelo apóstolo Paulo, diz exatamente o contrário: “Eis que vêm os dias, diz o Senhor, quando eu fizer uma nova aliança com a casa de Israel ea casa de Judá… Este é o pacto que farei com a casa de Israel, depois daqueles dias, diz o Senhor: Porei a minha lei neles e escreverei no seu coração; e eu serei o seu Deus e eles serão o meu povo. ”Jeremias 31: 31-33.

As palavras “vou escrevê-lo” são, obviamente, uma alusão direta ao Decálogo, o único documento que Deus escreveu com as próprias mãos. O verso 32 implicava isso quando se referia ao pacto feito no Sinai com os pais após a partida do Egito. A Lei, diz Deus, que eu escrevi nas tabelas (Êxodo 34: 1) será doravante escrita em seu coração. Em seguida, segue a fórmula que o Antigo Testamento usa sistematicamente para reforçar o pacto e garantir o seu sucesso: "Eu serei o seu Deus e eles serão o meu povo" (cf. Jeremias 31: 1; 30:22).

O Novo Pacto que Jeremias prevê, longe de abolir o antigo, pelo contrário, na verdade o estende. As imagens sugeridas pela linguagem do profeta claramente ensinam isso. A Lei até então parecia ao israelita ser algo fora dele; agora deveria estar dentro - em seu coração - de ser parte integrante dos segredos mais íntimos de seu ser. A Lei agora deveria ser assimilada, vivida, aceita de dentro; seu poder motivador interior superaria o caráter exterior de restrição. Essa experiência deveria ser pessoal, direta, existencial. Sob esta luz, pode-se entender o que é dito no verso seguinte: “Não mais cada um ensinará ao seu próximo e a cada um seu irmão, dizendo: 'Conheça o Senhor', pois todos eles me conhecerão, desde o menor deles até o maior, diz o Senhor. ”Jeremias 31:34.

A Nova Aliança é um aprofundamento da internalização do Velho.

Jesus também entendeu dessa maneira. “Não suponha que eu tenha vindo abolir a lei e os profetas; Eu não vim abolir [katalusai], mas completar [plerosai] .196 Eu lhes digo isto: enquanto o céu e a terra durarem, nem uma letra, nem um derrame, desaparecerá da Lei até que tudo que tenha que acontecer tenha aconteceu. Se, por conseguinte, qualquer homem deixar de lado as exigências da Lei e ensinar outros a fazer o mesmo, ele terá o menor lugar no reino dos céus, ao passo que qualquer um que cumpra a Lei e ensine aos outros assim estará no alto. Reino dos céus. Eu lhes digo que, a menos que se mostrem homens muito melhores do que os fariseus e os doutores da lei, vocês nunca poderão entrar no reino dos céus. Mateus 5: 17-20, NEB

Não pare no meio do caminho em sua obediência a Deus, disse Jesus. Não fique satisfeito com uma observância legalista. Vá muito mais longe! E nos versos que seguem, Jesus retoma a aplicação prática dessa atitude:

“Você aprendeu que nossos antepassados ​​foram informados: 'Não cometer assassinato; quem cometer assassinato deve ser julgado. Mas o que eu digo é isto: qualquer um que nutra raiva contra seu irmão deve ser julgado. Se ele abusar de seu irmão, ele deve responder por isso ao tribunal; se ele zombar dele, ele terá que responder por isso no fogo do inferno [Geena]. ”Mateus 5:21, 22, NEB

“Aprendeste que lhes foi dito: 'Não cometer adultério'. Mas o que eu te digo é isto: se um homem olha para uma mulher com um olhar lascivo, ele já cometeu adultério com ela em seu coração. ”Mateus 5:27, 28, NEB

A lei escrita no coração das pessoas se torna muito mais exigente do que a lei escrita em pedra. Quando a Lei é internalizada, a pessoa inteira está envolvida, incluindo as motivações mais íntimas - até mesmo o subconsciente.

Em conexão com esses mesmos versos, o teólogo católico romano Tresmontant fez este comentário: “Aquilo que interessava a Jeshua, era o ser em profundidade, os segredos do coração. Aquele que vive essa raiva, esse desejo de matar, é um assassino. Jeshua faz sua análise nesse nível. Ele coloca suas necessidades nessa profundidade. Não somente, como a Torá prescreveu, você não deve matar, mas o mandamento de Jesus acrescenta: você não desejará matar, você não desejará a morte. ”Então Tresmontant observa:“ Pode-se ver que não haveria diminuição os requisitos em comparação com a Torá, mas sim um aumento. ”197

E tem mais. As exigências de Jeshua diziam respeito a toda a lei, não apenas as disposições relativas a assassinato e adultério. Suas exigências se aplicavam a um mandamento cuja observância era tomada como certa naquele momento: o mandamento do sábado. Então, por que esse Mestre, que se mostrara tão exigente em Seus ensinamentos, fez uma reviravolta repentina ao expressar certas concessões liberais relativas ao mandamento do sábado?

Ele realmente não fez. Em seu relacionamento com o sábado, como com os outros preceitos do Decálogo, Jeshua realmente pediu uma obediência mais completa, um cumprimento mais sério.

Como o mandamento do sábado se relaciona com o tempo, ele está especialmente sujeito às torções engenhosas do compromisso. Um tempo para celebrar o sábado pode ser adaptado para atender a mudanças impostas por diferentes culturas ou por outras circunstâncias mais particulares. Jesus estava bem ciente da covardia do homem e de sua inclinação para descobrir o pretexto fácil.

Por esta razão, Jeshua exortou fortemente Seus discípulos em Seu discurso apocalíptico: “Ore para que o seu vôo não seja no inverno ou no sábado”. Mateus 24:20.

Pode-se entender que o vôo no inverno causaria problemas de natureza prática por causa dos rigores do clima. Os medos que Jeshua tinha em mente eram totalmente justificados. Mas “fugir num dia de sábado” implicava problemas de natureza diferente. Esse voo pode ser crítico, envolvendo vida ou morte. No entanto, Jeshua passou sobre aquele perigo real, aconselhando Seus ouvintes a orar para que sua fuga não ocorresse em um sábado, porque isso poderia envolver uma transgressão.

Tal sensibilidade religiosa parece surpreendente em um momento como este, quando as pessoas estariam inclinadas a procurar o compromisso fácil, a desculpa pronta. Jesus queria que Seus discípulos evitassem uma situação em que o compromisso aparecesse aceitável e justificado.

Jesus também nos coloca em guarda contra uma observância superficial da lei. Na Nova Aliança, a Lei não pode ser satisfeita por mera obediência mecânica, com gestos sem vida; preocupa-se com o ser humano total, incluindo os recessos secretos do pensamento e do sentimento. Portanto, a observância do sábado assumirá na religião de Jesus uma nova dimensão.

Para aqueles que O acusaram de ter curado um paralítico em um dia de sábado, Jesus deu esta resposta em profundidade: “Se no sábado um homem recebe a circuncisão, para que a lei de Moisés não seja quebrada, você está com raiva de mim porque no sábado eu fiz bem todo o corpo de um homem? Não julgueis pelas aparências. ”João 7:23, 24.

É preciso pensar sua fé. Não é suficiente apenas para fazer. É necessário que a ação proceda da verdadeira convicção. Se isso não acontecer, a observância do sábado degenerará em uma série de gestos mecânicos. A lei é estar no coração e controlar o ser total. Neste, a religião bíblica é distinguível do paganismo; o gesto não possui valor intrínseco em si mesmo. O Antigo Testamento, mais de uma vez, deixa isso claro: “Castigarei todos os que são circuncidados [na carne], mas ainda incircuncisos [no coração].” Jeremias 9:25.

“O sacrifício dos ímpios é uma abominação ao Senhor. Provérbios 15: 8; cf. Provérbios 21: 3; Isaías 1:10, 11.

Sacrifícios, circuncisão e todos os outros ritos instituídos por Deus são inúteis, a menos que procedam da adoração do coração.

Jesus não desviou do princípio no descanso sabático - longe disso. Ele estava determinado a esclarecer sua ortodoxia. “Não julgue pelas aparências.” Você tem a impressão de que eu violei o mandamento do sábado. Mas eu não faço nada do tipo. Em vez disso, vou mais longe do que você, a fim de trazê-lo de volta ao essencial, ao invisível, ao espírito do sábado. Pode-se observar externamente o sábado e ainda violar seu espírito. O que pode parecer um gesto adequado pode, de fato, ser oposto ao espírito. Tal foi o caso em João 7. Se Jesus tivesse observado as formalidades do sábado esperadas por Ele, Ele teria violado seu espírito e o paralítico não teria sido curado.

A revelação no Sinai ensinou que o sábado era um dia de santidade, não apenas um dia para parar o trabalho. O sábado deveria ser um dia em que as pessoas poderiam renovar seu relacionamento com Deus, que pode ter enfraquecido ou quebrado durante os dias de trabalho.

“Fazer o bem” (Marcos 3: 4) no sábado, então, é uma parte normal do programa espiritual. Jesus ocasionalmente curava os enfermos no dia de sábado (cf. João 9:16; Marcos 3: 1 - 5; Lucas 13: 10-17). Mas ao fazê-lo, Ele não pretendia abolir a lei. Ele preferiu ensinar que o sábado não era apenas um gesto de cessação, mas era uma atitude total, um modo de ser que respondia às exigências de santificação contidas no mandamento (cf. Êxodo 20: 8-10; 31:14; Isaías 56: 2).

A advertência que Jesus deu contra os perigos do compromisso e do legalismo que estão à espreita de todos os crentes só pode enfatizar Seus requisitos para um serviço em profundidade: culto ao coração - um serviço de amor.

É preciso, portanto, ter cuidado para não julgar as aparências em relação a Jesus e concluir apressadamente que a transgressão, ou mesmo a abolição, estava envolvida. Quando Seus discípulos, em plena vista no dia de sábado, escolheram alguns grãos de trigo para satisfazer sua fome, Jesus poderia ter se refugiado contra Seus acusadores citando certas linhas familiares na Lei oral: “É permitido levar com a mão e come no dia de sábado, mas não é permitido levar com um instrumento; Tais são as palavras do rabino Judah.

Se Jesus tivesse citado Rabbijudah, as acusações de seus detratores teriam sido anuladas. Mas o mestre galileu estava perseguindo um objetivo mais elevado do que o da controvérsia efetiva e da batalha textual. Mais uma vez, Ele chamou a atenção de Seus ouvintes para o centro do problema: “O sábado foi feito para o homem, não o homem para o sábado”. Marcos 2:27. Jesus aqui não estava promovendo, como sugere C. Tresmontant, uma "humanização" ou liberalização do sábado. Pelo contrário, Ele estava ressaltando a importância do sábado para a felicidade do homem, assim como Isaías havia feito anteriormente: “Se você voltar seu pé do sábado, de fazer o seu prazer no meu dia sagrado, e chamar o sábado um deleite e o santo dia do Senhor honorável; se você honrá-lo, não seguir seus próprios caminhos, ou procurar seu próprio prazer, ou falar distraidamente; então te alegrarás no Senhor. ”Isaías 58:13.

Se a Lei está escrita no coração, em harmonia com os termos da Nova Aliança, ela não a observará a contragosto, como se fosse uma restrição dolorosa externa.

O cristianismo tradicionalmente viu em Jesus um reformador empenhado em abolir a lei judaica. Mas Jesus na verdade não pensou em deixar de lado os mandamentos de Deus.

A Lei não apenas permaneceu inalterada sob o Novo Pacto, mas exigiu um novo espírito - para uma obediência profunda e autêntica - para uma disposição ainda maior e uma feliz submissão.

Paulo entendia assim: “Mas agora somos libertos da lei, mortos para aquilo que nos mantinha cativos, para que não sirvamos debaixo do velho código escrito, mas na nova vida do Espírito.” Romanos 7: 6.

Os exemplos de cobiça e adultério escolhidos pelo apóstolo em Romanos 7 (versos 22 e 25) mostram que ele estava pensando no Decálogo. Ele então explica a importância dessa Lei e o papel que ela desempenha no processo de redenção.

Graças a essa lei, o homem recebe um discernimento especial em relação ao bem e ao mal. Por contato com a Lei, ele pode saber o que é bom e o que é mal e assim pode se tornar consciente de sua culpa e da sentença de morte que paira sobre ele.

Como um espelho (Tiago 1: 23-25) que reflete as características físicas de uma pessoa, a Lei é capaz de refletir as características morais de alguém e, portanto, o destino que aguarda os infratores da lei.

Com essa consciência, e afetada por legítimo desespero, um ser humano só pode então se voltar para Deus e pedir misericórdia. A resposta de Deus pode ser interpretada apenas como um ato de salvação imerecida, uma dádiva gratuita da vida.

A lei de si produz morte; mas, em outro sentido, a lei traz vida porque força a reconhecer sua insuficiência. A lei leva o perdido a clamar a Deus por misericórdia e graça.

O mesmo padrão de pensamento pode ser encontrado no final de Romanos 7. A luta de Paulo para viver em sua força humana de acordo com a Lei de Deus terminou em derrota total, como ele diz: “Eu vejo em meus membros outra lei em guerra com a lei da minha mente e me fazendo prisioneiro da lei do pecado que habita em meus membros. Miserável homem que eu sou! Quem me livrará deste corpo da morte? ”Romanos 7:23, 24.

Essa completa percepção da derrota tornou-se salutar porque permitiu que Paulo reconhecesse sua necessidade da graça de Deus: “Graças a Deus por Jesus Cristo, nosso Senhor!” (Romanos 7:25). Assim como um tutor grego, um servo atribuiu a tarefa de levar o aluno ao professor mestre, a função da Lei é levar o crente ao Messias-Salvador. Veja Gálatas 2: 23, 24.

Longe de sugerir a revogação da lei, Paulo demonstra, ao contrário, a absoluta necessidade da lei. Para Paulo, a Lei permanece preciosa e válida: “Eu me deleito na lei de Deus, no meu eu mais íntimo… Assim, eu mesmo sirvo a lei de Deus com a minha mente. ”Romanos 7: 22-25.

O apóstolo acredita em uma salvação que é livremente concedida. Sua experiência em lutar pela paz e pela justiça por si só o convenceu de que a salvação tinha que vir de fora de seus fracos esforços. O homem não pode salvar a si mesmo. Mas as boas novas do evangelho dizem ao mundo que Deus intervém; Ele desce para salvar a humanidade. "Você está sob a graça", grita Paul exultante. Romanos 6:14.

Mas essa visão da salvação não poderia ser perigosa? Se a salvação é um dom gratuito, se vem de Deus (Romanos 3:24), deve ter certeza. Se o meu esforço é fútil e inútil, sou livre para fazer o que quiser!

De modo nenhum. No capítulo anterior, como uma espécie de precaução, Paulo antecipa tal raciocínio em uma apresentação apertada sobre a graça e a Lei: “O que diremos então? Devemos continuar em pecado que a graça possa abundar? De jeito nenhum! ”“ O que então? Somos pecadores porque não estamos debaixo da lei, mas debaixo da graça? De modo algum! ”Romanos 6: 1, 2, 15.

De acordo com Paulo, o pecado, que ele iguala à desobediência à Lei (Romanos 4:15), é muito menos justificável dentro da estrutura da experiência do Novo Concerto. A diferença é que agora submissão e obediência são pela vontade convertida do homem e surgem do coração: “Mas graças a Deus, que vocês que outrora foram escravos do pecado tornaram-se obedientes desde o coração até o padrão de ensino ao qual vocês eram comprometido. ” Romanos 6:17.

Para resumir, a experiência de Paulo foi em três fases:

1. A Lei dada no Sinai na forma dos Dez Mandamentos pode evocar no coração um sentimento de fracasso pessoal e fraqueza, de pecado e sua condenação. A morte eterna se torna uma dura realidade.

2 Essa consciência é favorável ao desenvolvimento de certas condições psicológicas. Somente quando o ser humano entende que ele é impotente em seu próprio poder, ele se voltará em desespero para o seu Deus. É então que a salvação aparece para ele como um dom gratuito, não como algo que lhe é devido.

3. Esta manifestação do amor de Deus, longe de se tornar um pretexto para desobediência irrestrita, transmite um impulso divino para obedecer a Deus. Daí em diante, quem se vê como o objeto do amor de Deus irá servi-Lo em um novo espírito - um espírito completamente resgatado das tensões do medo e da culpa ou do desejo de ganhar a própria salvação. Agora, uma garantia pacífica e uma gratidão inacreditável prevalecem.

Em outras palavras, a obediência à Lei é a expressão da nossa salvação e não os meios pelos quais ela é alcançada.

Evidentemente, o apóstolo Paulo aplicou esses três princípios em sua própria vida.

Com relação ao sábado, particularmente, nós o encontramos observando-o regularmente, de acordo com a maneira descrita na Lei: “Paulo como de costume se apresentou e por três sábados consecutivos desenvolveu os argumentos da escritura para eles.” Atos 17: 2, Bíblia de Jerusalém .

Como ele poderia ter feito o contrário? O mandamento do sábado é uma parte integral da lei. Em sua defesa da lei, Paulo não deixa a menor indicação de que a religião cristã afrouxou as expectativas da lei. O apóstolo Tiago, em uma passagem dedicada particularmente aos Dez Mandamentos, 201 dá esta advertência: “Quem guarda toda a lei, mas falha em um ponto, tornou-se culpado de tudo isso.” Tiago 2:10.

Em qualquer caso, raciocina o mesmo apóstolo, não devemos “julgar a lei”, pois “há um legislador e juiz, aquele que pode salvar e destruir”. Tiago 4:11, 12.

Sob a Nova Aliança, a lei permanece. Apenas a atitude do crente mudou. Ele não é mais uma vítima ou um crente na eficácia de um gesto vazio - uma externalização da religião. Seu serviço crescerá em profundidade, de acordo com uma obediência mais inteligente e auto-autenticadora.

No entanto, esta revolução espiritual, esta vida de arrependimento, acontece apenas quando se apreende em seu coração o fato de que a salvação é um dom gratuito, um ato de amor, na pessoa do Messias. Quando se compreende que se deve tudo a Deus, então a mentalidade de um mercenário foi substituída pela mentalidade de um filho, resultando em uma diferença psicológica que todos podem ver. Veja Romanos 8: 15-17. O mercenário obedece para conseguir alguma coisa; o filho obedece porque ele já o tem. Para o mercenário, a lei é eterna, como um regulamento governamental que todos devem aceitar; para o filho, a lei está dentro do coração. Ele serve, não por causa de uma obrigação dolorosa, mas como uma resposta amorosa à iniciativa de Deus.

Assim, a Nova Aliança traz uma obediência mais profunda e verdadeira. Tal obediência, em vez de abolir a Lei, estabelece isso. Exclamou o apóstolo Paulo: “Então, nós derrubamos a lei por esta fé? De jeito nenhum! Pelo contrário, nós defendemos a lei. ”Romanos 3:31.

As duas Leis

No entanto, a Nova Aliança, pela própria natureza da teologia da salvação que ela implica, resulta na anulação de outra categoria de leis. Essas leis tinham um propósito, e isso era anunciar simbolicamente a vinda da salvação. Eles eram “um tipo e sombra” da “substância” (o Messias) por vir. Veja Colossenses 2:17; Hebreus 8: 5; 10: 1 Eles estavam destinados, portanto, a desaparecer com a chegada do prometido Messias.

A história do Novo Testamento faz apenas uma alusão a uma época em que “sombra” encontrou “substância”, e isso estava relacionado com a crucificação: “E eis que a cortina do templo foi dividida em duas, de cima para baixo”. Mateus 27:51.

O significado deste evento foi que, doravante, o acesso a Deus era direto, enquanto a presença de Deus, para o israelita, era manifestada no lugar mais santo. Veja Êxodo 25:22. Daí em diante, a adoração levítica, com seu sistema de sacrifícios e leis cerimoniais, seria inútil e desnecessária.

O profeta Daniel não havia previsto esse desenvolvimento? A morte do Messias foi para causar sacrifícios e ofertas para cessar. Veja Daniel 9:27.

O apóstolo Paulo explica por que: “Visto que a lei tem apenas uma sombra das coisas boas que virão, em vez da verdadeira forma dessas realidades, jamais poderá, pelos mesmos sacrifícios oferecidos continuamente ano após ano, aperfeiçoar aqueles que desenham perto. Caso contrário, eles não teriam deixado de ser oferecidos? Se os adoradores tivessem sido limpos uma vez, não teriam mais consciência do pecado. Mas nesses sacrifícios há uma lembrança do pecado ano após ano. Porque é impossível que o sangue de touros e bodes tire pecados. ”Hebreus 10: 1-4.

Paulo enfatiza a ineficácia dos sacrifícios que devem ser renovados incessantemente, porque seu efeito é temporário. Sua conclusão é clara. A lei relativa a esses sacrifícios devia desaparecer e ser substituída por um sacrifício mais abrangente, cujo efeito duraria para sempre: “Ele abole o primeiro para estabelecer o segundo. E por essa vontade fomos santificados pela oferta do corpo de Jesus Cristo uma vez por todas. ”Hebreus 10: 9, 10.

A lei que foi abolida, então, era a lei relacionada aos sacrifícios. Paulo diz isso novamente em termos diferentes: “abolindo em sua carne [o de Cristo] a lei dos mandamentos e ordenanças”. Efésios 2:15.

Portanto, dois conjuntos muito diferentes de leis existiam em Israel: a lei cerimonial, com caráter transitório e relativo; e a lei moral, com uma validade permanente, servindo como um padrão absoluto.

Assim, se nos escritos de Paulo se tem a impressão de que às vezes a lei é abolida e, em outras ocasiões, a lei é mantida, não se pode ver uma contradição, mas a existência de duas leis muito distintas.

No Antigo Testamento, o israelita compreendia bem essa distinção, pois, por ordem de Deus, o Decálogo (Dez Mandamentos) deveria ser colocado na Arca, enquanto as leis relativas aos sacrifícios deveriam ser colocadas ao lado da Arca, 203 sugerindo assim uma superioridade de o primeiro ao longo do segundo. Também a origem e a entrega dessas leis revelaram uma diferença:

1. O Decálogo fora escrito por Deus (Deuteronômio 10: 4), enquanto a lei cerimonial foi esboçada por Moisés (Deuteronômio 31: 9, 24).

2 O Decálogo foi gravado em tábuas de pedra - um material imperecível (Deuteronômio 10: 3), enquanto a lei cerimonial foi escrita em um livro - um material perecível (Deuteronômio 31:24).

3. O Decálogo foi confiado por Deus a Moisés, que o colocou na arca (Deuteronômio 10: 5), enquanto a lei cerimonial foi confiada por Moisés aos sacerdotes, que, por sua vez, a colocaram ao lado da arca (Deuteronômio 31:26). ).

A lei cerimonial, temporária e relativa, contrastava com a Lei dos Dez Mandamentos, que era eterna e absoluta.

Em espírito, portanto, nada mudou. O pacto feito nos tempos antigos entre Deus e Israel não foi cancelado, a fim de dar lugar a um novo. As mesmas pessoas, o mesmo Deus, as mesmas provisões permanecem. Mas chegara a hora de o conjunto de leis relativas a sacrifícios e ofertas serem substituídas pelo evento que haviam anunciado durante séculos.

Ao mesmo tempo e em virtude desse evento, o relacionamento entre os dois parceiros do pacto deveria ser fortalecido. No nível de Deus, o amor tornou-se mais claramente manifestado na salvação gratuita e incondicional. No nível do homem, a adoração assumiu uma nova dimensão: em vez de performance ritual, agora adoração ao coração.

Os Dez Mandamentos da antiga Lei continuaram a ressoar claramente com exigências ainda mais profundas. A Nova Aliança não era de forma alguma uma evolução. Pelo contrário, foi um retorno às fontes, ao verdadeiro arrependimento.204 O pacto deveria ter um novo nascimento; os participantes encontrariam novamente o amor de um noivado. Cf. Oséias 2: 16-21.

De fato, essa renovação da antiga aliança não ofendeu os judeus piedosos no primeiro século dC A Tradição e as Escrituras forneceram todos os elementos necessários para adotar as visões de Paulo, o fariseu, sem reservas em larga escala. Os essênios e os fariseus não tinham dificuldade em admitir a natureza transitória do direito ritual em comparação com a lei moral. Eles estavam pedindo uma espiritualização dos ritos sacrificiais. E eles foram amplamente ouvidos. Os únicos defensores da adoração levítica eram os sacerdotes, ou os saduceus, mas eles eram uma minoria desprezada e sem credibilidade na sociedade judaica em questões de dogma religioso e autoridade.

De qualquer forma, o futuro parecia justificar a maioria, pois, com a destruição do templo, o judaísmo era obrigado a adaptar suas formas de adoração às novas circunstâncias. Por exemplo, uma oração pode corresponder ao sacrifício de um animal.

Deve ser dito claramente: o cristianismo original nunca procurou, sob qualquer pretexto, questionar o judaísmo tradicional. Quer fosse a identidade do Messias na pessoa de Jeshua de Nazaré ou a concepção da Lei como estruturada nos escritos de Paulo, tudo na chamada nova religião parecia se encaixar naturalmente nos moldes da tradição.

Claude Tresmontant estava certo quando levantou a voz contra a séria deturpação dos fatos que os círculos cristãos muitas vezes aceitam e praticam: “Muitas vezes, nos manuais e em outros lugares, o cristianismo é apresentado como um abrandamento do judaísmo. O cristianismo se coloca contra o judaísmo como a religião da caridade e do perdão versus a do rigor e da justiça. Às vezes, Jesus e o Deus do Novo Testamento são contrastados com o Deus de Israel, com Javé, o Deus da batalha, o Deus dos judeus. Realmente este procedimento data de Marcion. O mesmo contraste violento é encontrado, embora definido para uma música diferente, nos escritos de Lutero. A doutrina luterana da lei judaica em oposição à "graça cristã" repousa sobre um mal-entendido sobre o que a Torá realmente é no judaísmo ... Essa oposição entre o judaísmo e o cristianismo, que se desenvolveu desde que os teóricos do dualismo iniciaram seu trabalho e continuaram através da chamada "desjudaização do cristianismo" pelos teólogos e filósofos alemães, é cientificamente falsa em vários aspectos. "206

Jules Isaac, em sua notável obra Jesus e Israel, chamou a atenção dos crentes, seja qual for sua denominação, para os fatos: “Nada poderia ser mais vão do que se opor ao evangelho e ao judaísmo - o evangelho que Jesus pregou na sinagoga e no templo. A verdade é que, em consideração às suas raízes, o evangelho e a tradição evangélica estão intimamente relacionados à tradição judaica.

Isso nós temos demonstrado. Como judeu, a pessoa tinha todos os motivos para aceitar a Jesus e o Messias. A tradição em geral levou a isso. Foi assim que, aos milhares, os judeus ouviram o rabino galileu como Alguém enviado por Deus. No entanto, o drama da crucificação trouxe um mal-entendido que deve ser resolvido.

Capítulo 8

O mal-entendido da crucificação

“Precisamos constantemente exorcizar nossa história.” - Andre Chamson.

A multidão indisciplinada que se aglomerou no pretório de Jerusalém naquele dia fatídico e gritou: "Seja crucificado!" Foi composta principalmente de judeus, não foi? Claro; mas antes que um dedo seja levantado com desprezo para acusar indiscriminadamente todo um povo de um crime, os fatos não devem ser cuidadosamente examinados? A verdade é que a questão não é simples. Toda a história é cercada de obscuridade e contradições.

Nada na atitude geral das pessoas poderia levar alguém a antecipar a reação da multidão naquela manhã de sexta-feira. Pelo contrário, em toda parte Jesus foi na Palestina, e particularmente na Galiléia, Ele encontrou uma recepção entusiasmada: “Jesus retornou no poder do Espírito para a Galiléia, e um relato sobre ele saiu por todo o país vizinho. E ele ensinou nas suas sinagogas, sendo glorificado por todos. ”Lucas 4:14, 15.

“Ele [Jesus] saiu de lá e foi para a região da Judéia e além do Jordão, e multidões se juntaram a ele novamente; e novamente, como era seu costume, ele os ensinou. ”Marcos 10: 1.

“Todo o povo [na Judéia] se apegou a suas palavras”. Lucas 19:48.

As multidões que se reuniam onde quer que Jesus fosse geralmente o apreciavam até o fim. No sexto capítulo do Evangelho de João, somos informados de que “muitos dos seus discípulos recuaram e já não andavam com ele”. Versículo 66. Mas concluir desse incidente que as pessoas geralmente o estavam deixando seria totalmente falso. De fato, a simpatia popular por Jesus era evidente até o último, incluindo a última semana.

O Padre Lagrange reconhece isso: “Até a semana da Paixão, a estima da multidão por Jesus nunca falhou. ‘208

Como explicar, então, aquele súbito ódio por um professor que as pessoas admiraram e seguiram? Em seus relacionamentos humanos, Jesus era amado pelo povo. Teologicamente, Ele não poderia ter sido mais ortodoxo.209 Como podemos então conciliar a alta estima que o povo tinha por Jesus com a sentença de morte que eles não hesitaram em exigir no momento crítico?

Pode-se dizer, claro, que o oportunismo político ou inconstância humana instável estavam envolvidos. A instabilidade da multidão também é um fenômeno bem conhecido. No entanto, mesmo levando em conta tais fatores, ainda é possível que as multidões que conheceram Jesus e O seguiram com entusiasmo fossem constituídas pelas mesmas pessoas que finalmente pronunciaram a sentença de morte contra Ele?

Por mais plausível que essa interpretação possa parecer, por simples e direta, ela contraria a lógica e o registro de eventos que encontramos no Novo Testamento. Por exemplo, de acordo com a história do evangelho, os sacerdotes seguiam cada ato e palavra de Jesus para encontrar algum pretexto para prendê-lo. Eles não sabiam como ir porque "temiam o povo" que "dependia de suas palavras". Lucas 22: 2; 19:48. Então, para não provocar um escândalo ou um tumulto (Lucas 23:14; cf. Marcos 14: 2), eles decidiram trazer Jesus para o julgamento durante a noite (Mateus 26:31; 27: 1), que foi um procedimento muito irregular.210 Os sacerdotes fizeram tudo isso com discrição porque eles estavam muito conscientes de Jesus ' popularidade.

Agora, se os padres se sentiam compelidos a recorrer a tal subterfúgio, era devido ao medo que tinham do povo, cujo gosto por Jesus era evidente e tinha que ser levado em conta.

Consequentemente, aqueles que gritaram “Crucifica-O!” Não poderiam ter sido, salvo algumas exceções, as mesmas pessoas que os temidos pelos sacerdotes.

Mas quem, então, poderia ter inventado a multidão que se aglomerava no pretório?

Quem fez a gritaria?

Uma minoria de judeus palestinos. Para ter certeza, nas fileiras daquela multidão heterogênea havia alguns que conheceram Jesus - alguns que haviam sido tocados por Sua mensagem. Mas as pessoas esquecem facilmente. Muitas vezes, sem pensar, mesmo inconscientemente, eles se deixam levar junto com a multidão, até o ponto em que os eventos finalmente assumem completamente, levando-os a problemas imprevistos. Judas, por exemplo, que traiu Jesus e entregou-o à turba, ficou surpreso com o rumo dos acontecimentos. Ele, sem dúvida, esperava que seu Mestre reagisse e desfizesse os maus desígnios de Seus inimigos pelo simples peso de Seu poder. Mas isso não aconteceu. Jesus não ofereceu resistência. Então, profundamente desapontado e ansioso, Judas disse aos chefes dos sacerdotes: “Ele é inocente!” Mas era tarde demais para recuar. Jesus seria crucificado.

Judas não previu essa eventualidade, nem a quis. Que mal-entendido terrível! Quantos outros, como Judas, clamavam pela morte do Messias, embora nunca quisessem que acontecesse ou nunca entendessem o que estava acontecendo! Judas teve uma idéia na parte de trás de sua cabeça: forçar o Senhor a renunciar a qualquer outro jogo e realizar finalmente como as pessoas esperavam que o prometido Messias se apresentasse. Mas a maioria daqueles que gritavam estavam agindo com tão pouca convicção que precisavam do encorajamento dos sacerdotes para entrar na briga. Contaminados pelos rumores malévolos que haviam sido dispersos e levados pelo frenesi dos líderes, os indivíduos perderam o controle de seus pensamentos e ações. Como membros agora de uma multidão, eles pegaram as palavras de ordem que foram repetidas em uníssono hipnótico. A razão havia fugido.

Inconscientemente ou com covardia, indiferente ou sem opinião, as pessoas que se reuniram seguiram as sugestões ditas pelos sacerdotes; esses líderes sabiam o que estavam fazendo e o que queriam.

Os sacerdotes. De fato, os sacerdotes lideraram em todo este assunto. Eles prenderam Jesus e incitaram o povo a gritar “Crucifica-o!” Marcos 15:11.

De acordo com o apóstolo João, que estava presente no evento, o chamado para “crucificá-lo” veio somente dos sacerdotes. Escreveu João: “Quando os chefes dos sacerdotes e os oficiais o viram, clamaram: 'Crucifica-o, crucifica-o!' “211

Consequentemente, quando se leva em conta o papel predominante desempenhado pelos sacerdotes na crucificação, leva-se a pensar que o número de judeus palestinos envolvidos estava longe de ser grande. As massas conheciam e amavam a Jesus. Além disso, as massas desprezavam os sacerdotes, que consideravam traidores à serviço de Roma.212 Flávio Josefo descreve os sacerdotes como uma casta opulenta e voraz, despótica para com o povo e servil aos romanos, 213 que se aproveitavam de seu sacerdócio sacerdotal. privilégios para despojar os pobres religiosos.

Essa imagem do clero tinha feito tal impressão no pensamento público que o Talmud gravou uma canção popular que diz assim: “House of Annas, me deu azar, me deu azar, por causa de seus sussurros!… Pois todos são sumos sacerdotes e seus filhos são tesoureiros, e seus genros são inspetores do templo, e seus valetes saltam sobre nós e nos atiram com bastões!

Maioria dos judeus da diáspora. Parece, portanto, que a multidão se reuniu antes que o pretório fosse composto em grande parte por judeus que não apenas não estavam familiarizados com Jesus, mas que eram ignorantes em relação aos sacerdotes e seus abusos. A multidão era provavelmente do exterior. A reputação de Jesus ainda não havia se espalhado além das fronteiras palestinas. Nenhum escritor judeu da diáspora menciona Jesus durante esse período. Filo de Alexandria, por exemplo, que era contemporâneo de Jesus, menciona Pilatos, mas não diz uma palavra sobre o professor galileu.

Notavelmente, a crucificação ocorreu na Páscoa - uma época em que muitos judeus da diáspora estavam no país. Pessoas dos quatro cantos da terra acamparam ao redor de Jerusalém. Eles se aproximaram da cidade porque o cordeiro pascal só podia ser sacrificado no templo. Veja Deuteronômio 12:13, 14, 26; 16: 2 Não se deve esquecer que a Diáspora foi um fato histórico por oito séculos e que a maioria do povo judeu não vivia mais na Palestina. Talvez apenas 7 ou 8 por cento da população judaica do mundo vivesse na Palestina naquela época.

Na época da crucificação, portanto, podia-se encontrar, nas ruas de Jerusalém, judeus de todas as partes do mundo. Em outras palavras, judeus que conheciam Jesus e judeus que nunca haviam ouvido falar Dele. O relato do Novo Testamento alude a essas duas categorias de israelitas: “Quando ele [Jesus] entrou em Jerusalém, toda a cidade se agitou, dizendo: 'Quem é esse?' E as multidões disseram: Este é o profeta Jesus, de Nazaré da Galiléia. Mateus 21:10, 11.

Isso não indica que dois tipos distintos de pessoas se misturaram na cidade naquela época? Não poderia ser que tenhamos aqui uma chave para o problema - uma explicação da contradição que encontramos anteriormente? A multidão que condenou Jesus poderia ter sido composta principalmente de judeus da diáspora, que eram essencialmente ignorantes sobre Jesus e os sacerdotes. Nesse caso, excitar e manipular seu pensamento era uma tarefa fácil.

Sob o impulso dos sacerdotes, o clamor irrompeu. Talvez uma minoria de judeus palestinos tenha se permitido, pela fraqueza, pela falta de previsão e compreensão, ser levada junto para negar Aquele que eles haviam amado e aclamado; enquanto os outros, talvez a maioria, seguiram o mesmo caminho sem realmente saber nada sobre o que eles votaram para crucificar.

Ambos os grupos tinham isso em comum: eles não estavam exercendo a iniciativa. Eles tinham que ser incitados e inflamados. Sua condenação não veio espontaneamente. A multidão tinha sido passiva - possivelmente relutante. E se esse fosse o caso, as pessoas não sentiam suas responsabilidades pessoais.

Além disso, Jesus entendeu a situação. Ele sabia o quão fracos homens e mulheres eram - tão facilmente guiados e enganados. Suplicando essas circunstâncias atenuantes e doloridas, Ele orou: “Pai, perdoa-lhes; porque não sabem o que fazem. ”Lucas 23:34. Muitas vezes essa súplica final é esquecida quando recordamos as fatídicas palavras da multidão: “O seu sangue caia sobre nós e sobre nossos filhos.” Mateus 27:25. Resta saber qual dessas duas orações foi a mais digna de ser ouvida e respondida.

Quem é responsável?

Os judeus. A multidão que os sacerdotes reuniram não podia ser considerada responsável. Enganado e incitado pelos sacerdotes, a cooperação do povo era mais ou menos passiva. Nem devemos esquecer a presença do grande segmento dos judeus da diáspora. Há fortes razões para acreditar que sem eles os sacerdotes nunca teriam conseguido atingir seu objetivo. Mas com eles presentes, os sacerdotes eram facilmente capazes de alinhar uma maioria pronta para realizar seus projetos.

Tudo isso era mais fácil de ser feito porque o único testemunho favorável dado ao acusado era oferecido pelo sedento de sangue Pôncio Pilatos, cuja palavra não tinha absolutamente nenhuma credibilidade.

Os cristãos. As únicas vozes que as pessoas teriam ouvido (porque teriam sido criadas por judeus como elas mesmas) eram aquelas dos discípulos de Jesus, que logo seriam conhecidos como cristãos. Eles teriam sido ouvidos também porque tinham algo a dizer. Mas a história do Novo Testamento relata que eles permaneceram em silêncio; na verdade, a maioria estava se escondendo.

Lázaro, que ressuscitara dos mortos, João, o discípulo amado, e todos os outros, incluindo muitos que haviam sido curados, consolados ou edificados - eles conheciam a verdade, mas falar seria perigoso. Quando um deles falou, foi para trair: “Agora Pedro estava sentado no pátio. E uma criada se aproximou dele e disse: Tu também estavas com Jesus, o galileu. Mas ele negou antes de todos, dizendo: "Não sei o que você quer dizer." E, saindo ele ao alpendre, outra criada o viu, e disse aos passantes: Este homem estava com Jesus, o nazareno. E mais uma vez ele negou com um juramento, não conheço o homem. Depois de algum tempo, os presentes se aproximaram e disseram a Pedro: "Certamente você também é um deles, pois seu sotaque o trai". Então ele começou a invocar uma maldição sobre si mesmo e a jurar que não conhecia o homem. E imediatamente o galo cantou. ”Mateus 26: 69-74.

Dificilmente se ousa imaginar o que poderia ter acontecido se os discípulos conseguissem superar o medo covarde e tivessem gritado diante da multidão a inocência do Justo. Eles só estavam dispostos a tomar partido! Possivelmente, os judeus da diáspora, então, suspeitariam dos feitos sacerdotais. Quem sabe, mas o que os sacerdotes, enfrentando a ameaça de um escândalo e um motim, poderiam ter se sentido obrigados a abandonar seu esquema mortal?

Os cristãos conheciam os fatos gritantes da situação, mas permaneceram em silêncio. Eles não eram, em certo sentido, mais culpados do que todos os outros?

No entanto, alguém pode realmente segurar isso contra eles? O que teríamos feito no lugar deles? Eles também foram invadidos por eventos rápidos. Confusos, decidiram ser prudentes a todo custo.

Seja como for, seu silêncio, embora racionalizado, certamente custou a vida de Jesus.

Os transeuntes. Outros ainda devem receber uma parte dessa culpa fatal: os muitos romanos e judeus, civis e soldados que passaram naquele dia.

Eles pararam e olharam, mas não se importaram o suficiente para perguntar o que estava acontecendo. Acusações de choque? Um julgamento? Um erro de justiça? E daí! Isso não pode ser da nossa conta! Tais também participaram da morte de Deus. Sua indiferença era tão assassina quanto o clamor da multidão. Então, quem pode ousar resolver a culpa daquele dia trágico?

Um mal-entendido. Mesmo aqueles que clamavam pela pena de morte não podem ser seriamente incriminados. Aqui encontramos ainda outro mal-entendido, aparecendo quando uma escolha é oferecida entre a libertação de Barrabás e a de Jesus.

Barrabás é o equivalente aramaico para "filho do pai". E se alguém aceita o conteúdo de certos manuscritos que Orígenes leu, o nome dado de Barrabás era "Jesus". “218 Então ambos foram chamados de Jesus! Qual dos dois estava na mente dos indivíduos na multidão quando, em aramaico, o lançamento foi escolhido? Não parece haver nenhuma maneira de decidir definitivamente essa questão. Para dizer o mínimo, uma dúvida obscurece a culpa daqueles que fizeram essa escolha incrível.

Os sacerdotes. Mas se a culpa deve ser, então parece lógico ligar aqueles em cujas mãos Jesus disse que deveria sofrer e morrer. Veja Marcos 8:31, 33; Mateus 16:21; Lucas 9:22 Sobre os “ricos” a quem Tiago acusou de matar “um só” .21 Aqueles que, apontados pelos romanos e desprezados pelos judeus da Palestina, não poderiam de modo algum ser considerados os verdadeiros representantes do povo judeu. Sobre aqueles que foram contrários ao sentimento geral do povo e que esconderam do povo sua intenção assassina de acabar com Jesus. Sobre aqueles que, finalmente, estavam com ciúmes do prestígio crescente do Mestre e estavam sozinhos em ter um motivo para o crime - isto é, sobre os padres.

Marcos registra isso: “Os principais sacerdotes e os escribas ouviram e procuraram um meio de destruí-lo; porque temiam-no, porque toda a multidão se admirava da sua doutrina. ”Marcos 11:18.

João escreveu: “Os principais sacerdotes e os fariseus reuniram o conselho e disseram: 'O que devemos fazer? Para este homem executa muitos sinais. Se deixarmos que ele continue assim, todos acreditarão nele, e os romanos virão e destruirão tanto o nosso lugar santo como a nossa nação ”. Mas um deles, Caifás, que era sumo sacerdote naquele ano, disse-lhes: 'Você não sabe absolutamente nada; você não entende que é conveniente para você que um homem morra para o povo, e que toda a nação não pereça. '... Daquele dia em diante, eles aconselharam-se a matá-lo ”(João 11:47). -53).

Observe o excelente raciocínio clássico do sumo sacerdote. Foi adaptado à ocasião e trouxe o resultado desejado. Caifás deu a impressão de profunda sabedoria e certa generosidade ao mesmo tempo. No entanto, sua lógica era uma monstruosidade gritante; exigia, em nome da justiça e da sociedade, o sacrifício em boa consciência da minoria pela maioria.

Mas toda essa astúcia no argumento não deve enganar ninguém. Continuou sendo um acobertamento por mesquinhez vil, do qual o registro diz: “Ele [Pilatos] percebeu que foi por inveja que os principais sacerdotes o entregaram. Marcos 15:10, RSV cf. Mateus 27:18

Só os sacerdotes trabalharam ativamente para assegurar a crucificação de Jesus. A multidão era ou passiva ou ignorante.

Os romanos. Mas não se pode ignorar a presença dos romanos. Não se deve esquecer que os padres eram antes de tudo representantes, não do povo, mas paradoxalmente de César. Afinal, os romanos cumpriram a sentença, não fizeram? É verdade que Pilatos lavou as mãos do assunto em público, mas isso não cancelou sua responsabilidade. Ele poderia ter dado prova de autoridade e disse que não! Esse poder estava em suas mãos.

Mesmo o soldado de Roma, o mais baixo do ranking, não poderia alegar inocência. O dever de obedecer não justifica um crime. E os crimes de guerra ainda são crimes - mesmo os piores - porque estão comprometidos com uma consciência limpa.

De fato, alguns historiadores vêem na crucificação de Jesus a pena capital em nome da obediência romana. A maneira pela qual Jesus foi maltratado, morto e enterrado mostra que o caso era principalmente da jurisdição de Roma.

O Evangelho da História

A situação centrada na crucificação de Jesus não foi tão simples quanto parece à primeira vista. Os eventos eram de natureza histórica, o que significa que eles foram vividos por seres humanos, que eles desenvolveram em meio a contradições e complexidade. Seria imprudente, portanto, propor uma conclusão que, embora aparentemente clara, seria esquemática e maniqueísta, distinguindo os maus judeus dos bons cristãos e romanos, ou vice-versa.

Não seria bom, então, concluir nosso ridículo inquérito sobre a possível culpa ou inocência de todos esses participantes? A tragédia da crucificação envolve muitos mal-entendidos para que alguém seja totalmente absolvido.

Os padres invejosos e os diplomatas romanos, ambos no mesmo barco, devem, é claro, ser acusados ​​de culpa de alta prioridade. Mas a multidão - palestina ou da diáspora - e os primeiros cristãos se mudaram com eles: o primeiro por uma cumplicidade inconsciente, o segundo por um silêncio covarde. Quanto à grande maioria dos habitantes de Jerusalém naquela época, como sempre, eles estavam ausentes. Muitos ainda dormiam quando Jesus foi a julgamento. (Não se deve esquecer que tudo isso aconteceu durante a noite; o dia estava começando a nascer quando uma pequena multidão estava chegando antes de Pilatos.221 Quando as massas acordaram, já era tarde demais. Como diz Daniel-Rops, “o povo foi pego de surpresa e não teve tempo de reagir”. Tudo o que puderam fazer foi participar do processo e testemunhar a trágica execução. E por causa disso, eles também compartilharam a responsabilidade. A ignorância, também pode-se dizer, é pecaminosa. Não é permitido dormir quando os inocentes sofrem condenação.

Em graus diferentes, todos os quais são difíceis de medir, ninguém realmente pode escapar dessa culpa do deicídio: judeus, cristãos, romanos, sacerdotes, altos funcionários e cidadãos humildes, soldados e civis, presentes e ausentes - todos estavam e estão envolvidos em esta tragédia.

A verdade histórica funde-se aqui com uma verdade mais profunda e mais vinculativa da teologia e profecia bíblicas: “Mas ele foi ferido pelas nossas transgressões, moído pelas nossas iniqüidades; sobre ele estava o castigo que nos fez completos, e com suas feridas somos curados. Todos nós, como ovelhas, nos desviamos; nós viramos todos para o seu próprio caminho; e o Senhor deu sobre ele a iniqüidade de todos nós. ”Isaías 53: 5, 6, Bíblia de Jerusalém.

Nós - todos nós - somos responsáveis ​​pela morte de Cristo.

Capítulo 9

Traição e Conversão

“Os cristãos se colocam entre o Messias e os judeus, escondendo do último a imagem autêntica do Salvador.” - Nicolai Berdyaev.

Houve um tempo em que um diálogo era possível. As pessoas viajavam de um lugar para outro e, no sábado, na reunião da sinagoga, tinham muito a discutir. A conversa foi emocionante. As primeiras palavras do orador chamaram a atenção de todos. Quão bem ele falou! A conversa dizia respeito a um certo Messias. Assim, os fiéis seguiram atentamente o discurso do rabino visitante de Jerusalém. Judeus como eles, ele falava sua língua e baseava sua apresentação em seus conhecidos critérios escriturísticos. O Messias de que ele falou poderia ser reconhecido nos textos que leram e estudaram seriamente dia após dia.

Já era difícil ser um “judeu”. A opressão era difícil de suportar. Em toda parte o judeu era um estrangeiro. Então as Sagradas Escrituras se tornaram um bem-vindo conforto. As pessoas se apegaram desesperadamente ao seu consolo. As Escrituras foram lidas e amadas e levadas a sério.

E quanto mais o rabino na plataforma falava, mais numerosas eram as passagens que vieram à luz da antiga tradição. Eles eram conhecidos de cor e a platéia os repetia em uníssono. Talvez o orador estivesse certo! Quem sabe? Talvez o Messias tivesse vindo. As palavras do rabino viajante eram coerentes. O estranho não exibia nada de um pseudo-místico em busca de sensacionalismo. Bem equilibrado, sério, conhecedor, ele parecia saber do que estava falando.

Então as pessoas se voltaram para os pergaminhos e para os professores mais conhecidos. As notícias trazidas pelo estranho pareciam plausíveis. Houve meditação e oração e posterior verificação dos textos. Após extensa discussão, o rabino visitante foi novamente consultado. Finalmente, corações foram incendiados por esta boa notícia: Aquele a quem o povo esperava, tinha chegado! Maran Atha: 'O Senhor veio'.

A vida mudou e ficou cheia de fé, amor e esperança. A vida daqui em diante estava centrada Nele. A salvação havia chegado - isso agora estava certo. Que ele volte logo! As pessoas ansiavam por ele. A expressão aramaica, Maran Atha, também foi usada para expressar uma oração fervorosa, Maran-na-tha: "Senhor, eu peço a Ti, venha!" A vida cotidiana foi definida para este tema. A expressão se tornou uma saudação.

O Senhor - foi sentido e vivido - estava muito próximo. Cristão agora que ele era, o judeu permaneceu judeu, porque nada realmente havia mudado. O Messias que ele aceitara era o que seus pais haviam proclamado em palavras e canções. Aqui estava, de fato, uma ocasião para retornar através dos séculos a uma renovação do Convênio Eterno. Ele se sentiu melhor sobre isso que ele havia restabelecido suas raízes.

Quando ele evocou a pessoa daquele que ele chamou de Salvador, o judeu cristão pensou em um Deus da vida, um Deus com quem era bom andar pela vida, um Deus que poderia ser amado. Este era o Deus de Israel, o grande Deus que ele continuava a servir.

Ele vinha com seus irmãos todos os sábados para o culto, para uma troca de idéias, para uma refeição juntos. Os tempos eram de fato felizes. As pessoas começaram a sonhar que isso nunca terminaria. Quando alguém conheceu um velho conhecido em uma encruzilhada, a história foi contada de novo e de novo. Os amigos ouviram, ficaram surpresos, curiosos, interessados. Às vezes, é claro, ficavam chocados, infelizes e seguiam seu caminho resmungando suas objeções. Mas nunca essa postura de comunicação provocou horror ou escândalo. O judeu que se converteu ao cristianismo ainda não se tornou um traidor.

Um dia o cristianismo começou a mudar sua face. Seus líderes ficaram embriagados com sucesso. Compromisso parecia aumentar as possibilidades de mais sucesso. Os cristãos tornaram-se cada vez mais numerosos, aceitáveis, ricos e poderosos. O orgulho se tornou o espírito casual de muitos. Foi então que, com desdém por suas raízes, o cristianismo se voltou e buscou outras raízes.

A Igreja adotou outro passado, outros costumes, e observou outra lei. Tudo o que era concebível agora era feito para distinguir o cristianismo do judaísmo e cortar quaisquer laços com os judeus. Uma nova religião foi criada como muitos cristãos procuraram descartar o antigo. O novo tinha que ser diferente do antigo - até mesmo oposto a ele.

Os judeus descansaram no sábado? Domingo foi escolhido para substituí-lo. Houve até uma tentativa de mudar a data da Páscoa (Páscoa) para que a celebração cristã não coincidisse com a dos judeus.

Os judeus adoravam um Deus poderoso, justo e todo-poderoso? A figura efeminada de um boneco de cera Jesus será criada. E a justiça e a justiça foram substituídas por “amor”. Esse amor não deveria ser o tipo autêntico que flui das profundezas do coração, viril e franco; em vez disso, esse era um amor hipócrita e mimado, muitas vezes hipócrita - um amor que queria ser amor sem falar diretamente. Isto veio a ser conhecido como a chamada "caridade cristã".

Os judeus acreditavam em um Deus vivo e invisível? Logo, estátuas bem cortadas de um Deus em perpétua agonia apareceriam em todos os lugares. E a religião da vida conhecida por Israel foi substituída por uma religião da morte. Os alegres dias festivos dos tempos antigos, marcados pelo riso e pelo entusiasmo, logo seriam substituídos por sinistras cerimônias simbolizadas por um instrumento de morte e tortura.

Uma mentalidade inteiramente nova apareceu - uma de luto, mortificação e tabus. Uma nova civilização surgiu em que o judeu era um estranho, pertencente a uma raça diferente. De repente, Jesus não era mais judeu! Ele foi criado um loiro de olhos azuis. Zelo foi tão longe a ponto de tentar demonstrar “cientificamente” sua origem não judaica. O cristianismo, dizia-se, não devia nada ao judaísmo. Quanto ao Antigo Testamento, foi relegado à categoria de documentos antigos e irrelevantes, sem credibilidade.

Com o passar do tempo, a fissura tornou-se um abismo. Tudo parecia lançar a nova religião em total oposição ao antigo. O novo tinha que ser em todos os casos, qualquer que fosse a religião antiga. O inevitável chegou. O desprezo nasceu no coração dos judeus por tudo o que a nova religião veio a ser.

Um sentimento de ódio de ambos os lados tornou-se quase comum. Razões foram avançadas para essa atitude. Por exemplo, os judeus eram agora acusados ​​do mais terrível dos crimes.222 Dizia-se que eles eram culpados de terem executado Deus! Logo os judeus foram amaldiçoados, depois caçados, depois confinados em seus próprios aposentos, depois envenenados com gás. E tudo isso foi feito com uma consciência limpa: “Gott mit uns [Deus conosco]”.

Depois de tudo isso, pedir a um judeu hoje para ser convertido ao cristianismo significa pedir a ele para negar sua identidade, trair seu próprio povo e seu Deus.

No começo, a situação era muito diferente. Quando Paulo se dirigiu aos seus companheiros religiosos, ele poderia esperar algum sucesso. Os judeus ouviram-no e muitos deles foram batizados. Este rito, que era praticado atualmente no judaísmo na época, não implicava de modo algum uma renúncia às origens judaicas e a adoção de uma nova religião. Implicava, antes, um desejo de limpeza e uma decisão de viver uma vida mais plenamente dedicada ao Deus de Israel. Conversão foi um renascimento da aliança eterna com aquele Deus. A conversão não foi de todo um desenraizamento; foi, pelo contrário, uma confirmação de raízes. Tornando-se um cristão, tornou-se mais verdadeiramente um judeu.

Mas os tempos mudaram. O cristianismo se livra de tudo o que pode lembrar suas origens judaicas; ao fazê-lo, perdeu sua verdadeira identidade.

De fato, sempre que o cristianismo se compromete a exorcizar tudo o que é judaico sobre suas origens e sua doutrina, o perigo deve ser visto que a flor de Israel, o próprio Jesus Cristo, também desaparecerá. Mas o que é o cristianismo sem o Cristo?

O judeu foi trocado de maneira trágica nesse desenvolvimento. Enquanto o cristianismo se retirou dele, mesmo se colocando em oposição a ele, o judaísmo partiu na direção oposta. Por reação, tudo foi eliminado de seu próprio gênio que poderia sugerir uma afinidade com a Igreja.

Os cristãos lêem a Bíblia? Então o judeu enfatizará a tradição - seu Talmude.

Os cristãos invocam o nome de Jesus de Nazaré? Então deixe o judeu dizer nada sobre ele. Até mesmo pronunciar o nome dele seria blasfêmia! Também nunca me ocorreu que seria bom consultar as fontes e descobrir exatamente o que estava envolvido. O assunto havia sido resolvido com antecedência: isso não poderia ser o Messias. Por que não? A prova foi muito simples: Jesus de Nazaré era o Messias dos cristãos!

E para tornar o caso completo, as Escrituras, a tradição, deveriam ser lidas com uma interpretação diferente. Os cristãos propuseram um Messias pessoal? Então, um esforço será feito para construir uma estrutura de messianismo baseada em um Israel corporativo. Essa marca de teologia influenciou até mesmo traduções da Bíblia.

Os cristãos mostraram desdém pelos judeus? Em resposta, falaria sobre os goyim. Foi vergonhoso ser judeu na sociedade cristã? Então, seja uma desgraça para um judeu convertido admitir a conversão, mesmo para seus amigos mais íntimos. Quando ele estava presente, as cabeças foram sacudidas em desgosto. Ele foi excomungado da sociedade judaica.

Não é exagero dizer que os judeus, desde os tempos cristãos, forjaram boa parte de sua teologia, cultura e mentalidade em oposição consciente ao cristianismo. Pode-se até imaginar se eles agora não devem sua própria identidade àquele confronto eterno. Sartre deve ter sentido que isso era verdade quando escreveu que "o anti-semintismo criou o judeu atual".

Encurralado pelo sofrimento e pela humilhação, o judeu se colocou no papel de um reator. Isso se tornou seu estado de ser, embora pouco tenha percebido até que ponto ele, desse modo, arriscou a perda da liberdade e sua própria identidade real.

Todo o desenvolvimento é um círculo vicioso, do qual, como uma análise clara deve mostrar, não há saída. O cristianismo rompeu com o judaísmo e, ao fazê-lo, renunciou às suas raízes naturais e implantou-se em outro lugar. Reagindo a isso, o judaísmo se entregou a um longo salto que o levou além de seu habitat natural. Ao fazê-lo, o judaísmo perdeu parte de seu eu original, aproximando-se até mesmo da linha de trair parcialmente sua própria integridade. Quanto mais os cristãos se tornassem independentes, mais determinado era o judeu a recusar qualquer forma de diálogo; na verdade, ele se tornou mais e mais distante.

Os judeus não se recusaram a aceitar Jeshua, o Messias, simplesmente porque eram rígidos ou farisaicos, nem eram insensíveis à Sua mensagem. A história das origens cristãs nos diz, ao contrário, que os primeiros cristãos eram sem dúvida todos os judeus; e havia muitos deles. Os escritos da tradição judaica revelam, além disso, uma considerável inclinação natural para a mensagem cristã. Os rabinos do período não estavam longe da idéia de um Messias como entendido na história do evangelho. Mas uma ruptura veio. O cristianismo, que originalmente teve suas raízes em Israel, adotou outra lei e se tornou o inimigo - o perseguidor. Tudo isso tornou praticamente impossível para o judeu abraçar a fé cristã.

Assim, pode-se dizer que a traição do cristianismo criou um obstáculo à conversão judaica. Martinho Lutero, da Reforma do século XVI, entendeu isso muito bem: “Se eu tivesse sido judeu”, ele disse em linguagem crua, “eu preferiria me tornar um porco em vez de cristão, considerando como esses idiotas e idiotas governar e ensinar a fé cristã. “225

Parece, então, que para que o judeu seja convertido sem traição, o cristão terá que se converter, tanto em suas pressuposições mentais, quanto em seu sistema teológico. Como resultado, Israel poderá empreender uma nova leitura das Escrituras e da tradição sem aquela hostilidade incorporada ao longo da idade. Só então o judeu se sentirá livre e desinibido. Quem pode dizer que esta nova abordagem não abrirá novos caminhos? Este sonho foi idealizado por Amado Levi-Valensi: “Poderia ser, neste tempo de conselhos, quando a Igreja moderna se empenhou em aliviar seus dogmas, tornando-os mais aceitáveis, repensando seus fundamentos, algo próximo ao judaísmo apostólico virá? adiante? Se assim for, encontraremos novamente e juntos os caminhos do Apocalipse e da História.

Tal sonho parece quase uma fantasia.

Tanto o cristianismo quanto o judaísmo acham difícil fazer o backup, tão acostumados a suas posturas contraditórias. O pior medo é que, nesse estado de rejeição recíproca, ambos possam perder de vista sua verdadeira identidade. Ambos estão velhos e cansados ​​e enrugados em forma e pensamento. Eles podem esperar surgir na virilidade e força da juventude?

É realmente tarde. Não se pode esperar refazer a história e refazer os povos. No entanto, em uma atmosfera de honestidade transparente, é preciso tentar um avanço. Sozinho com o próprio Deus, liberto de toda influência e reação externa, deve-se empreender a grande busca por uma verdadeira fonte. Essa fonte será encontrada longe da civilização de hoje, longe de todas as formas de contaminação intelectual e espiritual, bem separadas da luta contra a humanidade. Talvez tal fonte nos reflita finalmente a verdadeira face de nossa fé e sua pureza original.

Capítulo 10

Bebendo nas Fontes

Hoje, mais do que nunca, precisamos de uma norma centrada fora de nós mesmos. Pressionados por todos os lados, as pessoas ficam desnorteadas, mal sabendo a que santo orar - se é que há alguma!

Charlatãs e charlatões são abundantes, enquanto antigas superstições, paradoxalmente, estão ganhando terreno entre os chamados povos avançados e de mente aberta. Os psíquicos em número crescente oferecem seus serviços a um público crédulo e desavisado.

Novas religiões aparecem regularmente no mercado religioso, todas alegando possuir a única "verdade".

De tempos em tempos, ondas de emocionalismo religioso agarram o pensamento público, mas logo desaparecem como um humor passageiro. Os chamados movimentos carismáticos apelam em nome de Jesus. Eles são embalados de forma atraente e são recebidos com simpatia substancial. É de admirar, no entanto, até que ponto eles são simplesmente a expressão romântica de um sentimentalismo reprimido.

Algum Cristo auto-intitulado ocasionalmente aparece, afirmando ser uma reencarnação de Jesus de Nazaré. Todos eles proclamam, é claro, com argumentos intermináveis ​​e fogo em suas vozes, que somente eles são os verdadeiros mensageiros de Deus.

Por outro lado, certas filosofias humanísticas são apresentadas, como o socialismo, o marxismo e o existencialismo. Aqui, dizem, finalmente, encontra-se a chave para a felicidade e a solução para nossos problemas.

As últimas décadas testemunharam, assim, um conjunto de idéias e religiões inspiradas pelo desejo humano de adorar e encontrar autoridade religiosa. Esta poderia ser a explicação para a fantasia atual do budismo e dos místicos orientais, em que o homem usurpa o lugar de Deus, tanto na natureza quanto no destino. Mesmo as famosas teorias da evolução orgânica, não excluindo as reflexões poéticas de alguém como Teilhard de Chardin, devem seu impulso àquela paixão consumidora. Tudo, parece, deve emergir de baixo - deve surgir de dentro do homem - e Deus não é exceção!

Não é surpreendente, então, que a verdade hoje possa encantar tantos pretendentes à sua mão, e que tanta confusão incomode a mente das pessoas.

Para ter certeza, a boa vontade não está faltando. Nunca houve tantos colóquios e mesas-redondas organizadas em um esforço para se comunicar, para trazer a reconciliação, para tentar um ecumenismo impossível. Mas o zumbido confuso de toda essa conversa tendeu a sufocar ainda mais a verdadeira Palavra. A civilização de hoje fala demais, e é por isso que muito pouco é dito.

Muito pouca importância é dita, porque Deus não pode mais falar. Nada é dito, porque a civilização afirma ser o único porta-voz. Os pensamentos dos homens tomaram o lugar da verdade de Deus. O resultado: barulho, palavras, confusão. Esta é a causa do desconforto e ansiedade que enchem o mundo. Kierkegaard observou: “O mundo em seu estado atual - nossa vida total - é doença. Se eu fosse médico e me pedissem conselhos, eu responderia: Fique em silêncio, pare de falar; caso contrário, a palavra de Deus nunca poderá ser ouvida. Embora alguém possa gritar ruidosamente e com força suficiente para ser ouvido em meio a tal tumulto, o que seria ouvido ainda não é a palavra de Deus. ”227

Porque o homem se fez o grande iniciador da verdade, nossa sociedade deu origem a um vasto mercado onde todos exaltam sua mercadoria e ninguém ouve. Quanto aos potenciais clientes, muitos acabam fugindo da confusão em algo que beira um estado de choque. Eles provaram uma fonte após outra; e, ansiosos e indecisos, cambaleiam em sua incoerência.

Outros são mais fortes e mais exigentes. Afinal, o espectro de escolha é grande. Assim, essas almas industriosas, como os gourmets intelectuais, ficam um pouco mais aqui e um pouco mais de lá, determinadas a criar para si uma religião pessoal - uma filosofia própria. Eles pensam assim dissipar a complexidade assombrosa de suas vidas. Eles correm nenhum risco de estar enganado, porque todo mundo está certo! Muito ruim se o sistema não tem coerência e não faz sentido real!

Mas e quanto ao vasto concurso de pessoas que, sem preocupações espirituais, só pensam em sucesso material, diversão e comida? Tais estabeleceram um estilo de vida em sua ignorância; eles perderam a perspectiva verdadeiramente humana.

Mais do que nunca, as pessoas precisam de algo maior que elas mesmas; eles devem ter a Palavra de cima, que pode lançar luz sobre seus perpétuos atrapalhando e tateando aqui embaixo. A história nos ensina que quando o homem se vê como a fonte da verdade e da crença, o resultado é invariavelmente orgulho e intolerância, se não desordem e confusão. Além disso, o judaísmo e o cristianismo não foram totalmente protegidos desses perigos, embora ambos se baseassem em uma revelação vinda de cima. A razão: a voz humana, mesmo no judaísmo e no cristianismo, tornou-se predominante.

Judeus e cristãos se orgulhavam de sua compreensão da verdade, como se cada um fosse seu autor e depositário exclusivo. Finalmente, cada um desprezou e condenou o outro com um anátema inalterável: "Você é um herege de pescoço duro!". Dificilmente após a ruptura no quarto século dC estava pronto para se engajar em um diálogo significativo. Ambos foram mais ou menos para um gueto espiritual. O que foi primeiro uma mensagem de amor e justiça tornou-se um pretexto para o ódio. A água doce da fonte ficou misturada com amargura. Tendo provado as duas águas, não podemos deixar de sentir sede das verdades dos dias antigos - uma fonte sem poluição. Esta seria a água da chuva vinda de cima - “uma nascente ou cisterna contendo água deve estar limpa.” Levítico 11:36.

Água Amarga

“Muitos homens morreram da água, porque se tornaram amargos.” Apocalipse 8:11. Aqui não se deve tornar indulgente e excessivamente sensível. Denunciar o perigo iminente é advertir e prevenir a morte. Essa água amarga, que, nos círculos judaico e cristão, é auto-satisfação contaminada com intolerância e racismo, deve ser eliminada a todo custo. A esse ponto, Jules Isaac declarou: “O anti-semitismo dos cristãos e o anticristianismo dos judeus são igualmente um insulto a Deus. “228

Não se deve correr, então, o risco de perder o ponto pelo uso de palavras diplomáticas e vagas. Com o objetivo de edificar e obter resultados, é preciso ser categoricamente claro.

É claro que uma apresentação como essa não pode ser exaustiva. Apenas um ponto de partida pode ser indicado, a partir do qual o leitor pode ir para um julgamento pessoal.

O dever do cristão. Em primeiro lugar, o cristão honesto é obrigado a reconhecer a existência e o horror do anti-semitismo e a medir o peso de suas terríveis conseqüências.

Que ele não seja apressado em acusar os outros; antes, olhe para si mesmo cuidadosamente para ver se, por acaso, as falhas que ele pensa ver nos judeus também não estão nele! Psicologicamente falando, muitas vezes é rápido fazer um bode expiatório pessoal de um judeu. O psiquiatra Baruk apontou que alguns querem “amontoar seu ódio - até mesmo o pior dos ódios, aquele em que eles mascaram o ódio a si mesmos. “229

O cristão deve ter certeza, também, de não mascarar a natureza de seus sentimentos em relação a Israel, afinal, quando assumem um tom político. Não está na moda hoje, depois de Auschwitz, ser anti-semita.

Basicamente, o cristão deve começar com um esforço de boa vontade. A admissão de um problema pessoal e histórico está a meio caminho do sucesso.

A linguagem e o vocabulário precisam ser mudados, pois a linguagem exerce uma forte influência no pensamento. Os profetas em Israel reconheceram isso instando o povo a incluir ou não certas palavras em seus discursos.230 Para ser mais preciso, o cristão deveria adotar uma nova linguagem na qual a palavra judeu não é automaticamente sinônimo de usura, avareza, duplo trato. e astúcia de negócios. Deixe-o abster-se de todas as generalizações, tais como "os judeus são assim", "que é tipicamente judeu", "o que mais você esperaria de um judeu" ou, paradoxalmente, "eu amo os judeus". revelar preconceito.

O cristão deve dedicar-se a essa revolução pessoal - a essa purificação lingüística. Essas palavras aparentemente inocentes implicam, consciente ou inconscientemente, o veneno do anti-semitismo. Sem exagero, essas palavras simples são a prova de que o cristão ainda não resolveu dentro de si o problema de que estamos falando.

Mas há uma razão maior para abandonar essas expressões: elas simplesmente não são verdadeiras! A realidade é diferente e tais expressões são nada menos que caluniosas. Seu uso bloqueia qualquer possibilidade de comunicação entre o judeu e o cristão.

Não será suficiente, é claro, simplesmente abster-se de usar tais palavras na presença de judeus. É preciso aprender o autocontrole na sua ausência! O objetivo não é apenas agradar os judeus, mas garantir o próprio bem-estar. Anti-semitismo é uma doença da mente. Ao curar a si mesmo, obtém-se uma certa pureza mental e, por fim, encontra um melhor equilíbrio na vida. Até mesmo um certo controle do subconsciente é essencial para essa desintoxicação.

Esta revolução pessoal vai além de meras expressões; diz respeito ao processo de pensamento. O cristão vai querer abandonar todos os seus preconceitos. Na primeira indicação de uma reação suspeita, ele dirá a si mesmo: “Isso é falso!” E ele afastará o pensamento para longe dele - sua razão, seu entendimento, seu conhecimento o levará a fazer isso.

O cristão não permanecerá barricado, nesta questão, em um obscurantismo digno da Idade das Trevas. Ele vai ler e estudar o Antigo Testamento e a tradição judaica. Suas idéias preconcebidas desaparecerão automaticamente e assim ele entenderá melhor seu Deus e o evangelho. Deixe o cristão se preocupar com os sistemas educacionais e com o ensino. Aqui, especialmente, ele se envolverá em uma tarefa totalmente digna de sua fé. Ao exorcizar o demônio da discriminação e da intolerância que pode estar alojado no coração da criança, ele está cumprindo uma confiança divina. Ele não vai mais ficar com cumplicidade em um mal-entendido de passagens bíblicas que pareciam justificar seus preconceitos. Muitas vezes, os defeitos pessoais repousam em uma leitura falsa das Escrituras. Assim, a Palavra de Deus é recriada à imagem do leitor. Esta é uma prática fatal e perigosa. As sombras lançadas por tais interpretações descrevem os fogos da morte na estaca do perseguidor.

Os cristãos devem reconhecer de uma vez por todas, como o Vaticano II, que “é um erro teológico, histórico e jurídico responsabilizar o povo judeu pelo sofrimento e a morte de Jesus Cristo” .231

E afinal de contas, não é absurdo e contraditório chamar-se cristão enquanto nutre - consciente ou inconscientemente - sentimentos anti-semíticos? Cara a cara com todo cristão, Jesus, Maria, sua mãe, Seus discípulos e a Bíblia - e todos eram judeus. De fato, “a salvação vem dos judeus”. João 4:22.

O dever do judeu Dois perigos aguardam o judeu.

Atormentado pelo anti-semitismo, o judeu pode ser tentado a se autodestruir.232 Mas ele não deve renunciar à sua natureza essencial, suas raízes originais. Nem ele deve achar necessário buscar a assimilação, nem mesmo a conversão, a fim de se fundir com a maioria para alcançar o sucesso.

Nem o judeu deve esconder sua origem, como se fosse um defeito desagradável. Fazer isso forneceria alguma justificativa para o antissemita. O dever do judeu, entre outros, é fazer com que ele veja com clareza seus próprios erros - francamente, sistematicamente, mas sem jamais admitir um compromisso ou um silêncio.

O judeu deve ter cuidado para não se considerar o que a lenda o fez ser: astuto, desonesto e amante do dinheiro. Deixe-o entender que não existe tal coisa como uma raça judaica, e que, portanto, não há outra razão para ele acreditar-se inferior ou superior "biologicamente" aos outros. Seria perverso para o judeu transformar em verdade os preconceitos da civilização que o rodeia.

Por outro lado, deliberadamente unir-se a seus perseguidores, perpetuando o ódio e o desprezo, é optar pela saída fácil, esconder um complexo frustrante e, em todo caso, carecer de objetividade.

Quando o judeu se recusa a ter vergonha de ser judeu e não se contenta mais em permanecer ignorante em relação à sua própria cultura, só assim ele apreciará plenamente seu valor e seu gênio em particular; só então ele se orgulhará de ser judeu.

As agressões de que o diário judeu é uma vítima, a história horrível a que ele está constantemente atento, podem provocar uma reação desproporcional. O judeu tende a reagir exageradamente, caindo no extremo oposto de rejeitar nervosa e sistematicamente tudo o que se aproxima dele do outro lado.

O judeu nunca deve se tornar agressivo para com o cristão que começa uma discussão com ele. Ele deve parar de descobrir o anti-semitismo em todas as mãos. Certamente, o fenômeno é tão freqüente que os judeus, que realmente são os únicos a ver e experimentá-lo, são tentados a acreditar em sua onipresença. Mas tal atitude exaspera o cristão da boa vontade e desencoraja o diálogo.

O judeu deve encontrar tolerância em seu coração para o cristão - mesmo para o judeu convertido. Estamos pensando especialmente na situação do convertido em um ambiente judeu, em Israel. O judeu não deve permitir-se cair nos mesmos equívocos que causaram sua própria tortura por séculos. Tendo deixado de lado toda a intolerância, ele deve admitir que outro judeu pode pensar de forma diferente do que ele, até mesmo a ponto de acreditar em Jesus. O judeu cristão ainda deve ser considerado um irmão completo, digno de estima, embora sua conversão possa ser difícil de entender. O judeu será mais obrigado a se proteger de qualquer desrespeito pela cultura e pela verdade cristãs quando elas forem sãs e justas. De fato, o judeu deveria se tornar informado lendo e objetivamente estudando o Novo Testamento como outro fruto do gênio de Israel, o qual é.

O judeu não deve deixar-se levar pela reação cega; em vez disso, os sábios fazem bem em aproveitar os valores encontrados em qualquer lugar, apesar de qualquer desgosto que possa ser inspirado pelo portador da verdade.

Sem dúvida, a tarefa está longe de ser fácil; na verdade, deve ser considerado além da força humana. Consiste em responder ao ódio com amor, desprezar com atenção. Então o grande Hillel ensinou: "O homem de força é aquele que faz de seu inimigo um amigo".

Em busca de um diálogo

Quando alguém fica consciente de todos os obstáculos, fica tentado a aceitar o pessimismo ou um encontro superficial e descomprometido. E é por isso que devemos agora estabelecer um caminho para o diálogo autêntico.

Liberdade. O judeu e o cristão que tomam a decisão de começar neste difícil caminho devem abster-se totalmente de julgar o outro, de incluir um ou outro dentro de definições e rótulos biológicos, psicológicos ou teológicos. Cada um deve gozar de perfeita liberdade. Agrupar outro em formulações rígidas, expressas ou não, é comprometer antecipadamente qualquer possibilidade de compreensão. O cristão deve esquecer que está envolvido com um judeu e, inversamente; caso contrário, cada um deles se sentirá obrigado a desempenhar um papel, a defender sua posição de grupo, caso em que a idéia de diálogo e de investigação honesta será distorcida no início.

O risco. Por mais bem intencionados que os parceiros possam dialogar, o encontro pode terminar em fracasso quando ambos se contentam em apresentar dois pontos de vista diferentes - quando cada um traz consigo seu próprio programa, sua verdade particular. Se no final das discussões ambos permaneceram essencialmente em suas posições originais, se nada mudou neles para transformá-los e causar preocupação a posições anteriormente mantidas, a prova é que o diálogo nem sequer começou. Ambos devem estar prontos para aceitar um risco - o risco de compreensão em níveis mais profundos e, possivelmente, cometer um erro. Ambos devem acreditar que cada um tem algo importante para aprender com o outro, algo que pode colocar em questão os sistemas de pensamento e os destinos envolvidos. A mesa de diálogo deve ser abordada para aprender, em vez de ensinar.

Aquele que finge ser rico e não precisa de nada, é condenado em termos proféticos a ser “miserável, digno de pena, pobre, cego e nu. Apocalipse 3:17.

O diálogo também não é um compromisso. Não significa concordância mútua para ser cordial e agradável, ou compensar, por assim dizer, por altercações amargas no passado. Ambos devem, embora permaneçam de mente aberta, permanecer firmes pela direita sem se dobrarem facilmente por outras razões além da verdade.

Uma norma comum Finalmente, deve-se adotar um “valor comum” ao qual ambos possam se referir ao longo da discussão. Albert Camus coloca este princípio como uma condição sine qua non de toda a reconciliação humana. Escreve Camus: “Se os homens não podem se referir a um valor comum reconhecido por todos em cada um, então o homem é incompreensível para o homem.” 235

Para nossos propósitos, essa norma seria de caráter espiritual, implicando o elemento da revelação divina. O propósito da relação vertical não é tornar mais efetiva essa relação horizontal?

Com base nesse caminho, que dificilmente delineamos, podemos esperar com entusiasmo e esperança. A vitória será difícil e talvez infrequente; mas o esforço valerá a pena, como escreve Martin Buber. “Eu me tornei através da minha relação com o Tu; como eu me torno eu, eu digo tu. Toda a vida real está se reunindo. ”236 Nesta área de reconciliação judaico-cristã, o terreno é praticamente território virgem, aguardando a exploração. Isso não é nada menos do que um desafio para a história, uma aposta no homem e no poder de Deus, uma mensagem dirigida ao nosso senso de responsabilidade.

Capítulo 11

Águas Mistas

“O que você ganha indo ao Egito para beber as águas do Nilo? Ou o que você ganha indo à Assíria para beber as águas do Eufrates? ”Jeremias 2:18.

É muito simples tomar uma posição franca sobre a bebida empoisada conhecida como racismo (em todas as suas formas). Mas determinar a atitude de alguém nessa incrível e tortuosa corrente que os séculos passaram a chamar de “tradição” é outra questão.

No entanto, a tradição dá caráter e graça ao campo. À tradição, devemos o gênio das culturas. Ignorar a tradição é sacrificar alguns valores essenciais.

De fato, o estudo da tradição revela profunda sabedoria e genuína piedade.[ Deve ser consultado se quisermos entender a verdade revelada com suas implicações históricas e proféticas.

Ao mesmo tempo, porém, pode-se questionar corretamente, levando em conta as origens da tradição (não uma revelação), se no curso da história essas águas da enchente podem ter se fragmentado em correntes menores e desconectadas que agora fluem apenas devido ao ímpeto original. Como a missão da tradição era aprimorar e explicar uma mensagem antiga, é bom permanecer consciente dos riscos inerentes a qualquer tradição.

O risco básico é que, em um desejo de adaptar-se a mudanças nas circunstâncias, novos conceitos podem ser incorporados ao corpo da crença, capazes de alterar ou mesmo contradizer as idéias originais. Assim, surge a questão sobre a autoridade da tradição e a natureza de sua inspiração.

Tradição por si

Os rabinos, como os pais da Igreja, referiram-se a uma tradição dupla: escrita e oral, ambas se complementando.

Na introdução, o Mishna define a tradição oral como “um cerco plantado ao redor da Torá.” 237 Esse recinto amuralhado foi primeiro uma medida de precaução. Se alguém chegasse perto demais sem entender corretamente a Lei (Torá), alguém poderia ser levado inadvertidamente a cometer uma transgressão.

Finalmente, o Mishna serviu como uma maneira de adaptar os preceitos a circunstâncias particulares, implicando assim uma “evolução contínua”. O rabino talmudista David Malki sublinhou a necessidade de tal abordagem: “Isso nos permite nunca ficar por trás da evolução das situações da vida real. e ser capaz de colocar um esforço permanente visando manter equitativamente as qualidades essenciais dos Torathaim: realidades da vida, um elo com a história, eventos atuais, "modernidade". “238

A tradição oral é acima de tudo um instrumento de trabalho - uma precaução destinada a salvaguardar a integridade dos mandamentos divinos. A tradição não é o mandamento, mas está sujeita a ele. A imagem usada nesta conexão por homens de sabedoria é muito sugestiva: tradição oral é a tradição que o recinto amuralhado é para o campo.

Pode-se encontrar a mesma ideia na teologia cristã. Enfrentando a Reforma Protestante, que colocou em questão as prerrogativas da Igreja pela enunciação do princípio sola scriptura, a Igreja apresentou a idéia de “Escritura e tradição não escrita”. Um Dicionário Bíblico Católico Romano declara: “É essencial à tradição eclesiástica [oral] que se produz uma evolução dentro das formas contingentes, a fim de conservar a confiança apostólica, adaptando sua apresentação aos tempos e às mentalidades para as quais ela é transmitida. ”239

Há também que lidar com duas tradições - a de forma fixa e imutável; o outro mais flexível e evolutivo, possibilitando uma transmissão “inteligente” do primeiro. A tradição oral é, portanto, um meio para servir a tradição escrita. A Igreja reconhece uma visão semelhante nas palavras da Encyclopedia of Faith autoritativa: “As duas tradições não são idênticas. Entre eles estão as diferenças decisivas. A tradição apostólica é uma coisa divina. Lá os apóstolos são órgãos do Espírito Santo. O próprio Deus entregou a mensagem de salvação em Jesus Cristo. A tradição eclesiástica é, ao contrário, um processo humano.

A tradição oral, tanto no judaísmo como no cristianismo, é essencialmente atividade humana. Em qualquer caso, é assim que se define em ambos os sistemas. Uma pretensão profética nunca é invocada por qualquer um para a tradição oral. O rabino e o pai da Igreja fazem o trabalho de um comentarista, mas não de um profeta. Eles transmitem uma opinião - a dos mestres, de seus antepassados, de sua escola de pensamento, de seu tempo ou até de si mesmos -, mas nunca uma mensagem desqualificada de Deus.

A tradição certamente merece nosso respeito e atenção; mas até que ponto ela pode ser considerada uma norma de referência, uma vez que ela se reconhece essencialmente como inspiração humana?

Um exemplo normativo

Embora o estudo interno da tradição fosse muito revelador quanto ao seu valor relativo, tal estudo iria além da estrutura deste livro. Deve-se notar, no entanto, que muitas vezes as opiniões professadas dentro da tradição não apenas traem sua fonte estrangeira, mas mostram-se em flagrante contradição com os ensinamentos da revelação. Tal é o caso, por exemplo, da ideia da imortalidade da alma. Este conceito nunca é expresso na Bíblia. Pelo contrário, o Antigo e o Novo Testamento indicam claramente que após a morte não há nada até a ressurreição e que a imortalidade é exclusivamente um atributo de Deus.

“Os vivos sabem que vão morrer, mas os mortos não sabem nada e não têm mais recompensa; mas a memória deles está perdida. Seu amor e seu ódio e sua inveja já pereceram, e eles não têm mais para sempre alguma participação em tudo o que é feito sob o sol. O que quer que sua mão descubra, faça com sua força; porque não há trabalho, pensamento, conhecimento ou sabedoria no Seol para o qual vais. ”Eclesiastes 9: 5-10.

“Os mortos não louvam ao Senhor, nem os que descem ao silêncio.” Salmo 115: 17. “O Senhor dos Senhores, sozinho, tem a imortalidade.” 1 Timóteo 6:15, 16.

Um grande número de teólogos, judeus e cristãos, reconhece esse fato bíblico.241 O rabino Michel A. Weil escreve em seu livro Judaísmo: Seus dogmas e sua missão: “Admitamos que é uma ilusão esperar encontrar nas Escrituras uma enunciação direta, clara ou precisa de tal imortalidade. ”242

O teólogo cristão R. de Pury é igualmente categórico: “A Bíblia, sobre a qual devemos basear nossa pregação, não tem em nenhum lugar o menor traço de crença na imortalidade da alma.” 243

Como é, então, que essa ideia veio a existir na maioria das religiões baseadas na Bíblia?

Para a Enciclopédia Judaica, não há dúvida: “A crença na imortalidade da alma chegou aos judeus depois de seu contato com o pensamento grego, particularmente através da filosofia de Platão, seu principal representante.” 244

O teólogo cristão André Lamorte ecoa essa mesma opinião. Negando a origem bíblica dessa doutrina, ele chama o conceito de imortalidade da alma de “uma idéia pagã e mais exatamente platônica”.

Uma nova crença foi assim adicionada ao credo de muitas religiões. Nós encontramos

aqui simplesmente o desenvolvimento de uma ideia já fundamentada na Palavra revelada? Certamente não. Não é apenas a ideia de imortalidade da alma estranha à Bíblia, é totalmente incompatível com o ensino bíblico sobre a ressurreição. O que, de fato, poderia servir para acreditar na ressurreição, se em qualquer caso a alma é imortal?

Oscar Cullmann, um teólogo cristão, estava certo em dizer: “Nossa resposta para a questão da imortalidade da alma ou ressurreição dos mortos no Novo Testamento, será clara. Esta doutrina dos grandes Sócrates e do grande Platão é incompatível com o ensino do Novo Testamento. “246

E pode-se entender que Josue Yehouda, iniciador do movimento pela unidade dentro do judaísmo, se recusa a conceber a imortalidade separada da ressurreição: “Quando a ideia de imortalidade penetrou no judaísmo, significou apenas a ressurreição dos cadáveres da poeira no último julgamento. Mesmo essa ideia de ressurreição não separou a alma do corpo. Essa separação é, ao contrário, uma crença clássica na tradição greco-romana e na dos hindus. ”247

A tradição, portanto, nos levou a um impasse; aqui devemos nos posicionar. Um compromisso não é possível. Qualquer um aceita a Bíblia e sua fé na ressurreição, ou se reconhece a autoridade da tradição e admite a tese que reivindica a imortalidade da alma. Uma escolha é necessária.

Existem numerosos exemplos de contradições entre a Bíblia e a tradição. Muitas contradições existem mesmo com a tradição. Um rabino professa acreditar que os mortos são inconscientes.248 Outro acredita na imortalidade nativa. E o Talmud até registra discussões sobre esse assunto entre médicos com opiniões divergentes.249

Da mesma forma, a tradição cristã se envolve em uma aguda controvérsia sobre o assunto.250 Um líder da igreja como Justino Mártir não hesita em dizer que qualquer cristão que crê na imortalidade da alma é culpado de heresia: “Se você encontrar pessoas que se chamam cristãs ", Diz ele," que nega a ressurreição dos mortos e afirma que na morte suas almas são levadas para o céu, não as considerem cristãs. "251

“Uma casa dividida contra si mesma não pode sobreviver”. Que cada um decida, então, por si mesmo.

As lições

Os valores reais da tradição não devem nos levar a esquecer que, afinal, eles são um processo humano, cuja direção é humanamente orientada. Por maior que seja a autoridade e a sabedoria do agente humano que a transmite - a sinagoga ou a igreja - a tradição não pode e não deve reivindicar a mesma inspiração que as Sagradas Escrituras.

Para ter certeza, deve-se à tradição a adoção do cânon. Assim, alguém é grandemente tentado a atribuir à tradição um poder especial: “pode unir e desvincular”. Mas o fato de que tal responsabilidade foi dada na providência de Deus não significa que a tradição seja o supremo árbitro acima da Bíblia. Ao indicar os limites impostos a essa sagrada confiança, a tradição reconheceu seu próprio juiz252 e colocou-se estritamente sob a autoridade da Bíblia. Porque um escravo decidiu livremente servir um certo mestre, esse poder de decisão não o torna seu mestre. Nunca chegaria à mente do escravo colocar em dúvida ou contradizer as palavras de seu senhor sob o pretexto de que ele escolheu o senhor. Por causa de sua escolha, sua submissão será ainda mais perfeita. O fato de a tradição determinar o cânon é mais uma razão para ser submetido a esse cânon.

Portanto, quando se leva em conta, como se deve, a natureza da tradição, deve-se colocá-la de tal maneira que ela possa ser examinada criticamente sob as fortes luzes da Sagrada Escritura.

A tradição continua a ser um campo fértil de estudo, permitindo-nos compreender melhor os fatos da revelação; mas se a tradição deve desempenhar adequadamente seu papel, ela deve ser encarada como um instrumento de trabalho a ser consultado, mas nunca um substituto para a Palavra profética.

Note-se, também, que é a tradição, cujo gênio é principalmente cultural, que frustrou todas as tentativas de diálogo entre o judaísmo e o cristianismo. Ambos falharam em reconhecer que o único valor comum a ambos - a verdade que vem de cima - deve sempre e consistentemente permanecer sua autoridade normativa comum.

Chuva de cima

“A terra que você está passando a possuir é uma terra de colinas e vales, que bebe água pela chuva do céu. E se obedeceres aos meus mandamentos… para amar o Senhor teu Deus,… ele dará a chuva por vossa terra a seu tempo ”. Deuteronômio 11: 11-13.

Deus não está mais em estilo hoje. O homem insiste em ter sua palavra. De todos os lados, podemos ver a influência do pensamento marxista e existencialista. Embora muitas vezes um impacto inconsciente, está lá; e levou esta geração a construir um plano de salvação centrado no homem. Tal é o núcleo da revolução de hoje. Até o cristianismo, na verdade, tornou-se uma força política bem musculosa para estabelecer aqui abaixo do reino que antes se esperava que descesse de cima.

O judaísmo também optou por marchar para essa música. Em Israel, por exemplo, a batalha pela sobrevivência e a necessidade de construir casas e prover o sustento da vida são tão urgentes que não há tempo e pouco desejo de pensar no que veio a ser pensado como “mitos” de antigamente. de opressão.

Em Israel, como em outros lugares, um novo messianismo feito com mãos humanas foi desenvolvido. Humanamente falando, pode-se entender o motivo dessa explosão de energia e a necessidade dela. Mas, embora um entendimento limitado seja compartilhado, não podemos deixar de temer que, no final, um erro fatal semelhante ao que aconteceu com Babel ocorrerá novamente. A determinação de contar apenas com o eu e de substituir a esperança pela força humana leva-nos a imaginar que ele pode subir até os próprios portões do céu por conta própria. O resultado inevitavelmente é uma confusão terrível, pois o homem não pode substituir Deus pela impunidade. Em tal luta, a vida se torna uma corrida de ratos, na qual o homem perde a visão de sua missão e se perde em seu labirinto construído por si mesmo.

Esse processo no qual o homem destrói seu Deus é lento. Passo a passo, segundo uma expressão cara a Maurice Clavel, o homem “afasta Deus da sua vida” e, assim, encontra-se numa terra estranha. Para usar outra figura de palavra, o homem adquire o hábito de beber de fontes contaminadas e se acostuma tanto a “águas mistas” que ele pode até desprezar a chuva do céu.

No entanto, para o nosso tempo, para esta mesma situação, uma mensagem antiga está esperando para ser ouvida, limpando um caminho pedregoso, anunciando um novo reino. O homem esqueceu, talvez, que Deus falou, que Deus revelou o caminho, que Ele prometeu vir!

Então Deus falou

Era uma vez um povo empreendeu uma aventura aparentemente impossível, marchou em um futuro desconhecido com um Guia invisível, e lutou com Aquele que eles não podiam ver - que as pessoas eram Israel.

Este encontro incomum começou uma história incomum, a partir da qual surgiu um livro muito especial. Naqueles dias Deus entrou no tempo e nas palavras dos homens. Porque Deus falou, nós cremos nele.

Deus não é um herói mitológico. Antes de nós estarmos, Ele era. A realidade divina, portanto, precedeu a realidade humana e, portanto, é ainda mais certa. As Sagradas Escrituras eram de autoria de homens que se baseavam nessa realidade. A história real produziu o livro, não o contrário.

Influenciados pela crítica literária do século XIX, alguns pensaram em aplicar à Bíblia uma metodologia essencialmente adaptada a escritos de natureza mitológica ou poética. Esses críticos concluíram que os relatos bíblicos eram simplesmente sagas que haviam sido reunidas em forma de parábola para justificar um rito ou um mandamento. Ou seja, o valor ou a verdade ética criaram a história, de acordo com essa forma de crítica literária.

Mas esse princípio de análise literária, que era correto para escritos como a Ilíada e a Eneida, criou mal-entendidos quando usado na pesquisa bíblica. A mente semita está em nítido contraste com a mente greco-latina.253 Uma lição é extraída da história; Assim, a existência precede o pensamento. O outro obtém a história da sua moralidade, o que significa que o pensamento precede a existência.

Para o hebreu, a experiência real com Deus produziu um ensinamento, ou, nós diríamos, é um ensinamento. Não se pode separar aqui carne e espírito. Em hebraico, a verdade é inseparável da realidade. Então, dizer que a Bíblia é uma coleção de lendas é, para um hebreu, desacreditar ao mesmo tempo a mensagem da Bíblia.

A convicção do profeta não procedeu de um impulso intelectual ou místico; em vez disso, foi nutrido pelo evento. O israelita não escreveu para que pudesse ser poeta ou filósofo e encantar seus leitores. Sua música é um grito. Sua dialética é um apelo. Ele falou porque não podia fazer o contrário.

Jeremias escreve: “Senhor, tu me enganaste e fui enganado… Se eu disser: "Não vou mencioná-lo, nem falarei mais em seu nome", há em meu coração como se fosse um fogo ardente encerrado em meus ossos, e estou cansado de segurá-lo, e não posso. Jeremias 20: 7-9.

Paulo lembra: “Eu ouvi uma voz me dizendo em hebraico: 'Saulo, Saulo… Dói você chutar as aguilhões'. Atos 26:15.

O profeta hebreu falou porque a obrigação foi colocada sobre ele para fazê-lo. A iniciativa foi do Espírito, que o “empurrou” para entregar uma mensagem.254

Este ímpeto - essa mão pesada do Espírito - que muitas vezes significava sofrimento, é um sinal de que o profeta não falou por si mesmo por conta própria. De modo algum ele era um empregado pago para dar prazer, prometer "dias justos e céus azuis" à frente. Na aparência, ele geralmente era um homem sem personalidade dominante; mas ele permaneceu firme, encarou seu povo e o mundo e proclamou sua mensagem.

A lamentação de Jeremias foi dita em um dia quente de primavera. Uma multidão se reuniu para testemunhar esse estranho torneio. Um confronto ocorreria para decidir qual dos dois estava certo. Seria Hananias, filho de Azzur, o conhecido profeta de Gibeão, ele próprio uma personalidade distinta; ou seria Jeremias, um descendente rejeitado de Abiatar e um habitante da miserável cidadezinha de Anatote?

Hananá falou primeiro e suas palavras foram apreciadas. Ele ronronou suavemente sobre paz e felicidade. Todo mundo ficou tranqüilo.

Então Jeremias se levantou. Suas palavras cortantes rasgaram todo coração. Abaixado sob seu jugo, ele atirou de volta: “Amém! Que o Senhor faça isso ... No entanto, ouve agora esta palavra que eu falo ao teu ouvir e ao ouvir de todo o povo. Os profetas que precederam a você e a mim desde os tempos antigos profetizaram guerra, fome e pestilência contra muitos países e grandes reinos. Quanto ao profeta que profetiza a paz, quando a palavra desse profeta acontecer, então saberemos que o Senhor verdadeiramente enviou o profeta ”. Jeremias 28: 6-9.

O raciocínio de Jeremias não tinha defeito. A prova de que ele estava falando por Deus era que sua mensagem era contrária aos seus sentimentos pessoais e aos do povo e seus líderes. Ele era claramente objetivo, apesar de atormentar os ouvintes. Suas palavras queimaram em corações porque se originaram em outros lugares e atingiram o lar. Tais mensagens devem ser comparadas a uma “espada de dois gumes, penetrando na divisão de alma e espírito, de juntas e medulas”. Hebreus 4:12.

A Bíblia não é um livro como todos os outros. Isso foi dito e reembolsado. Mas por que isso foi dito e reconhecido? As palavras da Escritura foram faladas muitas vezes independentemente da vontade do profeta - mesmo contra ela. As palavras inspiradas do profeta fazem com que os homens mudem de direção e se movam para cima. Por que se pode dizer que essas palavras vieram de cima? A razão está dentro de você! Quando Deus fala, a pessoa está inclinada a procurar distração, a tocar surda, a marchar para outro baterista. Uma mensagem de Deus é desagradável. Por quê? Simplesmente porque as mensagens de Deus pedem um compromisso.

O temor de Deus

Aqui ficamos cara-a-cara com um paradoxo: não se pode esperar compreender a Palavra revelada sem se comprometer a seguir o caminho delineado por aquela Palavra. Para entender as Escrituras, paga-se um preço; e esse preço é nada menos do que a própria existência.

Demasiado depressa, a Bíblia foi relegada à categoria de histórias sobre “santos”, de livros adequados apenas a crianças ou a pessoas de mente fraca. Nem deve ser considerado meramente uma fonte de conforto para os perturbados. De outro ponto de vista, a Bíblia é muitas vezes mal compreendida por aqueles que a lêem e estudam tanto quanto por aqueles que abertamente a desprezam.

Daí esse paradoxo infeliz, que apenas aumenta a perplexidade. É um prazer, por uma questão de publicidade, apontar a influência da Bíblia na cultura e na história do Ocidente. Mas ao fazê-lo, pode-se trabalhar contra seu argumento e contra a Bíblia.

Para ter certeza, a Bíblia foi o primeiro livro a ser impresso; e continua sendo o mais vendido, com aproximadamente 35 milhões de cópias vendidas anualmente. Certamente, a Bíblia tem sido e continua sendo a principal inspiração para poetas, artistas, filósofos e até mesmo para homens de Estado. Mas quando essa civilização ocidental é examinada com cuidado - essa civilização tão bem formada pela Bíblia - e quando se consideram os muitos aspectos infelizes e decepcionantes dessa civilização e os crimes indescritíveis que foram perpetrados por ela, inclusive a violação do homem a maioria das posses íntimas e sagradas, pode haver alguma dúvida quanto à natureza de sua influência, valor e autoridade.

A Bíblia não foi realmente ouvida pela nossa civilização. Suas palavras ressoaram nos ouvidos das pessoas, mas não encontraram eco em seus corações e vidas. Suas palavras influenciaram nossa língua e cultura, mas tão pouca nossa existência pessoal e história. Isto é porque a Palavra não foi aproveitada pela maioria dos homens e mulheres.

Para entender a Palavra, é preciso incorporá-la à vida. Existência precede o pensamento. Assim, para acreditar em Deus e realmente conhecê-lo, ele deve primeiro ser temido e amado. The risk lies in listening to and following His instructions. Esse temor de Deus não é apenas um vago sentimento de superstição; é ao mesmo tempo um ato de amor e de obediência. It is remarkable, in fact, that the Bible has brought together these three ideas of fear, love, and obedience to God’s commandments.256 In Deuteronomy 10:12, 13, we find a clear parallelism portraying an equation wherein the “fear of God” equals “to love him” and “to keep his commandments.” This is a very significant outline of Hebrew thought on this subject.

No Novo Testamento, João em particular continua este tema com o acento sobre o amor: “Porque este é o amor de Deus, que guardemos os seus mandamentos.” 1 João 5: 3; cf. 2 João 6; João 14:15 Nos versículos anteriores, como introdução, João menciona “medo”; mas ele continua a eliminar qualquer possível mal-entendido afirmando que “o amor perfeito lança fora o medo”. 1 João 4:18. Para João, as referências em Deuteronômio ao “medo” deveriam ser entendidas no sentido de “reverência”.

By fearing God, which is to love Him and to keep His commandments, we can come to know Him and to enter into a personal relationship with Him. O conhecimento de Deus pertence à área de obediência aos Seus mandamentos. João diz isso em muitas palavras: “Por isso podemos ter certeza de que o conhecemos, se guardarmos seus mandamentos. Aquele que diz "eu o conheço", mas desobedece aos seus mandamentos é um mentiroso, e a verdade não está nele. 1 João 2: 3, 4.

De certo modo, é um encontro que Deus estabeleceu. Ao avançar em harmonia com Suas indicações e em obediência a Seus conselhos (mandamentos), o homem inevitavelmente O encontrará em algum lugar ao longo do caminho da vida. Naquele momento, nossa inteligência, nosso ser total, perceberá Suas intenções e compreenderá as dimensões da Palavra agora verdadeiramente reveladas. A Bíblia se abre para quem quer que seja como é.

A experiência de temer a Deus257 precede a vida de fé. Temer a Deus é acreditar que Ele nos vê a todo momento. Tal experiência não tem relação, é claro, com o chamado “terror” do Antigo Testamento, que alguns acham prazer em colocar em oposição à “graça” do evangelho. O medo de Deus é simplesmente acreditar que Deus existe - não apenas lá no azul dos céus, mas próximo - que nós nunca deixamos a sua vista. Ele não pode ser enganado, porque Ele vê tudo e nos conhece e nos ama intimamente. Você vê, a terra de ninguém não existe no amor - nenhum terreno neutro, nenhum "fora dos limites", nenhuma diferenciação de leigos clérigos, nenhuma possibilidade de hipocrisia. Somente a verdade prevalece; por essa razão, Deus permanece com um amor ciumento.258 Nada escapa de seu olhar atento, pois vê as profundezas da conduta humana em todos os momentos e lugares. Este é um dos principais temas da Bíblia.

O corolário dessa idéia do temor de Deus é o sentimento da onipresença de Deus - de seu olho que tudo vê. “O olho do Senhor está naqueles que o temem”, proclama o salmista. Salmo 33:18. É interessante notar que essa associação de idéias é encontrada até na linguagem bíblica. A palavra hebraica que transmite a idéia “temor de Deus” está relacionada ao verbo que significa “ver”.

O “medo de Deus” - um sentimento de que alguém está sendo visto - marca a vida com uma dimensão religiosa e uma sensibilidade pelo sagrado. Obriga a pessoa a esforçar-se, a respeitar-se e a respeitar os outros.

Porque o homem perdeu a consciência deste olho divino, ele freqüentemente cai em desrespeito por si mesmo e pelos outros. Ao criar para si uma moralidade fácil - a sua própria - ele paradoxalmente acabou por sacrificar a sua liberdade, enquanto a sua "alma" escapa dele sem ser notada. Isso foi expresso há algum tempo pelo cardeal Danielou: é por “procurar libertar-se dos fardos da liberdade [que] o homem contemporâneo mergulhou de cabeça na servidão”.

A honra só será recuperada quando o homem se levantar e seguir, embora caminhando contra a corrente, os mandamentos de cima. Então ele retomará seu imponente destino: o de um ser religioso - reto e capaz de encontrar novamente seu Deus.

Entre o alfa e o ômega

A chave para a mensagem bíblica não está na lingüística; nem é mesmo no plano histórico ou teológico. É para ser encontrado no nível de existência - o nosso! Na medida em que colocamos Deus no começo e no fim de todas as coisas, nesse ponto a Bíblia falará e se revelará a nós.

Certamente não pode ser por acaso que a Bíblia tenha se enquadrado entre dois eventos literais. No começo dos tempos “Deus criou”, e no fim dos tempos “Deus virá”. Seja somente a Bíblia Hebraica263, ou a Bíblia que contém ambos os Testamentos, o cânon é constituído de tal forma que as primeiras palavras são uma referência a a Criação e as últimas palavras para a vinda de Deus.

João provavelmente estava pensando neste fato quando começou seu Evangelho mencionando a Palavra criadora no princípio (João 1.1-3) e concluiu a Revelação, o último livro do Novo Testamento, invocando o reino do Messias (Apocalipse 22: 20).

Deve haver, parece, uma relação entre os dois temas. Nós os encontramos juntos naquelas palavras sinistras pronunciadas pelo anjo no livro do Apocalipse de João - em palavras que precedem o dia do julgamento de Deus, o dia de Sua vinda: “Ele disse em alta voz: 'Teme a Deus e dá-lhe glória porque a hora do seu juízo chegou; e adorai aquele que fez o céu e a terra, o mar e as fontes de água. Apocalipse 14: 7.

Note bem que a injunção do anjo para temer o Deus que fez o céu e a terra exige imediatamente a observância do mandamento que expressa aquela fé; isto é, o mandamento do sábado.

“Lembre-se do dia de sábado, para mantê-lo santo [separado]…; porque em seis dias o Senhor fez o céu e a terra, o mar e tudo o que neles há, e descansou no sétimo dia; portanto o Senhor abençoou o dia de sábado e o santificou [separou-o]. ”Êxodo 20: 8-11.

O apelo registrado no Apocalipse nos lembra um semelhante no livro de Malaquias. Este profeta hebreu também associa o anúncio do dia do Senhor com uma exortação para lembrar a Lei de Moisés: “Lembra-te da lei do meu servo Moisés. Eis que eu vos enviarei o profeta Elias, antes que venha o grande e terrível dia do Senhor. ”Malaquias 4.4, 5 (3.22, 23 na Bíblia hebraica).

As passagens em Malaquias e no Apocalipse parecem ecoar umas às outras. Ambos incluem a intervenção de um anjo (ou mensageiro) imediatamente antes do dia do julgamento de Deus. Ambas as passagens estão relacionadas com o grande dia da aparição ou vinda de Deus.

Ambos transmitem uma exortação precisa. O texto de Malaquias pede que a Lei de Moisés proferida no Sinai seja lembrada; o texto do Apocalipse encoraja o medo do Deus Criador.

As duas passagens podem parecer diferir apenas neste último ponto. Mas a analogia que existe sugere que há uma preocupação comum nas duas passagens. A linguagem usada e as idéias apresentadas revelam uma preocupação semelhante: a necessidade de um retorno ao quarto mandamento do Decálogo.

No texto de Malaquias (1) a palavra recordar lembra a lembrança do mandamento do sábado, 265 (2) a “Lei de Moisés” que Moisés proclamava no Sinai lembra o Decálogo.

Na passagem do Apocalipse, (1) o “temor de Deus” lembra a observância dos mandamentos; 266 (2) a menção da Criação lembra o sábado que foi para memorializá-lo.

A mensagem que a Bíblia, incluindo tanto o Velho como o Novo Testamento, prevê como o último anúncio ao mundo é uma imagem com dois painéis: a observância do sábado com referência à Criação, e uma proclamação extraordinária sobre a vinda do Grande dia do Senhor

Que essas duas "verdades" - o sábado e a vinda do Senhor - deveriam estar juntas no Antigo e no Novo Testamento não é de modo algum surpreendente; eles simplesmente expressam a mesma fé.

O respeito pelo sábado expressa fé no Deus da criação; isto é, em um Deus capaz de dar vida. Somente tal fé poderia aceitar o fato incrível (em termos humanos) de uma recriação, de uma ressurreição e, como conseqüência, de uma nova cidade a ser estruturada e governada pelo próprio Deus. Só esta fé pode vislumbrar a verdadeira revolução: uma reestruturação total do mundo atual, a fim de estabelecer um novo, no qual se unirão de um novo modo, fim e origem, alfa e ômega.

O respeito pelo dia do Senhor, um memorial da Criação e a fé no reino por vir também criam no crente uma profunda dependência de Deus. O crente deve a ele sua origem e seu destino. Além disso, quando o homem separa um dia em particular, seguindo a ordem direta de Deus, ele reconhece que Deus tem o direito de se apropriar do tempo do homem.267 O tempo assume então uma dimensão especial: uma marca divina. Ao sintonizar sua semana na Lei do Céu, o homem expressa sua fé em algo além das contingências diárias; ele coloca no tempo o selo da esperança; ele compromete sua existência totalmente com uma “religião” sem quebras ou parênteses de seu alfa para seu ômega!

O respeito pelo dia de sábado fixado por Deus e não por aquele outro dia escolhido pela política dos homens (embora esse dia de substituição tenha buscado justificação posterior por argumentos teológicos) 268 revela ao crente a ordem à qual ele pertence: a ordem de cima, o reino do absoluto, a partir do qual ele extrai seus critérios. Isso significa que muitas vezes ele terá que nadar contra as correntes da civilização que, em última análise, o levarão à perdição.

Seu reino não é deste mundo, mas de Deus - de um Deus que está vindo! Não que ele entretenha sonhos além dos reinos da realidade, pois ele não o faz. Ele simplesmente quer que sua vida aqui e agora seja moldada aos requisitos enviados de cima, para ficar radiante com a esperança que brilha em seu futuro, para ter certeza de que seu alfa irá se estender ao seu ômega.

Assim, uma fé que respeita o sábado e uma fé que antecipa a intervenção final de cima são da mesma natureza. Por essa razão, essas duas verdades representam o tema principal da Bíblia, resumindo sua história de capa a capa. Eles também representam em substância aquela profissão de fé por excelência no Deus que a Escritura define como “o começo e o fim”, “o primeiro e o último”, “o alfa e o ômega”. Isaías 44: 6; 41: 4; 48:12 e Apocalipse 1: 8; 22:13

Conversão sem traição

Lekh lekha! Vá! Deus a Abraão.

Um peregrino em busca de água pura faz uma pausa ao lado de uma fonte de água amarga. Se ele bebe, corre o risco de envenenar sua alma e a de seu irmão, para que ele não seja mais capaz de aceitar diferenças mútuas ou ouvir uma mensagem diferente. Ao beber, ele pode chegar ao ponto em que acreditará que só ele está certo, que de alguma forma ele foi instalado como o único porta-voz e magistrado de mão direita de Deus. Se ele bebe dessa água amarga, arrisca um lugar no inferno daqueles que nunca têm sede.

O peregrino segue em frente. De repente, um rio profundo e majestoso corre rapidamente diante de seus olhos. Sua beleza o agarra, tentando-o a fazer um lar permanente em seu banco. Ele percebe que teria muita companhia ao longo de seu banco; É bom estar com os outros, com a família, cercado por antigos hábitos, costumes e tradições. Mas o rio está poluído. Corre muito perto da cidade. Assim, como a fonte amarga, não atende às necessidades do peregrino. "Estas águas estão ligadas aos homens", ele reflete; "Mas devo ter água do alto para sobreviver".

O peregrino deve continuar sua viagem. Ele anda, anda mais longe

Um verdadeiro peregrino nunca pára, porque, rumo à eternidade, sua existência é de renovação perpétua. Ele decide deixar a multidão de viajantes, procurando os antigos caminhos que haviam sido perdidos. Conversão é a sua escolha. Não, não aquela rendição desprezível, não aquele ato covarde que a conversão freqüentemente conota!

Uma conversão verdadeira e completa é outra coisa. Ele restaura o convertido às suas raízes, recupera sua antiga imagem, reconcilia a criatura com seu Criador. A conversão genuína tem sido o propósito da meditação bíblica ao longo de sua história. O Livro Sagrado deve sua existência, de fato, à conversão.

Abraão, o pai dos fiéis, teve que passar por esse caminho. Para ele, a conversão não foi fácil. Envolvia, antes de tudo, o sacrifício de seu próprio passado, que ele admitiu ter sido vaidoso, tolo e falso. A conversão exigia que ele abandonasse seus antigos hábitos de pensamento e conduta, que lhe haviam sido caros. Ele o levou de sua terra natal, de seus costumes, de seus confortos materiais e espirituais. Tocou uma campainha de partida e de um novo começo.

No entanto, nessa luta, a solidão foi o teste mais difícil de todos. Outras tentativas permaneceram constantes, com pouca mudança. A mesma rotina, a mesma estrada veio com cada sol nascente. Pensamentos, gestos e trabalho mudaram pouco. Isso poderia ser um tipo de dificuldade que todos na estrada de conversão experimentam? É difícil, também, fazer mudanças - ser convertido - porque então alguém se torna diferente. E essa diferença é um fardo pesado no meio de pessoas que estão sempre prontas para condenar um estranho. Abraão tinha se tornado o estranho, o estranho permanente, simplesmente porque ele tinha sido falado do alto e tinha respondido Sim!

Uns 2000 anos depois, Saulo de Tarso, o primeiro e maior teólogo produzido pelo cristianismo, teve que passar pela mesma experiência. Fariseu e filho de fariseu, estudara aos pés do grande Gamaliel. Ele se orgulhava de sua linhagem e treinamento, e com razão. Um homem muito decidido e determinado, Saul atacou e perseguiu pessoas que ele considerava hereges perigosos. Ele tinha o zelo de suas convicções.

No entanto, chegou o dia em que ele, um médico endossado por Jerusalém, entendeu seu erro. A necessidade obrigou-o a sentar-se novamente no banco do aprendiz. Sua vida então mudou. Daí em diante, ele viajaria de continente a continente para anunciar ao mundo a verdade que invertera sua vida literalmente. Ele não era mais o mesmo funcionário bem organizado com um futuro seguro. Ele partiu para as estradas do mundo greco-romano, muitas vezes sem saber onde Deus o conduziria, guiado apenas por sua fé inabalável no invisível. Uma vez convertido, Paulo também se tornou um estranho, trazendo para si incontáveis ​​perigos, incluindo o da incerteza. Mas sua conversão também introduziu uma forte fé em um Deus ainda pronto para realizar as obras de salvação.

Entre esses dois homens que se tornaram os principais instrumentos humanos da revelação judaico-cristã flui um vasto povo de estranhos: Israel. A história desse povo nada mais é do que uma história de conversão perpétua. Israel não tem permissão para se estabelecer em religião. Fazer isso, tornando-se meramente cidadãos de uma comunidade terrena, seria perigoso. Reis, sacerdotes e profetas continuamente encorajaram Israel a retornar aos antigos caminhos, exortando o povo a se arrepender. Ocasionalmente, os ídolos que haviam encontrado seu caminho para as habitações tinham que ser destruídos. Outras vezes, a purificação dos corações era a principal preocupação. Basta recordar as revoluções trazidas por um Davi, um Josias ou um Neemias para obter toda a história de Israel. As mensagens de Elias, o profeta, de Amós e Jeremias, revelam o coração do destino de Israel.

As pessoas foram constantemente trazidas de volta aos fundamentos. Eles nunca foram autorizados a se estabelecer em uma paz fácil e compromisso. Nem podiam descansar sobre os louros de seus ancestrais. Eles tiveram que lutar todas as manhãs, renovar constantemente o pacto com Deus, cantar diariamente uma nova canção. Não foi fácil ser Israel, mas foi emocionante! O mistério da eleição de Israel estava precisamente nessa conversão interminável. Lecionado para continuamente, repreendido incessantemente, Israel foi constantemente forçado a questionar sua própria existência e estar sempre pronto para fazer a correção necessária: sua conversão.

Na Bíblia, a conversão é representada como o ideal de vida mais elevado possível. Possivelmente, é por isso que o nomadismo é considerado na civilização hebraica como a maior virtude. Os levitas, sacerdotes de Deus, não tinham permissão para criar raízes em qualquer lugar. Assim, asseguraram-se de que a segurança material não cegaria seus olhos para os verdadeiros valores da vida.

Israel como um todo teve que se submeter ao dispositivo de ensino do deserto, que mais tarde se tornou motivo de nostalgia pelos profetas. Oséias 2:16; Ezequiel 20: 35-37. Aqueles eram os "bons velhos tempos", quando Israel, ainda um jovem noivo, estava experimentando o primeiro amor. Rumo a essa idade de ouro espiritual, as aspirações de Israel se voltavam periodicamente quando se sentia uma necessidade especial de arrependimento e reconsagração.

Quem quer que siga no sulco bíblico deve se curvar a esse caminho de conversão contínua. Não é primordialmente passar de uma religião a outra - por um novo batismo, por uma traição à fé. A questão é simplesmente reconhecer, como fizeram os homens e mulheres de antigamente, que alguém se perdeu. A necessidade é de humildade e coragem para voltar atrás, consultar as fontes, examinar a si mesmo e alinhar-se com a vontade de Deus. Conversão não é traição quando significa juntar-se novamente aos pais. A conversão é antes o cumprimento da última profecia de Malaquias, que deveria fechar a longa linha dos profetas de Israel, uma profecia que diz respeito ao tempo do fim, possivelmente nosso:

“Ele converterá o coração dos pais a seus filhos e o coração dos filhos a seus pais.” Malaquias 4: 6 (3:24 na Bíblia Hebraica).

Epílogo

O Espírito Sopra

Agora que chegamos ao fim, de repente descobrimos que uma dúvida invadiu nossos pensamentos - um sentimento de que talvez tenhamos corrido em vão.

Nós resolvemos os problemas? O sistema que atacamos foi abalado? Tudo parece estar como antes: soberbo, desdenhoso, ponderado com um passado glorioso, forte na força de seus líderes. Afinal, desde quando meras palavras tinham o poder de reverter a história e alterar o destino? Mas não previmos essa possibilidade no limiar de nosso empreendimento? Palavras e idéias não poderiam ter sucesso.

Então, em desespero, alguém seria tentado a orar.

Naturalmente, a oração não está em uso popular hoje em dia. Mas não nos preocupamos primordialmente com um caso de moda, de acordo com os tempos e as culturas. O Espírito "sopra onde quer" e quando quiser. João 3: 8

Então deixe o Espírito soprar!

Notas do capítulo para beber nas fontes

1. Samuel Joseph Agnon (1888-1970) é um dos maiores escritores hebreus do nosso tempo. Suas numerosas obras lhe valeram fama internacional, confirmada pelo Prêmio Nobel de Literatura em 1966.

2 “Le chien Balak” (tradução francesa de Tmol Chilchom), p. 275.

3. Jules Isaac, Genese de l'Antisemitisme, p. 148.

4. É especialmente necessário notar a influência das rebeliões judaicas contra o Império Romano e as resultantes perseguições do judaísmo pelos imperadores romanos. Cf. Samuele Bacchiocchi, antijudaísmo e a origem do sundax (Roma: 1975), pp. 37-39.

5. Marcel Simon, Verus Israel, p. 361, n. 4; F. Lovsky, Antisemitisme et Mystere d'Israel, p. 140.

6. Inácio de Antioquia, Carta aos Magneses 9.1. O texto grego é suscetível a várias traduções, no entanto, e uma forma do texto (que aparece na Migne Patrologia Graeca) realmente diz: "Não mais sabatize, mas viva de acordo com a vida do Senhor".

7. Cf. Tertuliano, Contra Marcião 4.12.7.

8. Victorinus, sobre a criação do mundo 5 (The Ante-Nicene Fathers 7: 342).

9. Acha-se a mesma preocupação no Concílio de Nicéia (A. D. 325), quando a questão surgiu em relação à Páscoa. Eusébio de Cesaréia nos informa sobre a opinião do imperador Constantino: “Parece uma coisa indigna que na celebração desta festa santíssima devemos seguir a prática dos judeus, que impiamente macularam suas mãos com um enorme pecado, e são, portanto, merecidamente afligido com a cegueira da alma. Não tenhamos nada em comum com a detestável multidão judaica ”. Eusébio, Vida de Constantino 3.18-19 (Skene and Post-Nicene Fathers, Second Series, 1: 524-525).

10. Cânon 29 do Concílio de Laodicéia. Ver Joannes Dominicus Mansi, ed., Sacrorum Conciliorum Nova e Amplissima Collectio, II, pp. 569-570.

11. Assim, entre muitos outros historiadores da igreja, o JAW Neander observou: “Foi através da oposição ao judaísmo que a festa do domingo foi introduzida muito cedo no lugar do sábado”. Neander, Allgemeine Geschichte der Christlichen Religião und Kirche, I, 2, p. 513.

12. O decreto de Constantino é claro: “O Imperador Constantino a A. Helpidius. Todos os juízes, pessoas da cidade e todas as ocupações devem descansar no dia mais honroso do sol. De fato, os agricultores deveriam ser livres e desimpedidos em seu cultivo dos campos, pois freqüentemente não há dia mais adequado para entregar sementes de milho aos sulcos e enxertos de videira até os buracos preparados para eles, para que o momento favorável não seja enviado. pela providência divina se perder. ”Código de Justiniano III.12 (deferiis) .3.

13. Pesiqta Rabbati 20.

14. Talmud Babilônico, Shabbath 88a.

15. Sobre esta questão, veja Marcel Simon, op. cit., p. 214 ff. e R. Travers Herford, Cristianismo no Talmud e Midrash.

16. Jules Isaac, op. cit., p. 147.

17. Cf. neste contexto, o trabalho de Harnack, Die Altercatio Simonis Judaei et Theophili Christiani, e Untersuchungen iiber die antijiidische Poletnik in der alten, Kirche, Texte und Untersuchungen, 1, 3 (1883).

18. Marcel Simon, op. cit., p. 437.

19. A. Neher, L’Existence juive, p. 236.

20. Idem.

21. É digno de nota que a mesma distinção em comparação com a igreja já foi afirmada por Kimhi. (Veja FE Talmage, ed., Disputation e Dialogue: Readings no Jewish-Christian Encounter (Nova Iorque: Ktav Publishing House, Inc., 1975), p. 113. Abraham Heschel repetiu-o mais precisamente em conexão com o sábado, que ele define como sendo "a idéia que expressa o que é mais característico do judaísmo" (God in Search of Man, p. 417).

22. Op. cit., p. 203; cf. p. 96.

23. Veja J. Isaac, op. cit., p. 146. Significativamente, J. Parkes nota “o estranho e trágico fato” de que os judeu-cristãos foram excomungados pelos cristãos gentios “não por uma cristologia inadequada, mas porque eles ainda observavam 'a lei'” (The Foundations of Judaism and Christianity, p. . 222).

24. Da orientação episcopal nas relações com o judaísmo (IV, a).

25. Jean-Paul Sartre, Antissemita e judeu, p. 78.

26. Sobre isso, veja Charles Herbert Stember e outros, Jews in the Mind of America, pp. 48-59, and J.P. Sartre, op. cit., pp. 63, 64.

27. Cf. o relatório da UNESCO sobre a questão “Le racisme devant la Science” (Paris, 1973).

28. J.-P. Sartre, op. cit., p. 23.

29. Albert Memmi, Portrait d’un juif p. 203.

30. Ibid., p. 154.

31. Cited by A. Memmi, op. cit., p. 213.

32. Soren Kierkegaard, Treinamento no Cristianismo (Princeton, 1944), pp. 176-178. Para Kierkegaard, a pedagogia cristã deve, ao contrário, fazer a criança compreender sua própria culpabilidade na crucificação. Além disso, ele diz explicitamente: "A presente geração deve pensar que eles mesmos o crucificaram".

33. J. Isaac, op. cit., p. 172.

34. Jules Isaac, Jesus et Israel, p. 558.

35. Albert Memmi, La liberation du juif, p. 215.

36. Ibid.

37. Esta é a opinião de Hermann Gunkel, entre outros, que chega a dizer que Abraão pretendia sacrificar a honra de sua esposa em troca de presentes. Essa exegese, tão atual nos círculos cristãos, participa de um viés óbvio. Simplesmente não leva em conta os fatos dados no texto, segundo os quais Abraão estava em perigo de morte. Quanto à expressão “para que vá bem comigo por sua causa” (Gênesis 12:13), é em paralelo com “que minha vida pode ser poupada em sua conta”; e deve ser entendido no mesmo sentido (ver também verso 12).

A difícil situação em que Abraão se encontrou explica seu erro, sem, no entanto, justificá-lo. Abraão ainda está com Deus através de todas as vicissitudes de sua experiência. Nós não podemos senão censurá-lo, no entanto, por sua falta de fé. Cf. Ellen White, Patriarcas e Profetas, p. 130; cf. também U. Cassuto, Um comentário sobre o livro de Gênesis, pp. 348-352.

38. O judaísmo de Jesus foi recentemente apontado pelo teólogo católico C. Tresmontant em L'enseignement de leshoua de Nazareth. Cf. also J. Klausner, Jesus of Nazareth (New York: Macmillan, 1942).

39. O papel que a figura de Judas desempenhou no caso Dreyfus é bem conhecido. “Que Dreyfus é capaz de traição”, declarou Barres, “é algo que concluo de sua raça.” Na Civita Cattolica (5 de fevereiro de 1898), um periódico jesuíta em Roma, pode-se ler: “Os judeus foram criados por um especial decreto da Providência, para que nobres causas não carecessem de traidores. ”(Cf. Rabi, Anatomie du Judaisme franqais, pp. 74, 75.)

40. Cf. Genese de l'Antisemitisme.

41. Esse autor havia dedicado toda uma coleção de obras sobre A História do Anti-Semitismo (tradução em inglês por Richard Howard, 1965): I. Do Tempo de Cristo para a Corte Judeus; II. De Maomé aos Marranos; III De Voltaire para Wagner.

42. Cf. seus dois livros, Antisemitisme et mystere d'lsrael e La dechirure de Iabsence.

43. Quanto aos trabalhos sobre anti-semitismo escritos em inglês, deve-se notar o seguinte: Ernest L. Abel, The Raízes do Anti-Semitismo (1975); Heinrich JM Coudenhove-Kadergi, Anti-semitismo ao longo das eras (1972); James W. Parkes, Anti-Semitismo (1963). Note também a tradução em inglês de Jules Isaac, The Teaching of Contempt.

44. Pierre de Labriolle, La Reaction paienne, p. 194.

45. Staehelin, Der Antisemitismus des Altertums, p. 54.

46. Na revista judaica L'Amandier fleuri (outubro de 1949), 9.

47. "Dimensionsde fantisemitisme", em Foilet Vie (setembro-outubro de 1949), 447, 448.

48. J. Isaac, Gen&se de lAntisemitisme, p. 129.

49. Cf. Verus Israel, p. 263.

50. F. Lovsky, Antitisemitisme et mystere d'lsrael, p. 157.

51. M. Simon, op. cit., p. 16.

52. J. Isaac, op. cit., p. 133.

53. Como exemplo, entre outros, podemos citar esta carta do bispo de Agobard - uma passagem escolhida entre as mais violentas da época: “Os homens sujeitos à lei mosaica são amaldiçoados e cobertos pela maldição como por um roupa, uma maldição que se encharcou como água em suas entranhas e como óleo em seus ossos, amaldiçoada na cidade e amaldiçoada no campo, amaldiçoada em sua chegada e amaldiçoada em sua saída. Amaldiçoado é o fruto do seu corpo, do seu solo, dos seus rebanhos, dos seus celeiros, dos seus celeiros, dos seus armazéns, do seu sustento e das migalhas das suas refeições! ”Carta ao arcebispo de Narbonne, entre AD 826 and 828; cited by J. Regne, “Les Juifs de Narbonne,” Revue des Etudes juives, LV (1908), 34. (Cf. L. Poliakov, The History of AntiSemitism: vol. I: Do Tempo de Cristo para a Corte Judeus, pp. 29-30.)

54. “De muitas maneiras, 1096 marcou um ponto de virada na história judaica. A trilha de sangue e as ruínas fumegantes deixadas para trás nas comunidades judaicas da França para a Palestina ... pela primeira vez trouxeram para casa o povo judeu, seus inimigos e amigos, a total instabilidade da posição judaica no mundo ocidental. Os judeus tinham encontrado surtos ocasionais de intolerância. Mas esses "incidentes" invariavelmente eram locais e esporádicos por natureza e careciam de premeditação e ampla ação concertada. Desde a Primeira Cruzada, as perseguições antijudaicas exerceram um apelo perigosamente contagioso, que em períodos de grande estresse emocional degenerou em uma psicose em massa transbordando as fronteiras nacionais. ”Salo W. Baron, Uma História Social e Religiosa dos Judeus, vol. IV, p. 89.

55. Cf. A. Neubauer e M. Stern, Hebreus Relatos das Perseguições dos Judeus durante as Cruzadas (em hebraico); Tradução alemã por S. Baer, ​​Hebraische Berichte uber die judenverfolgungen wdhrend der Kreuzzuge, p. 88.

56. Ao contrário do preconceito tenaz segundo o qual os judeus sempre foram aqueles comerciantes e usurários avarentos, os documentos nos revelam que, antes desta data, as diversas expressões do anti-semitismo “nada sabem da avareza ou ganância econômica dos judeus. Quando, em meados do quinto século, Salviano de Marselha compôs um tratado contra a avareza e a usura, ele nunca mencionou os judeus. ”F. Lovsky, Antisemitisme et mystere d'lsrael, p. 233.

57. L. Poliakov, op. cit., p. 74.

58. Veja James Parkes, O Judeu na Comunidade Medieval (Londres, 1938), p. 341. Cf. Evidences (May 1954), 22.

59. J. Parkes, op. cit., pp. 340-341. Cf. J. Bernfeld, "Das Zinsverbot bei den Juden nach talmudisch-rabbinisch Recht", em Das Licht, n. 8.

60. F. Lovsky, op, cit., p. 233.

61. “O empréstimo de dinheiro ... é o motivo real para a tolerância do senhor que admitiu o judeu, o protegeu, encorajou-o, e então sistematicamente o explorou e o espancou impiedosamente quando a ocasião se apresentava, o que era bastante frequente. "L. Gauthier," Les juifs dans les Bourgognes deux ", em Revue d'Etudes juives, XLIX (1904), 14.

62. Esse sentimento veio à tona em alguma semântica bastante peculiar. Nas Crônicas Judaicas de Salomão Bar Simeão ou na de Eliaz ben Nathan, a palavra igreja é assim traduzida regularmente pelo termo “lugar de impureza ou de horror”, a palavra cruzada por “sinal do mal”, *etc.*

As Crônicas Hebraicas foram publicadas por A. Neubauer e M. Stern, op. cit.

63. Foi o Concílio de Latrão de 1215 que, definindo o status do judeu como aquele de fora da lei, determinou a formação do gueto. O fenômeno não existia anteriormente. Tornou-se obrigatório a partir daquele momento.

64. O judeu era considerado a encarnação do mal, e ele era considerado responsável por todos os males (peste, etc.), e ele seria identificado com o diabo, especialmente no século XIV.

65. A expressão é de Lutero, que, depois de uma notável amizade com os judeus durante sua carreira anterior, virou-se violentamente contra eles em seu período posterior. (Sobre este ponto, veja a monografia de Reinhold Lewin, Lathers Stellung zü den Juden.) Cf. O panfleto de Lutero “Contra os Judeus e Suas Mentiras”: “Na verdade, os judeus, sendo estrangeiros, não devem possuir nada, e o que eles possuem deve ser nosso.” “Até hoje ainda não sabemos o que o diabo trouxe para nossa país. ”“ Além do diabo, você não tem inimigo mais venenoso, mais desesperado, mais amargo, do que um verdadeiro judeu. ”

“Em um nível prático, Lutero propõe uma série de medidas contra os judeus: que suas sinagogas sejam queimadas e seus livros confiscados, que eles sejam proibidos de orar a Deus em seu próprio caminho, e que eles sejam feitos para trabalhar com suas mãos; ou, melhor ainda, que os príncipes os expulsem de suas terras e que as autoridades - magistrados assim como o clero - se unam para esses fins. Quanto a si mesmo, tendo assim cumprido seu dever, Lutero é 'dispensado'. (Ich habe das meine gethan: ich bin entschuldigtl) Poliakov, op. cit., pp. 216-210.

Em várias passagens, finalmente, Lutero lamentavelmente deixa-se entrar na palhaçada mais obscena e grossas vulgaridades ao criticar os judeus, e ele passa tudo isso como seus sentimentos mais cristãos.

66. “Isso foi, no século XVII, a mais pesada censura na opinião cristã.” (F. Lovsky, Antisemitisme et Mystere d’lsrael, p. 194.) Os sermões de Bossuet martelaram nos ouvidos dos cristãos: “Aquilo que os romanos acharam intolerável para os seus cidadãos, os judeus parricidas infligiram ao seu Rei” (Sermão da Virtude da Cruz, na edição de Gamier, vol. . Ill, p. 581).

67. Já no Quarto Concílio de Latrão, havia “decidido que os judeus deviam distinguir-se dos cristãos por suas vestimentas”. Quarto Concílio de Latrão, cânones 67-70, em Mansi 22, pp. 1054 ff.)

68. Veja L. Poliakov, A História do Antissemitismo, vol. Ill: de Voltaire para Wagner.

69. Cf. AM Rose, L'origine des Eiguges, nas publicações da UNESCO, Paris, 1951, p. 15.

70 d.C. Cf. Ch. Lassen, Indische Altertumskunde, cujas conclusões foram adotadas por Ernest Renan. Sobre esta questão, veja o aviso de Heinrich Coudenhove-Kadergi, Anti-semitismo ao longo das eras, pp. 59-61.

71. “Entre os povos caucasianos, devemos certamente dar a palma aos indo-alemães. Não achamos que isso se deva ao acaso, mas acreditamos que isso deve se seguir de seus talentos amplamente superiores. A história nos ensina que os semitas não estão inclinados ao equilíbrio harmonioso de todos os poderes da alma, o que caracteriza os indo-alemães ”. Lassen, op. cit., vol. I, p. 513.

72. Como o historiador Barraclough observa com razão a respeito do movimento do nacional-socialismo, “eles ofereceram uma solução - especiosa mas ousadamente enunciada - não apenas do mal imediato do desemprego, mas também dos dois grandes problemas não resolvidos que se destacaram como o legado duradouro da Alemanha. passado: o problema da unidade alemã e o problema da criação de instituições políticas representativas do povo alemão. ”Origins of Modern Germany, p. 458.

73. H. Chamberlain, La Genese du XIXe siecle, p. 362.

74. Cf. Die Nibelungen, Allgemeine Geschichte drawn from legend.

75. Oeuvres en prose de Richard Wagner, vol. II, pp. 44, 45, 56.

76. Esses sentimentos ecoam a zombaria de Lutero: “Se eu encontrar um judeu para batizar, eu o levarei para a ponte de Elba, pendure uma pedra em volta do pescoço dele e empurre-o na água, batizando-o com o nome de Abraão!” ( Citado por L. Poliakov, op. cit., I, p. 223.)

77. F. Lovsky, La dechirure de I ‘absence, p. 13.

78. Julian Green, journal, in Revue de Paris, June 1949.

79. Cf. Salmo 119: 105. Torá (lei) e Ou (luz) vêm da mesma raiz hebraica.

80. Eusébio de Cesaréia (ca. 330), um bispo contemporâneo de Constantino, diz explicitamente em seu comentário sobre os Salmos: “Naquele dia de luz, o primeiro dia, o dia do sol real, quando nos reunimos a intervalos de seis dias ... então realizamos, seguindo a lei espiritual, aquela que tinha sido ordenada pela lei para os sacerdotes fazerem durante o sábado ... tudo o que tinha que ser realizado durante o sábado nós trouxemos para o Dia do Senhor, na medida em que é o mais importante, o dominante, o primeiro, e tem mais valor que o sábado. ”Comentário dos Salmos, no Salmo 91; veja W. Rordorf, Sabbat et dimanche, pp. 79, 81.

Church historians have not failed to take note of this matter: “The Hebrew Sabbath having been abolished by Christians, the Church made a sacred day of Sunday, partly because it was the day of the resurrection, but largely because it was the weekly festival of the sun; for it was definite Christian policy to take over the pagan festivals endeared to the people by tradition, and to give them a Christian significance. Mas, como um festival solar, o domingo era o dia sagrado de Mitra; e é interessante notar que desde que Mithra foi endereçado como Dominus, 'Senhor', o domingo deve ter sido 'o Dia do Senhor' muito antes dos tempos cristãos. ”Arthur Weigall, O paganismo em nosso cristianismo (Nova York, 1928), p. 145.

81. A. Memmi, Liberation du Juif, p. 73.

82. Pode-se às vezes ter a impressão de que a separação realmente começou no tempo dos apóstolos. Referência é feita geralmente para a declaração de São Paulo aos seus informantes judeus: "Eis que nos voltamos para os gentios" (Atos 13:46). Mas, na realidade, o apóstolo indica aqui, simplesmente, que a partir de agora ele se endereçaria igualmente aos pagãos. A prova é que no capítulo seguinte ele está novamente pregando aos judeus. Em todo caso, a reação de Paulo neste versículo concerne apenas a uma minoria de judeus, como é claro nos versos precedentes. De fato, a multidão que ouviu a pregação de Paulo era basicamente composta de judeus; e foi quando eles viram essa multidão, diz o texto, que os outros judeus “estavam cheios de ciúmes” (Atos 13:42, 43). Há razão para ser surpreendido por tal contradição no mesmo verso. Mas é necessário notar que no Novo Testamento a expressão "os judeus" designa indistintamente os amigos ou os inimigos de Cristo. (Sobre esta questão cf. Jules Isaac, Jesus e Israel, pp. 111-120; James Montgomery Boice, O Evangelho de João, p. 14.) A segunda categoria de judeus, uma minoria, é rejeitada por Paulo, mas não a primeira categoria, que constitui a maioria. Por conseguinte, é essencial, para evitar um mal-entendido, ter em conta esta convenção verbal. Os simpatizantes de Paulo, assim como seus perseguidores, eram judeus. Os discípulos de Cristo, bem como os instigadores do Seu sacrifício, eram judeus. Estamos todos em Israel.

83. “Uma grande e surpreendente revolução, deplorada por alguns, louvada por outros, uma das mais importantes da história, da qual o reinado de Constantino foi apenas o prelúdio, que continuou e se consumava até o final do século, o quarto caótico e extraordinário. século. Mas a inédita fortuna da Igreja trouxe em seu caminho a infelicidade da sinagoga: pois o quarto século foi uma época fatal, que abriu um futuro de angústia, luto e catástrofes ”. Jules Isaac, Gendse de l'Antisemitisme, p. 156.

84. Isaac Bashevi Singer, cited by A. Memmi in La liberation du Juif, p. 73.

85. Ibid., p. 71.

86. Cf. Colossenses 2:14. Estudaremos essa questão com maior profundidade em um capítulo posterior (cf. p. 74 ff.).

87. Gênesis 2: 7. A palavra nephesh, que geralmente é traduzida como “alma”, e que é usada igualmente para seres humanos ou para animais (cf. Gênesis 1:20), vem do verbo naphash, que significa “respirar” (cf. Êxodo 23:12). Observe sua relação fonética com alguns outros verbos hebraicos sinônimos, como nachav, nacham (para respirar). Essa palavra tem o mesmo significado de “respirar” em várias outras línguas semíticas, como acádio e árabe.

88. Gênesis 3:15 Esta é a nossa tradução, destinada a refletir o jogo de palavras no verbo shuf.

89. Sabedoria de Salomão 2:24.

90. Cassuto, um comentário sobre o livro de Gênesis, vol. I, pp. 142, 160.

91. Pentateuco com Targum Onkelos, Haphtaroth e Orações para o Sábado e Comentário de Rashi, Traduzido para o inglês e anotado pelo Rev. M. Rosen-baum e Dr. AM Silbermann em colaboração com A. Blashki e L. Joseph: Genesis (Londres: Shapiro, Vallentine e Co., 1946), p. 15.

92. Esta versão grega é a mais antiga tradução judaica ainda existente. Data do terceiro século aC

93. O uso dos autos de pronomes pessoais para o sujeito que machucaria a cabeça da serpente é significativo para nós: por ser um pronome nominativo masculino, não pode se referir nem à mulher, nem mesmo à posteridade (“semente”) coletivamente, o que é uma palavra neutra em grego.

94. Mesmo alguns comentários modernos não hesitam em interpretar este verso em um sentido messiânico (cf. Marc Breuer, Thora commentee, p. 15).

95. Os Targums são traduções parafrásticas antigas das Escrituras em aramaico.

Após o retorno do cativeiro (539 aC), o aramaico substituiu o hebraico como a língua vernacular do povo judeu. Os textos bíblicos que foram lidos como parte da liturgia sobreviveram porque as pessoas os entendiam quando eram interpretados em aramaico, daí os Targuns. Não se tratava simplesmente de traduções, pois compunham comentários virtuais, refletindo as idéias religiosas da época. Os dois Targums mais conhecidos são os de Onkelos no Pentateuco (segundo século EC) e o de Jonathan nos Profetas (terceiro século EC).

96. Veja seu comentário em Gênesis 3:15.

97. Veja seu comentário em Gênesis 3:15. Este Targum, atribuído a Jonthan (ver nota 95), incide sobre o Pentateuco e o Hagiógrafo. Redigido no dialeto palestino do aramaico, foi chamado o Targum de Jerusalém, em contraste com o outro Targum de Jonathan, que foi redigido no dialeto babilônico e que estava preocupado apenas com os profetas.

98. Este trabalho foi anteriormente atribuído ao rabino Simeon ben Yohai, um rabino palestino do segundo século. Sabe-se agora que foi escrito na Espanha no século XIII. Constitui a obra-prima do misticismo judaico, a Kabbalah.

99. Zohar. vol. II, folio 120b.

100. A gematria era um método haggadic de interpretação baseado no valor numérico das letras.

101. Cf. Isaías 52:13 com o capítulo 53.

102. O Talmud é uma compilação de debates, interpretações e comentários bíblicos cobrindo aproximadamente o período do quarto século AEC. até o quinto século EC.

O Talmud consiste em um texto básico, o Mishnah (ensinamentos transmitidos oralmente desde o século IV aC). e colocado em escrita no segundo século EC) e o comentário sobre ele, o Gemara.

Desta forma, e neste formato, surgiram dois Talmuds: o Gemara dos Rabinos Babilônicos deu origem ao Talmud Babilônico, e o Gemara dos Rabinos Palestinos produziu o Talmude de Jerusalém.

O Talmude Babilônico é de longe o mais importante. É por essa razão que geralmente nos referimos ao Talmude quando nos referimos ao “Talmude”. Quando nos referimos ao Talmude de Jerusalém, ele será especificamente indicado pela sigla TJ.

103. Sanhedrin 98b. (Esta e outras referências similares são ao Talmude Babilônico, que consiste em sessenta e três livros, ou "tratados", dos quais o Sinédrio é um deles. O restante da referência indica o número do fólio e o lado ou coluna do fólio - cada fólio, ou folha, tendo dois lados de colunas.

104. O termo Midrash é aplicado a um certo número de compilações nas quais os vários livros da Bíblia são expostos por meio das tradições antigas e por parábolas. Eles, como o Talmude, pertencem à lei oral e voltam aproximadamente ao mesmo período de tempo.

105. Pesiqta Rabbati, Pisqa 37.

106. Bereshith Rabbati de Moshe Hadarshan, em Gênesis 24:67.

O mesmo versículo (Isaías 53: 5) é retomado em outro Midrash para apoiar sua leitura messiânica do livro de Rute: "Estas palavras se aplicam ao Rei Messias: venha aqui" (em Rute 2:14) significa Rei do Reino, e 'comer um pouco de pão' implica o Pão do Reino, e mergulhe o seu bocado no vinho 'alude ao sofrimento de que é falado em Isaías 53: 5 quando diz que ele foi ferido pelas nossas iniqüidades' (Rute Rabá, 5 : 2: 14). Ruth Rabbah é uma das obras componentes do Midrash Rabbah, um comentário midrashie sobre dez livros bíblicos.

107. É interessante notar que a raiz KRB, da qual deriva a palavra Korban, "sacrifício", expressa a idéia de proximidade e que o verbo "sacrificar", hakrib, formado a partir da mesma raiz por inflexão no Hiphil (causativo) stem, na verdade significa "trazer perto". Portanto, apenas o contexto pode determinar se é para ser traduzido como "sacrifício" ou "aproximar".

Assim, Jeremias 30:21 apresenta um problema de tradução. Trata-se de um chefe, um líder que sairá do ventre de Israel; "Vou fazê-lo aproximar-se", diz o versículo 21. Agora, o verbo usado aqui é precisamente o que é usado para o culto levítico; e poderia ser traduzido: "Eu vou sacrificá-lo". Ele é seguido pelo verbo nagash ("ter acesso a").

A pessoa encontra a mesma associação entre hakrib e nagash em Levítico 21:21, que emprega o verbo hakrib no sentido de “sacrifício”.

O verso em Jeremias poderia, portanto, ser traduzido assim: "Eu vou sacrificá-lo e assim você terá acesso a mim" (o segundo verbo é impessoal).

This translation has the merit of taking account of the words which follow: “For who would dare of himself to approach Me?” In fact, according to the Levitical theology only sacrifice makes God accessible to man (cf. Genesis 4:4; Leviticus 4).

108. Zebahim 44b and Sanhedrin 51b.

109. Leviticus 4:31.

110. Leviticus 4:34, 35; 16.

111. Leviticus 16:32-34.

112. Leviticus 16:14.

113. Exodus 28:35.

114. Aboth de Rabbi Nathan 34.

115. Bereshith Rabbati on Genesis 14:18.

116. Cf. Sukkah 52a. This is the only passage in all the Talmud which speaks of two Messiahs. It is possible therefore to think that we have here a late addition contemporaneous with the Midrashim and with the Jewish apocalypses, which reflect the Jewish-Christian polemics.

117. Cf. Joseph Klausner, The Messianic Idea in Israel, pp. 129, 400-401.

118. Sanhedrin 98b.

119. Bereshith Rabbati on Genesis 24:67.

120. Bereshith Rabbati on Genesis 19:34; cf. Berakoth 5a, *etc.*

121. Pesiqta Rabbati, Pisqa 37.

122. Targum on Song of Songs 4:5 and 7:3.

123. Sanhedrin 98b.

124. Cf. A. Sarsowsky, Die ethisch-religiose Bedeutung der alttestamentlischen Namen nach Talmud, Targum und Midrasch.

125. Abraham Joshua Heschel, God in Search of Man, p. 137.

126. Ibid., p. 412.

127. Often what the biblical passage understands from a messianic perspective is concerned equally with a particular historical situation. But the circumstantial interpretation does not exclude the messianic application. Generally speaking, it is the political salvation of Israel, on the occasion of its return from the Exile, which incidentally calls forth an allusion to a greater and deeper salvation - that which would be achieved by the Messiah. We are here confronted by a conception of time peculiar to the Hebrew mind, whereby two different epochs are embraced by one glance. What happens is that the inspired prophet in vision transcends his own time so as to enter into the time of God, which calls him. See Andre Neher, Essence du prophetisme, pp. 83 ff.

128. This is the common designation of God in the Rabbinic literature.

129. Baba Bathra 75b.

130. Lamentations Rabbah 1:1:16; Midrash on Proverbs 19:19-21; Midrash on Psalm 21:1, 2, *etc.*

131. Targum on Jeremiah 23:5, 6.

132. Pesiqta de Rab Kahana, Pisqa 28.

133. Targum on Isaiah 9:5.

134. Genesis 49:8-12.

135. This probably comes from the word shalwah, which means peace, serenity. Zadok Kahn translates the name “the Peaceful One.”

136. Sanhedrin 98b; the Midrashim frequently refer to this verse: Lamentations Rabbah 1:1:16; Midrash Hagadol 158, etc.; Bereshith Rabbati on Genesis 49:10. This last passage identifies the star that comes out of Jacob, prophesied by Balaam in Numbers 24:17, with this Shilo, *i.e.* the Messiah.

137. Cf. Psalm 2:6-10.

138. Sukkah 52a.

139. Exodus Rabbah 8:1, on Exodus 7:1 (Soncino edition, p. 115). Exodus Rabbah is one of the component works in the Midrash Rabbah, a series of ten midrashic commentaries on as many books of the Bible, viz., the five books of Moses (Genesis, Exodus, Leviticus, Numbers, and Deuteronomy), and the five Scrolls read publicly on the major Jewish festivals (Song of Songs, Ruth, Lamentations, Ecclesiastes, and Esther). They are sometimes referred to by their Hebrew names; thus Exodus Rabbah may be called Shemoth Rabbah. These works are divided into traditional chapters and sections, which do not necessarily correspond to the chapters and verses of the biblical books being expounded. The standard English translation is published by the Soncino Press, but there are variant texts.

140. Cf. Isaiah 11:1-6.

141. Genesis Rabbah 2:4, on Genesis 1:2 (Soncino ed., p. 17).

142. The seed or shoot is one of the most dominant images in the Rabbinic literature for evoking the person of the Messiah (cf. T. J. Berakoth 5a; some texts of Numbers Rabbah 18, on Numbers 15:35; Genesis Rabbah 23:5, on Genesis 4:25, Soncino p. 196; in the latter midrash, King Messiah is conceived as “that seed which would arise from another source”).

143. Bereshith Rabbati, on Genesis 37:22.

144. Tehillim Rabbati (Rabbi Mosheh Hadarshan) on Psalm 85.12.

145. Parallelism is a literary device which consists of making words, entire phrases, or even chapters correspond to each other in a variable process of reciprocal reference.

It is explained basically by that primitive tendency of the Hebrew mind to harmonize form with substance. The Hebrew verb follows closely the out pouring of thought and feeling and thus gives the impression of an impulsive discharge by successive surges.

The fact is that it unfolds in a concentric manner and in that way is led to repeat the same theme, to specify it, to develop it, and to compass it in all its aspects.

Parallelism is, however, a form of elaborate repetition which follows rather precise rules. It answers to several techniques which are attested in the Bible and which we find in all the literature of the ancient Middle East, notably in that of Ugarit:

(1) The simple method. The second stich repeats the first in synonymous terms (Genesis 4:23); see Isaiah 27:1, above p. 47.

(2) The synthetic or complementary’ method. The second stich completes the idea of the first (Psalm 1:2); see Daniel 9:24, pp. 63, 64.

(3) The antithetic method. Two contrary expression are placed together in order to make them produce a contrast (Proverbs 10:1); see Micah 4 and 5, on pp. 56, 57.

(4) The chiastic or criss-cross method. The two expressions criss-cross each other, suggesting the form of the Greek letter Chi, (Genesis 9:6); see Micah 4:8 and 5:3b; 5:1; 4:14, on pp. 63, 64. Daniel 9:25-27, p. 65.

(5) The progressive method. The same thought is expressed in a manner increasingly more and more intense and more specific (Psalm 29:1); see Daniel 9:25, 26, on p. 65.

The importance of parallelism is considerable. It undeniably plays a major role in understanding the meaning of the biblical writings. Even the meaning of the words can be shaded or changed under the influence of parallelism. In order to understand a text, it is therefore absolutely indispensable to determine before everything else its literary structure and thereby to reveal the parallelisms which run through it.

It was not until the eighteenth century that attention was given in Christian eireles to the esthetic characters of Hebrew poesy. Particular credit is due to the Anglican bishop R. Lowth for having placed emphasis for the first time on the importance of parallelism (his work was published in 1753 in Latin, then reissued in English under the title lectures on the Sacred Poetry of the Hebrews).

His work was, however, anticipated by the work of Jewish exegetes, among whom special mention is due to David Kimhi, Levi ben Gershom, and above all to Abraham ibn Ezra. (In an earlier epoch, Philo of Alexandria and Flavius Josephus had already discussed and studied this question; but their observations were strongly influenced by the metrical canon of the Greeks, as were those of Origen, Eusebius, and Jerome. ) Afterward, research progressed to the point w here we would not think of studying the Bible seriously while ignorant of such an important principle (cf. especially articles on Hebrew poetry in the better Bible dictionaries: G. B. Gray, The Forms of the Hebrew Poetry ; Martin Buber, Schriften zur Bihel. which has the merit of assessing all the import of parallelism for exegesis).

146. This is equally the case with Genesis 1 and 2 (cf. U. Cassuto, La questione della Genesi. p. 258).

147. T. J. Berakoth 5a.

148. Bereshith Rabbati, on Genesis 49:10.

149. Cf. the Targum of Jonathan in its version of the passages - see especially verses 4:7-8 and 5:1.

150. Cf. Yoma 10a, Sanhedrin 18b, Sukkah 52b, Song of Songs Rabbah 8, etc.; Targum of Jonathan on Micah 4:7, 8; Micah 5:1; *etc.*

151. Genesis Rabbah 56:16; cf. also Midrash on Psalm 126:3.

152. A. and R. Neher, Histoire Biblique du Peuple d’lsrael, p. 305.

153. Cf. Genesis 22.

154. Cf. 1 Chronicles 21:15, 16.

155. Cf. 1 Chronicles 21:28 to 22:1.

156. Aboth de R. Nathan 34.

157. Philo, Legum allegoria, III.79-80 (Loeb ed., vol. I, p. 353).

158. Baba Bathra 75b. Cf. Midrash on Psalm 21:1 - “Just as He names the Messiah by His own name, so will He also name Jerusalem by His own name.”

159. Cf. 2 Kings 9 and Hosea 1:4.

160. For the dialectic between Jerusalem and Bethlehem, see the parallelism in Micah, above on pp. 56, 57.

161. Sanhedrin 98a.

162. For his coming on the foal of an ass, see Baruch Rab, section 13 on Genesis 32:5; Tanhuma on Genesis 32:5; *etc.*

For his coming “on” the clouds, see Numbers Rabbah 13:13-14.

163. Cf. note 145 on parallelism.

164. The Masoretic marginal reading proposes for the first proposition the reading HTM and not KHTM, as the written text indicates. However that may be, the meaning would hardly be different (to put an end) and the wordplay would be nevertheless preserved.

165. The holy of holies (qodesh qodashim) is the technical term which in the Hebrew Bible designates this apartment of the Temple (cf. Exodus 26:33, 34).

166. This refers to the covering of the Ark of the Covenant, the box or chest containing the tables of the Law (cf. Exodus 4:20; Deuteronomy 10:1-5).

167. The proof is that lamentation for the destruction of the Temple which is reported to us in the Talmud: “Woe to the peoples; great is their ruin. They do not know what they have lost. While the Temple stood, the altar made expiation for them. Henceforth who will do it?” (Sukkah 55b).

168. The expression ayn lo appears to be a contraction of the expression which is found elsewhere in the book of Daniel (Daniel 11:45): ayn ozer lo, and which means “no one to help him.”

169. This punctuation goes back to the tenth century of our era.

170. The Peshitta is a translation in the Syriac language written about the second century A.D.

171. That this paragraph can only refer to the Messiah can be seen by the following observations: (1) the presence of the theme of the weeks, a key word associated with the Messiah; (2) its conformity to the chiastic pattern of the passage (Messiah - Jerusalem - Messiah - Jerusalem - Messiah - Jerusalem); (3) finally, the ideas of covenant (Berith) and of cessation of offerings (Yashbit), taking up the ideas expressed through the verbykaret of the preceding messianic paragraph (Ai), constituting therefore an additional indicator according to which A2 is arranged on the same plan as Ai and continues it. The word KRT (cut off) is in fact an allusion at the same time to the covenant (KRT is precisely the technical word which expresses the ratification of the covenant; cf. Exodus 24:8; 34:27; Joshua 9:15; Hosea 2:20; Jeremiah 34:13; etc.) and to the cessation. The word ykaret already contains in Ai the two theological meanings of the death of the Messiah - which we found explained in A2 as confirming the covenant by His sacrifice - and at the same time of the end of the sacrifices.

172. This mode of interpretation is also found in the Essene writings of the Dead Sea manuscripts. The seventy weeks are in these writings converted to 490 years, a period they also have terminating at the coming of the “Teacher of Righteousness”:

“But remembering the Covenant of the Patriarchs, He left a remnant to Israel…. And in the time of wrath, three hundred and ninety years [a note by Dupont-Sommer in the work from which this translation is taken explains how in this document the total time period actually meant is really 490 years] after He had delivered them into the hand of Nebuchadnezzar king of Babylon, He visited them…. And He raised up for them a Teacher of Righteousness to lead them in the way of His heart and to make known to the last generations what He would do to the last generation.” The Damascus Covenant (also known as the Zadokite Document) 1:4-11; translation from A. Dupont-Sommer, The Essene Writings From Qumran, translated bv Geza Vermes, pp. 121-122.

173. Nazir 32b.

174. Yoma 54a.

175. Lamentations Rabbah 34.

176. Some have thus supposed that it is a question of two different Messiahs in the passage. But nothing in our text authorizes such an explanation. Both times there is the same term of Messiah, in the same indefinite grammatical form, which is employed with several intervening words. As for the word Nagid (prince), which qualifies the first occurrence of the word Messiah, it simply indicates his princely ascendancy according to the old messianic tradition (cf. Genesis 49:10),

The fact that this qualifying word does not occur the second time ought not to be taken into consideration in order to conclude that the author is abruptly speaking of a new Messiah. It is as if one spoke in the same paragraph, first of a beautiful tree and then a second time of a quite short tree; it is evident that it still remains a statement about the same tree.

177. Cf. note 172.

178. The date which the biblical account provides for the decree of Artaxerxes is pinpointed in Ezra 7:8. It is the moment when Ezra arrives in Jerusalem and finally announces to Israel the terms of the decree, and this became effective from that time on. This brings us “to the fifth month of the seventh year of Artaxerxes.”

History informs us that Artaxerxes began to reign from the year 465 B.C.E. That is the year of his accession to the throne. Now, for the Bible, the first year of a reign is actually counted from the beginning of the following year (see Jeremiah 25:1 and Daniel 1:1, 2; cf. 2 Kings 18:1, 9, 10).

Moreover, the years of the reign were counted in the Bible beginning with the autumn ‘month of Tishri), following the practice of the Persian system then in force. This explains why, for example, in Nehemiah 1:1 and 2:1 the month of Nisan (first month) is preceded by Kislev (ninth month), all the time referring to the same twentieth year of the reign of Artaxerxes (the traditional Jewish calendar begins with Passover in the month of Nisan; then come the months of Iyyar, Sivan, Tammuz, Ah, Elul, Tishri. Heshvan, Kislev, Tebeth, Shebat, and Adar).

For the Mishnah as w ell as the Talmud, the year of reign in the Bible must begin in Tishri (cf. Mishnah, Rosh haShanah 1:1 and T.B. Rosh haShanah 3:72; cf. also the commentary in Hebrew of Hartom-Cassuto on the verse in Nehemiah 1:1).

And since Artaxerxes acceded to the throne in 46S. it is necessary to place his first regnal year from the autumn of 464 to the autumn of 463 and his seventh year therefore from autumn 458 to autumn 457. It is precisely in the fifth month. Ezra tells us, that the decree was promulgated. The first month was that of Nisan (month of the Passover; see Ezra 6:19); so the fifth month takes us to Ab: it is the end of the summer of 457 B.C.

179. The use of the verb ykaret is very suggestive in this connection. The verb is regularly used in the Bible to designate the execution of an offender ‘cf. Numbers 15:31; Leviticus 20:17), or, in a broader sense, a massacre f cf. Isaiah 1 1.13, Micah 5:8).

180. Flavius Josephus, Jewish Antiquities 10.11.7.

181. Flavius Josephus was born A.D. 37.

182. Josephus, ibid.

183. Berakoth 12b.

184. Even circumcision could be interpreted in this sense Subsumed under the idea of sacrifice, it appeared in the Old Testament as having the effect of appeasing the anger of God.

This is the explanation of the episode concerning Moses (the bloody husband i. threatened with death by God simply because he had neglected to practice circumcision (cf. Exodus 4:24-26).

In that way of thinking we can also explain the relation between circumcision and the Passover lamb - symbol of the grace of God which passes over” ‘ cf. Exodus 12:43-49; Joshua 5:2-9).

Finally, by striking man in the place where the vital seed resides, circumcision evokes the Person of the Creator. This relationship has been noted in the Mishnah: “Great is circumcision, for without it the world would not have been created (Nedarim 311).

According to this last interpretation, circumcision would be an allusion to the ultimate rending of the Creator, who did not hesitate, in order to save man, to “mutilate His very Self.

As a matter of fact, the Hebrew word Berith Milah would already suggest such an interpretation, Berith Milah means the covenant of cutting, “or more precisely the “cutting of cutting, which is a superlative, the cutting par excellence

Beyond circumcision we can catch a glimpse of the various aspects of the Messianic ministry sacrifice, rending, covenant, *etc.* at the level of the very Person of the Creator.

185. Jewish Antiquities 18.3.3 The passage is considered to be among the most securely authentic by all scholars, whether Jewish or Christian(cf Ch. Guignebert. Jesus, pp. 16-1”, and J Klausner. Jesus of Nazareth. Pp. 55-57).

186. Luke 3 1. 23. According to this passage. Jesus began His ministry in the fifteenth year of the reign of Tiberius Caesar, from the moment when He was baptized and anointed (meshiah) by the Spirit of God (cf. Luke3:21. 22).

That fifteenth year must be counted beginning in 765 (year 12 in our reckoning), the date of which Augustus caused it to be voted by the Senate and the Horn an people as the law of the empire that Tiberius would be his equal .it the head of the Roman Empire. Archaeology has confirmed this date, since some’ coins have been discovered at Antioch bearing the date 765 of the Roman calendar and reproducing the likeness of Tiberius with an inscription of the significant expression, “Kaisar Sebastos.”

Furthermore, the Syrian calendar, which we have reason to believe was the one followed by Luke, made the regnal year begin in autumn, just as the Israelites of the Old Testament had done (cf. Dictionnaire encyelopedique de la Bible, article “Chronologic du Nouveau Testament”). The fifteenth year of Tiberius therefore extends from the autumn of 779 to the autumn of 780 of the Roman era, i.e., from autumn 26 to autumn 27 of our era.

Finally, it must be remembered that the monk Dionysius Exiguus, who is the originator of our chronological reckoning, erroneously fixed the beginning of the Christian era at January 1, year 754 of the Roman era, which was four years after the birth of Christ. The Gospels inform us, in fact, that Christ was born a few months before the death of Herod, which happened in the year 4 before the common era ( cf. Matthew 2:1, 15, 19 ff.; cf. Emil Schurer, Geschichte des judischen Volkes, part 1, pp. 415-417; and Josephus, Jewish Antiquities 17.8.1; The Jewish War 1.33.1), which explains how Jesus could be about thirty years of age in the year 27.

It can therefore be affirmed with certainty that Jesus’ thirtieth year easily falls within the fifteenth year of the reign of Tiberius, as the third chapter of Luke gives us to understand, and as already mentioned. Actually, taking account of the fact that Jesus was born in the fourth year before the Christian era (the year of the death of Herod, as mentioned), he was about thirty years old in the period which covers from autumn 26 to autumn 27. and that period corresponds, as we have seen, to the fifteenth year of Tiberius.

But at what exact moment of the year did the baptism of Jesus take place? According to the seventy weeks prophecy, that would have had to be in the autumn of 27. If the data of the Gospels permit us to be sure as to the year, they leave us, by contrast, in the area of hypothesis as to the precise moment in that year. This is the only detail for which the verification of the Seventy Weeks leaves something to be desired. But when one takes account of the perfect correspondence of all the rest, there can be little doubt of the reliability and high value of the prophecy.

187. Cf. Ld. Fleg, Jesus raconte par le juif errant, p. 21. Cf. Sanhedrin 97b; Luke 2:25, 26.

188. According to the Gospels, Jesus celebrated the Passover four times (cf John 2:13; 5:1; 6:4; 13:1).

189. Cf. Ch. Guignebert, Jesus, p. 21;cf. H. L. Strack, Jesus, die Haretiker und die Christen nach den altesten judisehen Angaben.

190. By his real name, Loch, Judah ben Bezaleel (1 512-1609) - eminent Talmudist, Cabbalist, scholar, and thinker - the Maharal of Prague is still famous because of his important literary and philosophical work. Numerous studies have been devoted to him (cf. A. Neher, le puits de l’exil; B. Gross, Le messianisme juif; Th. Dreyfus, Dieu parte aux hommes).

191 Cf. Tipheret, chapter 29.

192. Samson R. Hirsch, Ten letters on Judaism, No. 18. Hirsch was a German rabbi who became the champion of Orthodox Judaism in opposition to the Reform movement and assimilationism.

193. See his drama, Nathan the Wise.

194. La Racine et la Source, p. 122 The Church historian Leonhard Goppelt has recognized this point: “Thus Jesus’ disciples did not consider themselves, as did the Essenes and Pharisees, to be the True Israel who were soon to inherit salvation. Rather they considered themselves to be the New Israel upon whom God’s salvation had already dawned, even though the word new was not expressed at first. Unlike the others they did not disparage the Jewish nation outside their own fellowship, but addressed it as a whole, just and unjust alike, and emphasized its being the people of the promise.” Goppelt, Apostolic and Post-Apostolic Times, translated by Robert A. Guelich, p. 28; cf. p. 14.

195. Le Judai’sme, p. 74.

196. The Greek verb pl er osai is the opposite of katalusai, to unloose, to destroy, to overthrow; and it comes from the root pl er es, full, which justifies Jules Isaac’s translation, “to give fullness” (cf. J. Isaac, Jesus et Israel, pp. 65, 66). The Today’s English Version brings out another nuance.

197. L’enseignement de leschoua de Nazareth, p. 122.

198. Shabbath 128a.

199. L’enseignement de leschoua de Nazareth, p. 122. Cf. also Burton Scott Easton, Christ in the Gospels, pp. 82-139.

200. “The scribes and the Pharisees sit on Moses’ seat,” affirmed Jesus, “so practice and observe whatever they tell you!” This he said to his disciples. (Matthew 23:2, 3.)

If Jesus had really advocated the annulment of the Law, then none of His followers would have understood His teaching - not even His mother, Mary. In fact, do we not see her, after the death of her Son, resting on the Sabbath, “according to the Law”? (Cf. Luke 23:56 and 24:10.)

201. The examples chosen to illustrate his thesis are taken from the Decalogue: “Thou shalt not commit adultery… thou shalt not kill” (James 2.11).

202. The American Catholic theologian Gregory Baum has been struck by this seeming contradiction in the epistles of Paul concerning the Law. “One of the most difficult theological notions in the letters of St. Paul,” he tells us, “is that of the Law. It is obscure and puzzling because it seems to contain certain contradictions, attitudes opposed to one another to such a degree that they apparently defy an attempt at reconciliation. On the one hand we hear that the Law is good…. While quotations from Paul confirming the holiness of the Law could be multiplied, there exists also a sizeable set of passages which manifest a negative evaluation of the Law.” The Jews and the Gospel (London, 1961), p. 186.

203. Cf. Deuteronomy 10:1-5 and 31:25, 26. The first passage mentions tablets of stone (cf. also Exodus 25:16; 40:20; and 1 Kings 8:9), the second, a book. As it happens, it was a book which was rediscovered in the Temple some 900 years later in the time of King Josiah (cf. 1 Chronicles 34:15, 31). The book deposited at the side of the ark dealt with the sacrifices. It is of further interest that it was to those who officiated at the sacrifices that the book was entrusted (cf. Deuteronomy 31:9).

204. The Hebrew word Teshub, which translates the idea of repentance, literally means “a turning back.”

205. “What can be substituted for the oxen which we used to offer unto Thee? Our lips, with the prayer which we offer unto Thee.” Pesiqta 165b. Cf. Hebrews 13:15.

206. L’enseignement de leschoua de Nazareth, pp. 137, 138. Cf. also F. Lovsky, La dechirure de I’absence.)

207. Page 129. On the Jewish side, note especially the works of Sch. BenChorin, Bruder Jesus: Der Nazarener in judischer Sicht; David Flusser, Jesus; and other authors such as Joseph Klausner, Salomon Asch, R. Aron, *etc.*

208. Revue Biblique (1910), p. 10.

209. The Jewish historian Leon Poliakov underlines this fact vigorously: “Nothing in the teaching of the Nazarene, even though it could shock many a doctor of the Law, constituted a formal heresy from the Jewish point of view.” The History of AntiSemitism, I: From the Time of Christ to the Court Jews, p. 18.

210. On this occasion they had scorned the most respected customs of Jewish jurisprudence. In fact, the Talmud informs us that no trial, and especially no trial involving an alleged capital offense, could be conducted on the eve of the Sabbath or a festival (Cf. Sanhedrin 4:1; cf. Lagrange, John, p. 471). Likewise, they despised the Mishnaic principle that “trials in which the life of a man is at stake must take place in the light of day” (Cf. Daniel-Rops, Jesus and His Times, p. 490.)

211. John 19:6. According to the same source, it was also the priests who had answered Pilate with the words “We have no king but Caesar” (John 19:15), which harmonizes perfectly with the data of history. The priests felt a greater degree of solidarity with the Roman power than with the common people (see next note).

212. Nominated by the Roman governor, they were in fact captive to him. They retained no power - not even that of inflicting capital punishment (cf. Mishnah Sanhedrin 1:1; 7:2). They were even more stringently dependent on the Roman procurator because he kept custody, under lock and key, of their sacerdotal vestments and ornaments. (Cf. Jules Isaac, Jesus et Israel, p. 274.)

213. Flavius Josephus, Jewish Antiquities 28.8.

214. This refers to the family of Caiaphas.

215. J. Klausner, Jesus of Nazareth, p. 337. According to the author, the term “whisperings” alludes to the secret denunciations.

216. Jules Isaac, Jesus et Israel, p. 93.

217. History reports five episodes concerning Pilate - three reported by Flavius Josephus, one by Luke, and the last by Philo of Alexandria. All unanimously describe Pilate as strongly anti-Jewish, cruel, and very unpopular among the Jews of both Palestine and the Diaspora. (Cf. Jules Isaac, Jesus et Israel, pp. 316-318.)

218. Cf. Daniel-Rops, Jesus and His Times, p. 517; and Isaac, Jesus et Israel, pp. 341-343.

219. Cf. James 5:1-6. The apostle accuses the rich of having condemned and killed the Righteous Man. The priestly caste, known for its affluence and its rapacity (see above) is seen here.

220. According to certain historians, Jules Isaac tells us, “the Sanhedrin had in religious affairs the broadest jurisdiction possible, the right to condemn to death as well as the right of execution. This is demonstrated by several capital executions carried out during the period from the time of the crucifixion of Jesus to the destruction of the Temple (e.g., the execution of Stephen, Acts 6:12 ff.; 7:58 ff.; of James, reported by Flavius Josephus, Jewish Antiquities 20.9.1; and of the daughter of a priest, T.B. Sanhedrin 7:2, 52b). Hence one can deduce that Jesus, having been crucified and not stoned, must have been judged and condemned by the Romans, not by the Jews.” Jesus et Israel, p. 409. (Cf. also David Flusser, Jesus, pp. 129, 137, 138.)

221. According to Daniel-Rops, it was about 5:00 a.m. (cf. op. cit., p. 422).

222. According to the majority of historians, it was not until the fourth century that the accusation of deicide arose. (Cf. Marcel Simon, Verus Israel, and F. Lovsky, Antisemitisme et Mystere d’lsrael.)

223. See, for example, the translation of Isaiah 53:8 in the Bible of Zadok Kahn.

224. On this subject see G. Friedmann, “Antisemitisme et personnalite” juive, in Fin du peuplejuif, pp. 317 ff.

225. See Luther’s tract, Dass Jesus Christus ein geborner Jude sei.

226. E. Amado Levi-Valensi, La Racine et la Source, p. 99.

227. Cited by Max Picard in Le monde du silence, p. 184.

228. Je’sus et Israel, p 5 5H

229. E. Amado Levi-Valensi, op. cit., p. 21. (Cf. R Loewenstein, Psychanalyse de l’Antisemitisme.

230. A classic example of this is the use of the word Baal. This term means “husband” and was originally used in that sense until the-day when it was assimilated to the Phoenician god of the same name I mm that time the door was open to syncretism between the husband of Israel and the pagan god. The prophets thoroughly purified their language from the word Baal (cf. Hosea 11:18;A. Neher, Langue hebraique et civilization biblique, p. 11).

231. Nostra Aetate 4, 2b.

232. Cf. E. Amado Levi-Valensi, op. cit. p 24.

233. Cf. Ibid. p 24.

234. Cf. our article, “La vocation a la difference,” in Conscience et Liberte No. 8 (International Revue of Religious Liberty).

235. L’homme revolte, p. 39.

236. I and Thou, p. 11.

237. Aboth 1:1.

238. La Talmud et ses maitres p. 25.

239. Article “Tradition.”

240. Article “Tradition.”

241. Cf. among so main others Christian authors such as the Catholic C. Tresmontant, in Essai sur la pensee hebraique, p. 95 and ff.; the Protestant Oscar Cullmann, in Immortality of the Soul, or Resurrection of the Dead?; and Jewish authors such as Josue Jehouda, in Le monotheisme, doctrine de l’unite, p. 32 ff.; Henri Baruk, in Connaissance de l’homme au XXe sičcle, p. 50 ff.; Robert Aron, Lettre ouverte a l’Eglise de Eternite, p. 107 ff.

242. Vol III. p 498.

243. Presence de l’Eternite, p. 151.

244. See the article “Immortality of the Soul,” Robert Aron explains the phenomenon thus: “I know as a historian that in the history of Israel the belief in conscious and individual survival after death was born in a precise moment of a moral crisis precipitated by the apparent injustice of fate, i.e., about the year 167 B.C., at the moment of the national uprising against the persecutions of Antiochus Epiphanes. Jews had perished in the service of their country and their god - an intolerable scandal, unacceptable to the hearts of the survivors, who sought and sought from the Supreme Being justifications, explanations, excuses. They found them in the belief in the immortality of the soul. Is facit cui prodest

, as a maxim of the legal profession puts it. That proves that survival after death is a necessity for the human heart, but it does not prove that it is true

.Let us be careful not to mistake our wishes, or our needs, for realities.” Op. cit., pp. 110, 111.

245. “La Bible et le Probleme de l’au-cela,” in Revue de Theologie et l’Action evangelique, p. 42.

246. Op. cit., p. 83. On this subject see also the thesis of Jean Zurcher, The Nature and Destiny of Man, and that of R. Martin-Achard, De la morte a la resurrection. The first author approaches the question by putting it on a philosophical level. The second undertakes a study of the biblical conception and therefore addresses it on the exegetical, theological, and historical level.

The two methods reach the same conclusion: monistic anthropology such as found in the Bible cannot be compromised with the dualism implied in the idea of the immortality of the soul.

247. Op. cit., p. 32. In this connection the psychiatrist H. Baruk notes that the movement of which Jehouda avails himself is in harmony with the most recent scientific data about personality; it unites the wisdom of the past (the Bible) with that of the future (science). Among the scholars who have given up the dualistic view, we must mention among others Dr. Alexis Carrel (in Man the Unknown).

In fact, one can find in the Bible the modern conception of “psychosomatics.” Man was considered as quite absolutely indivisible. Note how his physical life influenced his psychic life, and vice versa (cf. Proverbs 3:7, 8; 4:20-22). Hence the importance accorded in the Bible to dietary laws, to bodily hygiene and sanitation (cf. 1 Corinthians 3:16, 17; Leviticus 10:8-11; 11; etc.). The religion of biblical man had to embrace all the levels of his being (cf. 1 Thessalonians 5:23; 2 Corinthians 7:1). It is the whole man who is involved in his relationship with God (cf. Ecclesiastes 12:15 in the Hebrew text, kol haadam = the whole man).

248. Jerusalem Talmud, Shebith 4 (p. 365).

249. Jerusalem Talmud, Berakoth 2 (p. 37).

250. It was not until 1513, under the influence of the Lateran Council, that the dogma of natural immortality of the soul was finally proclaimed officially. The new bull, however, provoked more than one strong reaction - that of Luther being especially notable. The great Reformer relegated this dogma to the list of “the monstrous fables which comprise the Roman dunghill.” (Cf. Petavel-Ollif, Le probleme de l’immortalite, II, p. 77, and RHPR 198, p. 496 ff.).

251. Dialogue with Trypho 80.3-4.

252. That care which the rabbis and the fathers of the Church exercised in continually going back to the verses of Scripture in order to establish their arguments shows how much it represented for them the absolute criterion of the truth - the judge to which it was always necessary to resort.

253. On this question see in particular the work of T. Boman, Hebrew Thought Compared with Greek, and that of CI. Tresmontant, Essai sur la pensee hebraique.

It is well, however, to state the matter carefully. The contrast between the two modes of thought is not so absolute as these authors may lead us to understand. Nevertheless, the method of starkly contrasting them is a practical procedure for referring to them, in order to classify them at least schematically as profound and general tendencies of the cultures which they represent.

254. The apostle Peter expressed it well: “No prophecy ever came by the will of man, but men moved by the Holy Spirit spoke from God.” 2 Peter 1:21.

On this subject, see the remarkably fine analysis by Andre Neher in his book, The Prophetic Existence, p. 317 ff., where the author reflects on, among other things, the burden of the prophetic calling.

255. It was at Anathoth, a small Levitical town north of Jerusalem, that Abiathar, stripped of his priestly functions, took refuge together with his family for a perpetual banishment. Thus was fulfilled the curse that had been pronounced on the house of Eli, of whom he was a descendant (cf. 1 Kings 2:26, 27; 1 Samuel 2:30-35).

256. In Ecclesiastes 12:15, Deuteronomy 5:29; 6:2; 8:1, etc., the fear of God is associated with the keeping of the commandments, and in Deuteronomy 10:20; 13:5, etc., the idea of fear is associated with that of love. S. Plath supplies a table of this usage in his book, Furcht Gottes: Der Begriff Yra im Alten Testament, Arbeiten zur Theologie, 2nd series, vol. 2, p. 33. Cf. also Reinhold Sander, Furcht und Liebe im palastinensischen Judentum (Beitrage zur Wissenschaft vom Alten und Neuen Testament, IV, 16, 16-68). Cf. Paul Jouon, Crainte etpeur en hebreu biblique-Etude de lexicographic et de stylistique. Biblica, vol. VI.

257. In his study on the theology of the Maharal of Prague, Andre Neher devoted a whole chapter to this matter of the fear of God. The profound and original reflections of the Jewish thinker warn us against all neat schematizations of this subject and provide essential perspectives for the comprehension of this biblical concept. Cf. Le puits de I’Exil, p. 213 ff.

258. It is in this sense that we must understand the biblical expression of “a jealous God.” It belongs to the marriage imagery, which describes the relationship between God and His wife, Israel. The jealousy of God is a corollary of His love.

259. Cf. Psalms 139; 11:4, 5; 1 Chronicles 28:9; Hebrews 4:13;etc.

260. The verb is used only in reference to God.

261. Cf. Deuteronomy 28:10, where the two verbs are in parallelism. The Egyptian language also attests the same connection with reference to the verb NRJ. (Cf. Louis Derousseaux, La crainte de Dieu dans I’Ancien Testament, pp. 25, 26.)

262. La culture trahie par les siens, p. 36.

263. From Genesis to Malachi, “last canonical prophet of the Bible” (cf. A. Neher, Essence du prophetisme).

264. In Hebrew, as in Greek, it is the same word (malakh, angelos). Cf. Malachi 3:1, 23 in the Hebrew Bible (3:1; 4:5 in the Christian Bibles) and Revelation 14:6.

265. The word remember is itself a reference to something already known. It is true that the Israelites had to take the Sabbath into account even before the revealing of the Ten Commandments, as can be seen in connection with the giving of the manna (cf. Exodus 16:22-30). This requirement of God is very old; the Bible has it going back to the Creation (cf. Genesis 2:1-3).

266. Cf. above our chapter on “The Fear of God.” One encounters this association between Fear of God and Creation in Psalm 33:9, a psalm which is still today a part of the Jewish liturgy for the Sabbath.

267. Placing the application of this commandment on the level of God, that is to say, beyond time, in order to interpret it “mystically” as not meaning a specific day, or “prophetically” as a long period, therefore constitutes a complete misunderstanding. It is the seventh day of the week of man which God blessed and set apart. “The Sabbath was made for man” and not for God. It has to do w ith a specifically human time.

Furthermore, the Hebrew text (of Genesis 2:1-3), though it is commonly invoked in support of the mystical or prophetic notions of the Sabbath, simply does not authorize such speculation. The verbs having God as their subject in this passage (He rested, blessed, and set apart the seventh day) are used in a manner characteristic of the historical genre (imperfect with waw-conversive).

When, for example, it was a matter of narrating the episodes in the life of a patriarch, or the more general history of Israel, the Hebrew writer indeed always resorted to this particular verbal mode. Understanding this verse of Genesis as if it were concerned with a time to come or a symbol would oblige one to read all the historical narratives in the Bible in the same sense.

In any case, the Creation text speaks explicitly of days of twenty-four hours with an evening and a morning. The expression which designates the first day already announces this fact to us sufficiently: Yom ahad=day one (with a cardinal number; the days which follow are qualified with ordinal numbers - second, third, *etc.* j, an expression without ambiguity, which is used systematically throughout the Bible in the sense of a day of twenty-four hours.

The Sabbath which is in question does not refer to a long period or to a symbol; it is a concrete day which has an evening and a morning, a day intrinsic to human time - of twenty-four hours, a historical day.

268. Christ was resurrected on the first day of the week (cf. Matthew 28:1, 6); that is, on Sunday. Men have thus sought to justify the adoption of that day as the memorial of that event. But nothing in the teaching of Jesus and the apostles authorizes such a substitution. This line of argument did not appear until relatively late, in order to provide a rationale for a custom which had little by little infiltrated the Christian citadel under pagan influence.

Índice

[Prefácio](#Top_of_part0003_xhtml)

[Prefácio](#Top_of_part0004_xhtml)

[Introdução](#Top_of_part0005_xhtml)

[Capítulo 1](#Top_of_part0006_xhtml)

[Capítulo 2](#Top_of_part0007_xhtml)

[Capítulo 3](#Top_of_part0008_xhtml)

[Capítulo 4](#Top_of_part0009_xhtml)

[Capítulo 5](#Top_of_part0010_xhtml)

[Capítulo 6](#Top_of_part0011_xhtml)

[Capítulo 7](#Top_of_part0012_xhtml)

[Capítulo 8](#Top_of_part0013_xhtml)

[Capítulo 9](#Top_of_part0014_xhtml)

[Capítulo 10](#Top_of_part0015_xhtml)

[Capítulo 11](#Top_of_part0016_xhtml)

[Epílogo](#Top_of_part0017_xhtml)